

A continuação de *O bebê de Rosemary*

O Filho de Rosemary

IRA LEVIN





Trinta anos depois do lançamento do filme *O bebê de Rosemary*, de Roman Polanski, estrelado por Mia Farrow, o público finalmente irá descobrir o que aconteceu com a criança misteriosa, filha de Rosemary com Satã, em um romance que vai provocar calafrios, medo e tensão tanto quanto o livro e o filme originais. No cenário reluzente da Nova York de 1999, Rosemary reencontra seu filho. E também se desenrola a maior batalha entre o bem e o mal de todos os tempos — uma luta que terá consequências assustadoras não apenas para a heroína e seu filho, mas para toda a humanidade.

O filho de Rosemary é um thriller empolgante e uma fábula de alerta para o novo século. Com grande habilidade e senso de ritmo, Ira Levin nos transporta em uma jornada rumo à escuridão — e às forças que guerreiam dentro de todos nós.

IRA LEVIN

A continuação de O bebê de Rosemary

Tradução de

SYLVIO GONÇALVES



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Levin, Ira, 1929-

L645f O filho de Rosemary / Ira Levin; tradução de

Sylvio Gonçalves. - Rio de Janeiro: Record, 1998.

Tradução de: Son of Rosemary

Relacionado com: O bebê de Rosemary

Ficção norte-americana. I. Gonçalves, Sylvio. II. Título.

98-0852 CDD-813 / CDU - 820(73)-3

Título original norte-americano: SON OF ROSEMARY

Copyright © 1997 by Ira Levin.

Trecho da música "Let's Face the Music and Dance" by Irving Berlin, copyright © 1935, 1936 by Irving Berlin. Copyright renovado. Copyright internacional protegido. Usado mediante autorização. Todos os direitos reservados.

Trecho da música "Change Partners" by Irving Berlin, copyright © 1937, 1938 by Irving Berlin. Copyright renovado. Copyright internacional protegido. Usado mediante autorização. Todos os direitos reservados.

Trecho da música "Blue Skies" by Irving Berlin, copyright © 1927 by Irving Berlin. Copyright renovado. Copyright internacional protegido. Usado mediante autorização. Todos os direitos reservados.

Trecho da música "Isn't This a Lovely Day" by Irving Berlin, copyright © 1935 by Irving Berlin. Copyright renovado. Copyright internacional protegido. Usado mediante autorização. Todos os direitos reservados.

Trecho da música "Cheek to Cheek" by Irving Berlin, copyright © 1935 by Irving Berlin. Copyright renovado. Copyright internacional protegido. Usado mediante autorização. Todos os direitos reservados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 — Tel.: 585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil



ISBN 85-01-05140-3

Restauração das capas, digitalização, formatação e correção: **Chuncho (LAVRo)**

PARA
MIA FARROW

“A Bíblia deixa bastante claro que Satã é real, e que ele é muito poderoso. Ele não é um mito, não é apenas uma projeção de nossas mentes numa tentativa de explicar os mistérios do mal. Ele é um poder espiritual malévolo cujo único objetivo é se opor ao trabalho de Deus. ”

— BILLY GRAITAM

Newsweek, 13 de novembro de 1995

Pode haver problemas adiante, Mas por enquanto há apenas luar e música E amor e romance...

Vamos nos juntar à música e dançar.

Antes dos violinistas irem embora, Antes que nos peçam para pagar a conta E enquanto ainda temos a chance...

Vamos nos juntar à música e dançar

— IRVING BERLIN

“Let’s Face the Music and Dance”

Follow the Fleet, 1936

Um





Em Manhattan, na manhã fresca e clara de 9 de novembro de 1999, terça-feira, o Dr. Stanley Shand, dentista aposentado e duas vezes divorciado, deixa seu apartamento na Amsterdam Avenue para sua caminhada diária. Ao longo da rua 89, anda vigorosamente, cabeça ereta protegida por um boné, olhos reluzentes. Sua disposição é sustentada por sua boa saúde e um segredo, um segredo glorioso que aquece cada momento das primeiras horas de seu dia. Ele é um participante — na verdade, se tornou recentemente o último participante vivo — de um acontecimento cósmico engendrado há trinta e três anos, e agora a apenas dois meses de sua fruição definitiva.

Na Broadway com a rua 74, um táxi desgovernado invade a calçada e

esmaga o Dr. Shand contra a parede do Beacon Theater. Ele morre na hora.

Neste exato instante — alguns segundos depois de 11:03 — na Casa de Repouso Halsey-Bodein, em Upper Montclair, Nova Jersey, os olhos da paciente do Quarto 215 se abrem. Estiveram fechados por muitos anos, desde que a mulher fora trazida para a HB — em mil novecentos e setenta e poucos, pelo que todos podiam se lembrar.

A velha enfermeira negra que estava massageando o braço direito da mulher demonstra uma extraordinária presença de espírito. Engole em seco, respira fundo e prossegue a massagem.

— Olá, querida — diz com suavidade. — É bom tê-la conosco.

A placa em seu uniforme ostenta o nome CLARICE; acima dela há um *button* redondo com os dizeres EU Y ANDY. Libertando um braço, leva a mão até a mesinha-de-cabeceira e aperta um botão.

Os olhos da paciente, voltados para cima, piscam. Preme os lábios, reluzentes de saliva. Tem cerca de cinquenta anos e se encontra lívida e esquelética. Sua cabeça — cabelos ruivos acinzentados bem penteados, olhos azuis exprimindo confusão — rola para o lado.

— Você ficará bem — diz-lhe Clarice, pressionando com força o botão, depois novamente. — Não se preocupe, você ficará melhor agora. — A enfermeira abaixa o braço da mulher para a cama. — Vou chamar o médico. Não se preocupe. Volto já.

A mulher observa a enfermeira se afastar.

— TIFFANY! Tire a porra desse fone de ouvido! Chame Atkinson! Dois-Quinze abriu os olhos! Está acordada! Dois-Quinze acordou!



Mas o que, em nome de Deus, havia acontecido? Lembrou de estar sentada à mesa diante da janela do quarto, por volta das sete da manhã, com Andy a alguns metros, sentado no chão vendo TV. Estava datilografando uma carta para casa contando sobre sua mudança para San Francisco, tentando não ouvir Kukla, Ollie e o maldito círculo de feitiçaria entoando uma cantilena no apartamento ao

lado, a casa de Minnie e Roman... e então tinha acordado aqui, num ensolarado quarto de hospital com um tubo intravenoso enfiado num braço e uma enfermeira massageando o outro. Andy também estava machucado? Deus, por favor, não! Teria acontecido algum tipo de desastre? Por que ela não se lembrava de *nada*?

Colocou para fora a ponta da língua, lambeu os lábios; estavam cobertos por algum tipo de unguento de menta. Há quanto tempo estava adormecida? Um dia? Dois? Não sentia nenhuma dor, mas mesmo assim não conseguia mover-se. Pôs-se a limpar a garganta.

A enfermeira aproximou-se correndo.

— O doutor está vindo. Fique calma.

— Meu... meu filho está aqui? — sussurrou Rosemary.

— Não, só você. Está falando! Graças a Deus! — A enfermeira baixou uma manga sobre o braço de Rosemary, apertou-lhe a mão e se moveu para o pé da cama. — Graças a Deus!

— O que... aconteceu? — indagou Rosemary.

— Ninguém sabe, meu bem. Você tem estado apagada como uma lâmpada.

— Há quanto tempo?

Clarice, testa franzida, cobriu Rosemary até os ombros com o lençol.

Não sei ao certo — respondeu. — Não estava aqui quando você chegou. Pergunte ao médico. — Sorriu para Rosemary, CLARICE com um *button* EU Y ANDY.

— O nome do meu filho é Andy — disse Rosemary, retribuindo o sorriso. — Esse coração significa amor?

— Isso mesmo — respondeu Clarice. Levou um dedo ao *button* branco. — “Eu amo Andy.” Fazem isso há... há algum tempo. Usam para coisas diferentes. Como “Eu amo Nova York”. Esse tipo de coisa.

— E bonitinho — disse Rosemary. — Não tinha visto antes.

Um homem de branco pediu licença para passar por algumas pessoas idosas olhando pelo vão da porta. Era um homem grande com cabelo ruivo e barba felpuda. Clarice virou-se, movendo-se para o lado, enquanto ele entrava e fechava a porta.

— Ela está falando e pode mover a cabeça — disse Clarice.

— Olá, Srta. Fountain! — saudou o médico, aproximando-se da cama, sorrindo para ela através de sua barba ruiva. Pousou a valise e uma pasta de cartolina numa cadeira ao lado. — Sou o Dr. Atkinson — disse o homem, levantando a ponta do lençol. — Essa é uma notícia maravilhosa. — Pegou o pulso de Rosemary com dedos mornos e olhou seu relógio de pulso.

— O que aconteceu comigo? Há quanto tempo estou aqui? Um momento — disse o médico, estudando o relógio.

Aparentemente, por baixo da barba, ele não era muito mais velho que Rosemary, algo em torno dos trinta e cinco anos. Um estetoscópio ultramoderno pendia como um fino colar prateado sobre a jaqueta, que trazia uma placa com o nome DR. ATKINSON num lado e um *button* EU Y ANDY no outro — um Andy da equipe médica, considerou Rosemary, ou um paciente favorito. Ela tentaria conseguir um antes de sair dali.

O Dr. Atkinson soltou o pulso de Rosemary e sorriu para ela.

— Até aqui tudo bem. Surpreendentemente bem. Tenha um pouco mais de paciência, por favor. Quero ter certeza de que não vamos perdê-la de novo, e depois lhe contarei tudo que sabemos. Sente alguma dor?

— Não.

— Bom. Procure relaxar. Sei que não vai ser fácil.

Não foi. Tudo o que sabemos...

Significando que havia coisas que eles não sabiam...

E o nome pelo qual ele a chamara, *Srta. Fountain*...

Um vazio gélido cresceu em seu estômago — enquanto o doutor examinava seu coração, ouvidos, olhos e pressão.

Ela estava aqui havia mais de dois dias, tinha certeza. *Duas semanas?*

Jogaram um feitiço em mim, Minnie e Roman e o resto do círculo. Fora esse o motivo daquela cantilena horrível. Havia descoberto que ela estava levando Andy para cinco mil quilômetros de distância deles, que ela comprara as passagens de avião.

Lembrou do feitiço que tinham lançado em seu velho amigo Hutch, na época em que ela estava grávida. Temiam que, com seu conhecimento sobre magia negra, do tipo real, ele compreendesse o que tinham feito com ela, e de quem era a criança em seu ventre. O pobre Hutch entrara num coma inexplicável por *três ou quatro meses*, e depois morreria. Tinha sorte de estar viva, mas e quanto a *Andy*? A criança ficou completamente à mercê deles enquanto Rosemary esteve naquele quarto; eles deviam ter alimentado e estimulado o lado de Andy sobre o qual ela tentava não pensar.

— Desgraçados!

— Desculpe, não entendi — disse o médico, sentando ao seu lado. Arrastou sua cadeira para mais perto da cama e inclinou a cabeça grisalha para Rosemary.

— Quanto tempo? Semanas? Meses?

— Srta. Fountain...

— Reilly — corrigiu. — Rosemary Reilly.

Ele recuou, abriu a pasta sobre seu colo, olhou para baixo.

— Me conte! — implorou. — Tenho um filho de seis anos que está em... está com pessoas em quem não confio.

— A senhora foi trazida para cá por um Sr. e uma Sra. Clarence Fountain — disse o Dr. Atkinson, lendo os documentos na pasta de cartolina. — Disseram que a senhora era sua neta, Rosemary Fountain.

— Os Fountain pertencem a... esse grupo de pessoas de quem falei. Foram eles que me puseram aqui, quero dizer, que me puseram em coma. Não foi nesse estado em que estive? Num “coma” inexplicável?

— Sim, mas um coma não é...

— Eu sei o que fizeram comigo — gritou, apoiando-se num cotovelo para erguer o corpo; caiu de volta na cama. Tentou levantar novamente, apesar dos avisos e das mãos; dessa vez conseguiu firmar bem o cotovelo. Levantou o tronco, ficando olho com olho com o Dr. Atkinson. — Eu sei o que fizeram comigo. Não vou lhe contar mais nada porque sei, por experiência própria, que pensarão que estou louca. Não estou. Gostaria muito que você me dissesse há quanto tempo estou aqui, onde estou exatamente e quando poderei ir para casa.

O Dr. Atkinson sentou-se novamente e respirou fundo. Fitou Rosemary com uma expressão preocupada.

— A senhora está numa casa de repouso em Upper Montclair, Nova Jersey.

— Uma casa de repouso? — perguntou.

Ele assentiu.

— A Halsey-Bodein. Somos especializados em... tratamentos de longo prazo.

Ela olhou para ele.

— Que dia é hoje?

— Terça-feira — respondeu. — Nove de novembro...

— Novembro? — disse Rosemary. — Era maio ontem à noite! Meu Deus!

Ela caiu de volta contra o travesseiro, as mãos sobre a boca, olhos fitando o teto, lágrimas jorrando. Maio, junho, julho, agosto, setembro... *seis meses!*

Tinham-lhe roubado parte de sua vida! E Andy estava à mercê deles há seis vezes trinta dias e noites!

Viu o médico olhando preocupado para ela, ainda mantendo um distanciamento...

Tirou as mãos da boca, virou-as diante de seus olhos. As costas das mãos, a pele sobre elas, estavam... *ásperas*. Um sinal marrom, dois... Ela tocou uma mão com as pontas dos dedos da outra. Olhou para o médico.

— A senhora está aqui há muito, muito tempo.

Agora o médico inclinou-se mais para perto da paciente e pegou a mão de Rosemary entre as suas. Apertou-a. Clarice, no outro lado da cama, segurou-lhe a outra mão. Olhos arregalados, lábios trêmulos, Rosemary alternou seu olhar entre os dois.

— Gostaria de um sedativo? — indagou o médico.

— Não — disse, balançando a cabeça. — Não quero dormir novamente. Qual é a minha idade? Em que *ano* estamos? — Engoliu em seco, lágrimas nos olhos.

— Em 1999 — respondeu o médico.

Ela o fitou.

O médico assentiu.

Clarice confirmou, mordendo o lábio, balançando a cabeça.

— Foi trazida para cá em setembro de 1972 — disse o Dr. Atkinson, piscando. — Há pouco mais de vinte e sete anos. Antes disso a senhora esteve no New York Hospital durante quatro meses. Os Fountain, independente de quem fossem, abriram um fundo de ações que vem pagando seu tratamento esse tempo todo.

Ela se deitou de novo, cerrou os olhos, balançou a cabeça. *Impossível! Impossível!* O círculo tinha vencido! Andy estava completamente crescido, um estranho criado por *eles*, ao seu modo, para seus propósitos! Até onde ela sabia, ele poderia estar em qualquer parte agora, ou mesmo morto!

— *Oh, Andy, Andy!* — gritou Rosemary.

O Dr. Atkinson arregalou os olhos.

— Como a senhora sabe sobre *Andy*?

— Está falando de seu filho — esclareceu Clarice, acariciando a mão de Rosemary. — O nome dele também é Andy.

— Ah — disse o Dr. Atkinson, respirando fundo. Inclinou-se sobre Rosemary, dando-lhe tapinhas na mão e acariciando seu cabelo. Rosemary não parava de soluçar. — Srta... Sra. Reilly. Rosemary... Sei que isso será de pouco conforto, considerando os anos perdidos, mas até onde eu saiba, apenas duas das pessoas que estiveram em estado de coma por tanto tempo sobreviveram. O fato de a senhora ter emergido *tão... lúcida*, em condições físicas tão boas... bem, é *um milagre*. Trata-se, Rosemary, de um completo milagre.



Deixaram-na a sós por algum tempo, depois de Clarice ter enxugado seu rosto com um pano úmido, penteado seu cabelo e lhe dado um copo de água, do qual bebeu um pouco. Ela pedira que a parte superior da cama fosse levantada. Pela janela atrás do poste que sustentava a garrafa de soro, Rosemary, cabeça apoiada no travesseiro, observava as árvores de novembro, apropriadamente despidas de folhas.

Também pedira um espelho.

Não fora uma atitude sensata.

Ela se debatera e cobrira o rosto. Depois levantara o lençol e dera outra

olhada vacilante em tia Peg, piscando de volta para ela. Estranha semelhança. A diferença principal era que a querida tia Peg estava com cinquenta anos da última vez que a vira, enquanto Rosemary tinha agora mais de cinquenta e oito.

Somara 31 + 27 de cabeça duas vezes, e obtivera 58 em ambas as tentativas.

E Andy estava com trinta e três.

As lágrimas haviam começado novamente. Trocara o espelho pelo pedaço de tecido úmido e enxugara os olhos. *Contenha-se, sua velha. Se está vivo, ele ainda precisa de você.*

Não o tinham machucado fisicamente, é claro. Eles o idolatravam. O problema era esse. Criado por Minnie e Roman Castevet & Companhia — para não mencionar os adoradores que vinham constantemente de todas as partes do globo —, Andy devia ter crescido tão mimado e prepotente quanto o pior dos imperadores romanos. E talvez tão maligno quanto... quanto em quem ela odiava pensar. O círculo de feitiçaria devia ter feito tudo ao seu alcance para despertar e estimular o lado negro de Andy.

Ela trabalhara contra eles, torcendo poder ensinar-lhe amor amando-o, honestidade e responsabilidade provindo bom exemplo... o iluminado credo de Summerhill. Mesmo quando ele era novo demais para entender, ela o colocara no colo cada noite antes...

— Sra. Reilly?

Virou a cabeça na direção da porta. Aproximava-se uma mulher atraente, de cabelos escuros, com cerca da idade de Rosemary *antes*. Seu *tailleur* azul-marinho, bonito e não muito futurista, tinha desenhos brancos nas golas erguidas e um *button* EU Y ANDY numa delas.

— Sou Tara Seitz, a assistente social daqui — disse, sorrindo. — Quando você se sentir sozinha, virei correndo. Já falei com outros sobreviventes de coma. Acho que posso ajudá-la. Posso entrar?

Rosemary assentiu.

— Sim. E senhorita, não senhora. Sou divorciada.

Tara Seitz entrou e sentou-se na cadeira ao lado, emanando Chanel N° 5.

Isso, pelo menos, era igual. Rosemary respirou fundo para inalar o cheiro.

Tara Seitz abriu um sorriso de modelo num comercial de pasta de dentes.

O Dr. Atkinson está empolgado com a sua recuperação, Rosemary. Ele e o Dr. Bandhu, nosso chefe de departamento, querem que você faça alguns testes mais tarde. Se os resultados forem os esperados pelo Dr. Atkinson, você poderá iniciar uma terapia física amanhã de manhã. Quanto mais cedo começar, mais rápido poderá sair daqui. Temos uma equipe de terapia realmente boa.

— Quando você acha que eu...?

Tara, palma erguida, abriu outro sorriso.

— Não é o meu departamento. Minha mensagem principal, sinto dizer-lhe, é que por mais tensa e desorientada que você esteja se sentindo agora, amanhã estará ainda pior, muito mais ciente do tempo que perdeu. E assim que acontece com comas mais curtos, e tenho certeza de que seu caso não é muito diferente.

Não conte com isso, Tara. Mas ela continuou ouvindo.

— Mas *depois* de amanhã você estará se sentindo melhor do que hoje, garanto. E um dia depois estará se sentindo ainda melhor e assim por diante. Procure lembrar-se disso amanhã. Você estará no fundo do poço, mas depois o caminho será todo de subida. E verdade.

— Não vou esquecer — disse Rosemary, e sorriu para ela. — Obrigada.

— Você tem um filho? — perguntou Tara.

— Sim — disse Rosemary, e balançou a cabeça, suspirando. — Está com trinta e três anos agora. Pode estar em *qualquer parte*. Não tínhamos família em Nova York, apenas... vizinhos.

— Sem problemas — disse Tara. — Recorreremos a um serviço de localização. — De um bolso lateral ela tirou algo que parecia uma caixa de maquiagem pequena e quadrada. Levantando a tampa, perguntou: — Qual é o nome todo dele?

Pensativa, Rosemary disse: — Andrew John Woodhouse...

Os olhos negros de Tara fixaram-se nos dela.

— O que há de errado? — perguntou Rosemary.

— Você disse Reilly.

— Esse é meu nome de solteira — explicou Rosemary. — Meu nome de casada era Woodhouse.

— Ah — expressiu Tara. A caixa de maquiagem parecia ser uma agenda estilo 1999; ela dedilhou dentro da caixa com uma unha vermelha de ponta afiada, dizendo: —Andrew, John, Woodhouse. Grafia igual à pronúncia?

— Sim — disse Rosemary. A unha parecia mantida comprida para aquela tarefa; as outras estavam curtas. Que coisa esquisita. — Data de nascimento?

Rosemary quase disse 6/66, a forma como os Castevet sempre falavam.

— Vinte e cinco de junho de 1966.

Tara dedilhou mais um pouco, fechou a bugiganga e abriu seu sorriso de comercial de pasta de dentes.

— Entrarei imediatamente com a requisição. Teremos uma resposta às cinco da tarde.

— *Cinco da tarde de hoje?* — perguntou Rosemary.

Tara deu com os ombros, enfiando a coisa no bolso.

— Cartões de crédito, registros escolares e de trânsito, aluguéis de vídeo, inscrições em clubes. Tudo isso fica agora em computadores, que estão todos conectados, ou podem ser conectados, entre si.

— Isso é *maravilhoso!* — disse Rosemary.

— Tem seu lado ruim — disse Tara, levantando. — Todo mundo está reclamando sobre perda de privacidade. Quer ver TV? Não consigo pensar numa forma melhor de você se atualizar. Verá mudanças enormes. — Ela abriu a gaveta da mesinha-de-cabeceira. — Por exemplo, a Guerra Fria acabou. Eles garantem que nós ganhamos. — Ela pegou um retângulo marrom fino e apontou

para o outro lado da sala. — Mas que tela pequena! Mudaram você para cá no mês passado. Agora entendo por quê.

Embutida na parede sobre a cômoda, uma gigantesca tela de TV desabrochou em cores e música.

— Mandarei a manutenção trazer uma grande imediatamente — prometeu Tara. — Este é o controle remoto. Já usou um?

— Um *parecido* com esse — disse Rosemary, aceitando o retângulo marrom. — Mais rudimentar.

Tara se inclinou sobre Rosemary.

— Basta um toque — disse, apontando para o botão seletor de canais. — Volume para cima e para baixo, canais para cima e para baixo. Esses são para a cor.

Rosemary trocou a imagem na TV de uma mulher feliz segurando uma lata de feijões para um bebê feliz comendo cereais para um apresentador de telejornal sério com um *button* EU Y ANDY no paletó. Congelou seu dedão. O apresentador, um negro de bigode, falava sobre incêndios na Califórnia.

— Este é um canal só de notícias — sussurrou Tara em seu ouvido. — Seria uma boa ideia vê-lo.

Rosemary, virando-se para ela, perguntou: — Quem é *Andy*?

Tara empertigou-se, respirou fundo e exalou, olhos arregalados.

— Por onde *começar*... — disse, olhando perdida para Rosemary. — *Andy* é o homem mais bonito, mais carismático na face da Terra. Surgiu de parte alguma anos atrás... bem, veio de Nova York, mas ninguém o conhecia antes... e ele inspirou e uniu o mundo inteiro. Não estou dizendo que ele uniu politicamente. Quero dizer em termos de fraternidade e disposição de cooperar e respeitar uns aos outros. Estávamos realmente em apuros, acredite, com toda a loucura surgindo com a proximidade do ano 2000, tiroteios nas ruas e tudo mais. Andy nos fez perceber que não importa que O chamemos Deus, Alá ou Buda: todos somos filhos do *mesmo* Deus. Andy é o nosso pastor rumo ao ano 2000. Ele está conduzindo a todos nós como uma só humanidade, purificada e renovada.

— Isso é maravilhoso — disse Rosemary, levantando-se um pouco da cama.

Tara suspirou, sorrindo para ela.

— Você irá vê-lo a qualquer minuto, pode ter certeza. A GC coloca no ar uma tonelada de comerciais, no mundo todo, em todas as linguagens. A GC pertence a ele. É uma organização ou fundação... as duas coisas, acho. Eu o vi ao vivo em junho último no Radio City Music Hall. O homem é hipnótico! Ele não faz muitas aparições ao vivo; aparece principalmente em especiais de TV. E passa *boa parte* do tempo sozinho, meditando. E uma pessoa muito espiritual, mas também possui um lado divertido, humano. Ele é o maior. *Todo mundo* acha isso, e usam seus *buttons* em todas as linguagens, até em braile! — Ela parou para respirar.

— Qual é o nome inteiro dele? — perguntou Rosemary.

— Adrian Steven Castevet — disse Tara. — Mas ele gosta de ser chamado de Andy. Por todos.

Rosemary continuou olhando para ela.

Tara assentiu.

— Seja um sem-teto ou um senador — disse ela. — Nenhuma diferença. E assim que ele é. A primeira vez que ele encontrou *ali está ele! Olhe!*

Rosemary virou-se.

Jesus!

O retângulo escorregou de seus dedos enquanto ela fitava a tela.

Ele parecia *Jesus* — o Jesus do calendário, não o semita de nariz curvo que ela vira em *slides* nas palestras da NYU. Seus cabelos longos e sua barba bem aparada eram castanhos, seus olhos, castanho-claros. Nariz reto, queixo quadrado.

Olhos castanho-claros? Andy?

Onde estavam os belos olhos de tigre que haviam procurado os seus tão

intensamente?

Ele estava usando lentes de contato... ou se submetera a alguma operação que fora desenvolvida enquanto ela estava fora. Mas nada podia ocultá-lo dela, nem os olhos castanhos, nem a barba, nem os vinte e sete anos. Andy. Andy. Andy.

— Pena, é a versão curta — disse Tara enquanto um símbolo dourado em forma de sol com GC no meio aparecia contra um fundo azul-celeste. — Ele não é uma pessoa bonita? Não é realmente especial?

Rosemary assentiu.

— Continue vendo — disse Tara. — Depois virá a versão longa. E outros comerciais, também. São os melhores comerciais na TV. São realizados por diretores famosos.

Rosemary pegou o retângulo marrom e olhou para ele como se tivesse esquecido sua função.

— Está se sentindo bem? — perguntou Tara.

Rosemary olhou para Tara e perguntou: O que significa GC?

Tara sorriu para ela.

— *God's Children*, filhos de Deus. Voltarei mais tarde.

Ela se virou e caminhou até a porta. Então se virou novamente e apontou a unha afiada para Rosemary. — Acharemos o *seu* Andy. Com toda certeza!



Nos cinco minutos seguintes, viu a versão longa do mesmo comercial e duas versões curtas diferentes.

Viu Andy à distância, sendo aplaudido por um tapete infinito de pessoas no Central Park.

No convés de um porta-aviões, fileiras de marinheiros o saudavam.

Viu Andy em *close up*, fitando-a diretamente nos olhos, e um pouco brincalhão também. Deus, ele crescera bonito, apesar dos olhos comuns. E estava sendo *imparcial*, não estava analisando como sua mãe.

Ouviu-o agora, uma voz forte mas gentil, com o mesmo tipo de textura arenosa que tivera ontem, quando tinha seis anos. Andy não lhe pediu que se preocupasse muito com isso, queria apenas que pensasse no fato de que somos todos descendentes do mesmo grupo relativamente pequeno de ancestrais, qualquer que tenha sido seu tamanho, forma ou cor, e que, portanto, pertencemos todos a uma mesma família. Fazia sentido nos maltratarmos tanto uns aos outros? Não podíamos simplesmente relaxar um *pouco*, e acender nossas velas e assim por diante...

Ela ponderou sobre isso enquanto era erguida por Clarice e outra enfermeira e colocada numa maca de rodas.

Enquanto era conduzida para uma sala de exames.

Enquanto os Drs. Bandhu e Atkinson tiravam seu sangue e passavam sensores eletrônicos sobre seus membros.

Ou ela fizera um trabalho realmente magnífico no seu papel de mãe durante os primeiros anos de Andy... ou o círculo encontrara um disfarce formidável para o filho de Satã.

Era isso que ele era, não havia mais motivo para não admitir essa realidade. Ele era também filho de Satã, não apenas seu.

Mas não estaria o círculo de feitiçaria, todos seus treze membros, mortos a essa altura? Mesmo os mais jovens, Helen Wees e Stan Shand, tinham cerca de sessenta anos.

O que Andy estivesse fazendo com uma fundação chamada *God's Children* e sua enxurrada de comerciais era obra *dele*, não do círculo. Ele gostava de ser chamado de Andy; não era um bom sinal? Desde o começo, Roman quisera chamá-lo Adrian Steven — o nome de seu pai e seu próprio nome real — mas ela vetara.

Eles tinham tido vinte e sete anos para chamá-lo de Adrian Steven ou

qualquer coisa que quisessem. Mas ele escolhera Andy.

Talvez *Summerhill* tivesse funcionado.



Ela estava sentada na cama, livre do tubo intravenoso, alimentando-se de sopa, parada num dentre as *dezenas* de canais — a esposa de um assassino condenado estava sendo entrevistada por um palerma empavonado —, quando Tara entrou abraçada a uma explosão de rosas vermelhas e crisântemos amarelos e cor de ferrugem.

— Oi, olhe só para você! — disse ela, carregando os buquês para a cômoda e despejando-os nela. — Nada do seu filho ainda, sinto dizer. Acharam quarenta e dois Andrew John Woodhouse até agora, mas apenas um, que vive em Aberdeen, Escócia, tem a idade certa. E um de trigêmeos. Tenho certeza que acharão o seu.

Não conte com isso, Tara.

— Há tanto programas de entrevistas... — disse. — Quando eu estiver numa forma decente, acha que eu poderia ir a um?

Tara virou-se com os olhos arregalados.

— Está brincando? *Esses...* São *deles!* Esse aí que você está olhando agora mandou as rosas; o arquiinimigo mandou os crisântemos. Alguém ligou para alguém, que ligou para alguém, que etecétera. Enquanto estamos falando, o Canal Cinco está fazendo uma matéria na rua.

Rosemary olhou para ela.

— Você é famosa! — disse Tara. — Não viu as notícias? Você é a mulher que acordou de um coma de vinte e sete anos e meio esta manhã, e agora está sentada vendo TV! E tomando sopa. Vai entrar no *Guinness Book*. Vocês tinham o *Guinness* naquela época?

Rosemary assentiu.

— Quando estiver pronta poderá aparecer no programa que quiser.

— Bom — disse Rosemary. — E tenho irmãs e irmãos que ainda devem estar vivos, provavelmente em Omaha. Pode mandar seu serviço de localização atrás deles?

— Talvez eles saibam onde está seu filho — disse Tara, caminhando até a cama com sua bugiganga de memória na mão.

— Duvido — disse Rosemary.

— E quanto ao pai dele?

Ela permaneceu em silêncio por um momento, e então perguntou: — Existe algum ator chamado Guy Woodhouse? Teatro e cinema?

Tara balançou a cabeça.

— Não.

— Já ouviu *falar* de um Guy Woodhouse?

— Nunca — disse Tara. — E eu vejo *tudo*.

— Então deve estar morto — disse Rosemary.

Tara fitou-a.

Rosemary deu-lhe primeiro o nome e a data de nascimento de Brian, e em seguida o nome e a data de nascimento dos outros.

Guy devia ter morrido no começo daqueles vinte e sete anos.

Ou Satã gostava de pregar peças? E por que não? Parafraseando Oscar Wilde ou algum outro, depois que você comete um estupro, logo depois percebe que não paga mais suas dívidas.

Independente do motivo, Guy não tinha recebido seu pagamento no trato pelos nove meses de uso de Rosemary. Ele não tinha se tornado o novo Olivier ou Brando.

Pobre coitado.

Desculpe, não tenho mais lágrimas.



Na manhã de terça-feira, 23 de novembro, dois dias antes da Ação de Graças e duas semanas depois de seu despertar milagroso, Rip Van Rosie — os tablóides em consenso deram-lhe esse nome — concedeu sua primeira entrevista ao vivo na televisão.

Com o cabelo recuperado (cortesia de um cabeleireiro da moda), vestida num casaco vistoso (cortesia de uma grande loja de departamentos), saltou da limusine branca comprida (cortesia da emissora) que a trouxera do Waldorf-Astoria para o estúdio da Costa Oeste, onde se registrara naquela manhã numa suíte de torre (cortesia da gerência). Acompanhada por seguranças, caminhou hábil e corajosamente através de uma turba de repórteres.

— Eu era assistente de produção da CBS-TV antes de me casar — disse à maquiadora.

— Ouvi isso em algum lugar — disse a maquiadora, empoando-lhe o rosto.

— Na década de sessenta, as mulheres ficavam em casa depois do casamento — disse Rosemary. — Pelo menos foi o que fiz.

— Eu poderia viver com isso — disse a maquiadora, penteando-a.

Entronada numa cadeira alta, seu vestido (cortesia de uma grande loja de roupas especializada em ocasiões formais) protegido por uma toalha (cortesia da maquiadora), Rosemary não conseguia deixar de admirar tia Peg no espelho. Quarenta e cinco, no máximo.

— Você é mágica — disse ela.

— Você tem bons ossos — redarguiu a maquiadora, usando um *spray*.

— O que sobrou deles — acrescentou Rosemary.



Ela escolhera este programa por duas razões: primeiro, era transmitido ao vivo, de modo que o que estava planejando dizer não seria cortado na edição — em caso, surpresa, de pensarem que estava louca; e segundo, porque o anfitrião parecia inteligente e de fato interessado em seus convidados.

Olhou para ele sobre sua mesa estreita, câmeras espreitando.

Rosemary, conte para a gente qual foi seu primeiro pensamento quando acordou? — perguntou o entrevistador, inclinando-se sobre seus braços dobrados. Usava, como sempre, camisa de manga comprida, suspensórios e um *button* EU Y ANDY.

Rosemary sorriu. Caminho desimpedido.

— Meu primeiro pensamento foi para meu filho Andy.

— Sim, eu soube que você teve ou tem em alguma parte um filho chamado Andrew. Então você realmente está usando seu *button* por *dois* Andys, certo?

Ela respirou fundo — *Deus abençoe o homem* — e baixou os olhos, sorrindo para seu *button* EU Y ANDY.

— Não — disse Rosemary, tocando o *button*, e voltou a olhar para o entrevistador. — Estou usando este *button* para apenas um Andy. Meu filho, Andrew John Woodhouse. Éramos vizinhos de uma família chamada Castevet, amigos nossos. O que aconteceu, aparentemente, foi que depois que entrei em coma eles tomaram conta de Andy. Talvez tenham-no adotado legalmente. Espero poder descobrir isso logo, agora que estou de pé.

O apresentador fitou-a através de seus óculos.

— Está dizendo, Rip... Rosemary, que *Andy*, Andy Castevet, é o *seu filho*?

— Sim. Sei que Minnie Castevet é tida como mãe dele, mas ela era velha demais. Nosso apartamento, meu e de Andy, ficava de frente para o dos Castevet. Isso foi no Bram, o Edifício Bramford.

Seu rosto permaneceu nos monitores do estúdio, a câmera enquadrando sua boca, os olhos.

— E... Roman Castevet era pai de Andy?

— Não. O pai de Andy era meu ex-marido, um homem chamado Guy Woodhouse. Acho que está morto agora.

O anfitrião piscou por trás dos óculos.

— Essa é uma declaração impressionante, Rosemary Reilly. É de conhecimento comum, você sabe, que Andy morou no Bram quando criança.

— Não, eu não sabia disso. Quero dizer, que é de conhecimento comum.

— Já tentou entrar em contato com ele?

— É o que estou fazendo agora. Achei que seria uma forma de economizar muita explicação, para muita gente que não acreditaria em mim.

— Descobriremos isso — disse o entrevistador, sorrindo por trás da mesinha. — Talvez Andy ligue para nós antes do final do programa. — Virou-se para a câmera, parecendo incrédulo. — Nunca se sabe — disse em *close*. — Tivemos uma candidatura presidencial anunciada aqui, um usurário preso... por que não a mãe verdadeira de Andy? Faremos um intervalo agora. Voltaremos daqui a pouco com Rosemary Reilly, a Rip Van Rosie, e veremos imagens de aparições de Andy aqui mais os seus telefonemas... e talvez uma reação do próprio Andy. Você *sabe* que não vai mudar de canal!



Por três minutos, as companhias telefônicas do mundo inteiro registraram um pico de uso.



Depois de mais dois intervalos, o entrevistador inclinou-se para a frente, ombros curvos.

— Rosemary, durante o último intervalo, recebemos um telefonema de Diane Kalem, a assessora de imprensa da GC, que também já foi convidada deste programa. Andy está em retiro no Arizona, mas ele foi informado sobre a alegação que você fez aqui esta noite, dizendo que é a verdadeira mãe dele. Ele está nos assistindo nos últimos quinze minutos. — Virou para a câmera com a lâmpada vermelha piscante. — Oi, Andy! — E se voltou para Rosemary. — Diana me disse, e isso não foi surpresa, que Andy lhe quer bem de todo coração, e ele se junta a *todos* em congratulá-la por sua recuperação milagrosa.

— Obrigada, estou muito agradecida — disse Rosemary, olhando para a câmera com a lâmpada vermelha.

— Diana também me disse que Andy tem uma pergunta para você. Gostaria de tentar respondê-la?

— Claro.

— Andy gostaria de saber — disse o anfitrião, enquanto a câmera fechava

rapidamente num *close* dele — se você se lembra exatamente o que estava fazendo quando entrou em seu coma de vinte e sete anos e meio.

Corta para Rosemary.

— Sim, lembro. Em minha memória, isso foi apenas há duas semanas. Eu estava sentada a uma mesa em frente à janela de meu quarto, uma mesa antiga, com um tampo que levanta. Estava datilografando uma carta numa Olivetti portátil. — Ela se virou para a câmera com a luz vermelha. — Andy estava deitado de barriga no chão, vendo televisão. *Kukla, Fran and Ollie*.

O entrevistador soltou um risinho enquanto Rosemary o olhava.

— *Kukla, Fran and Ollie...* — Virou-se para a câmera, balançando a cabeça com um sorriso. — Pessoalmente, sinto cheiro de verdade. Nunca se sabe o que vai acontecer aqui. *Malmö, Suécia, você está no ar*.



Andy pediu privacidade, e assim se fez outro intervalo, e Rosemary foi conduzida ao escritório vazio de alguém, onde o telefone da mesa piscava uma luz vermelha.

Sentou-se, respirou fundo e levantou o fone. Colocou-o na orelha.

— Andy?

— Lágrimas descem pelo meu rosto.

Rosemary também chorou.

— Eles me disseram que você tinha *morrido!* Estou tão furioso... e tão *feliz...* tudo ao mesmo tempo.

Um silêncio entre os dois.

Rosemary tentou abrir uma gaveta trancada, depois de outra, procurando lenços de papel.

— Está aí?

— Sim, querido! — respondeu, enxugando abaixo dos olhos com o lado da mão.

— Escute. Minha assessora de imprensa está numa outra linha com eles. Você não precisa participar do último segmento se não quiser. Quer?

Ponderou sobre isso, chorando.

— Eu farei. Ele nos uniu. Não quero deixá-lo lá fora sozinho.

Ele gargalhou no ouvido de Rosemary. Que gargalhada.

— Tinha esquecido o quanto você é gentil. Não, eu não esqueci. Falarei também. Faremos uma entrevista coletiva amanhã, a não ser que você não queira. Onde hospedaram você?

— No Waldorf. Isto é *tão estranho!* Estou conversando com um homem adulto e é você. Você tinha seis anos até duas semanas atrás, Andy!

— Quando você estará lá, *mãe*?

— Assim que o programa terminar! Assim que eu chegar lá!

— Calcule por volta de dez e meia, com o tráfego. Estarei lá às dez e quarenta e cinco.

Ela engoliu em seco.

— Do Arizona?

— Estou em Columbus Circle. Tenho um apartamento aqui, nos escritórios da GCNY. Diremos que estou em trânsito aéreo. Qual é o número do seu quarto?

— Não consigo lembrar! E uma suíte de torre!

— Estarei lá. Você fica linda na televisão!

Rindo-chorando, Rosemary disse: — Oh, meu anjo, você também!



A multidão do lado de fora do estúdio, aumentando bastante, foi desculpa suficiente para uma fuga rápida. Rosemary repetiu a promessa, sua e de Andy, de retornarem ao programa juntos, e saiu com os seguranças por uma porta lateral, através da cozinha de um restaurante grego e uma garagem, até a limusine à sua espera na Nona Avenida — a rota de fuga planejada originalmente para a simples Rip Van Rosie.

O motorista deixou-a no Waldorf dez minutos depois. Os seguranças conduziram-na através do saguão cheio de gente até o elevador certo e o andar certo, o trigésimo primeiro. Um mensageiro de hotel correu um cartão pela fechadura da porta, enquanto Rosemary assinava pedaços de papel que os

seguranças tinham achado em suas carteiras.

O aparelho de mensagens na ante-sala ostentava o número 37. Ela apertou AGUARDAR e NÃO TOCAR.

Por volta das quinze para as onze, Rosemary tinha se banhado, retocado o bem disfarçado rosto envelhecido — ele ainda a repugnava — e estava parada diante do espelho do quarto espetando seu *botton* EU Y ANDY na roupa menos extravagante entre as montanhas de vestes que as lojas tinham lhe enviado, um vestido simples azul cobalto.

Uma batida à porta do corredor parou seu coração. A declaração “*Serviço de quarto!*” fez com que ela andasse novamente — ela pedira porções de camarão e queijo. Um garçom de cabelos brancos empurrou uma mesa móvel para dentro do quarto, seu rosto quase tão vermelho quanto a jaqueta com botões dourados na qual espetara um *botton* EU Y ANDY.

— Na sala de estar, madame? — perguntou.

— Sim, por favor — respondeu Rosemary, e seguiu-o até sua mesa para doze convidados. — Pedi apenas camarão e queijo.

— Com os cumprimentos da gerência, madame. Devo abrir o bar?

— Tenha a bondade.

Ela ligou a TV monumental, enquanto o garçom arrumava a mesa e dispunha pratos, talheres, guardanapos. O telejornal já estava na seção de esportes; ela desligou a coisa.

— Não há uma conta que eu possa assinar para a gorjeta?

— Não, madame, com toda certeza, não. — Pegou toalhas de teca num pequeno bar espelhado e desdobrou-as. — Mas eu ficaria honrado se...

Ela assinou um guardanapo de papel para ele.

Rosemary ficou parada olhando pelas cortinas entreabertas para as fileiras de carros brancos e vermelhos lá embaixo, fileiras alcançando as laterais da Park Avenue e se juntando a quadras e quadras de distância. O que ela diria depois dos abraços e beijos? Como ela colocaria as perguntas que tinha a fazer? E mais

importante, como teria certeza da sinceridade nas respostas de Andy?

Era adequado chamá-lo de seu anjo, era algo que ela sentia de fato e fazia bem para a auto-estima dele. Chamara-o assim muitas vezes, e quase sempre ele tinha sido angelical. Mas ele também era meio-diabo; ela não podia se permitir esquecer isso, especialmente esta noite.

Ele mentira para ela antes, convincentemente, e mais de uma vez. Há apenas alguns meses — ou seja, há quase vinte e oito anos — quebrara a ponta da moldura de mármore da lareira de Minnie e Roman, e convencera os três de que ele não apenas... uma batida à porta.

Virou-se, começando a andar na direção da porta, mas ouviu mais uma vez “*Serviço de quarto!*” Era outro garçom de jaqueta vermelha com botões dourados, equilibrando acima do ombro uma bandeja com taças e uma garrafa num balde de gelo.

— Champanhe, com os cumprimentos da gerência.

— Obrigada, isso é ótimo — disse Rosemary com um suspiro. — Pode colocá-la no bar, por favor? — Ela retornou à janela.

Com cinco anos e meio, Andy convencera completamente todos os três não apenas que...

— Posso receber pelo menos um abraço antes de abrir o champanhe?

Ela se virou.

Estava parado no bar sorrindo para ela... Andy! Bonito-no-estilo-Cristo, penteando o cabelo para trás com as mãos, rosto barbado enrubescido, olhos brilhando.

— Não queria atrair atenção — disse, aproximando-se dela com sua jaqueta vermelha com o *botton* EU Y ANDY, afrouxando um lado da gravata preta, desfazendo o colarinho da camisa, abrindo os braços.

Depois de abraços e beijos, suspiros e lenços de papel, ele envolveu a garrafa num guardanapo de pano, desenroscou a rolha e estourou o champanhe... com a elegância de um garçom profissional.

— Onde conseguiu essa tralha toda? — perguntou Rosemary, rindo.

— Lá embaixo no bar — respondeu ele, rindo de volta.

— Fiz o garçom jurar segredo. Nem imagina como as pessoas ficam felizes em me ajudar!

Andy inclinou a garrafa, derramando espuma na taça de cristal de Rosemary. Encheu-a até a borda...

Encheu a sua própria...

Olharam um para o outro sobre as taças, ele mais alto que ela, enquanto a espuma desfazia-se em vinho dourado. Andy meneou a cabeça.

— Palavras não podem descrever o que sinto — disse-lhe.

Olhos nos olhos, tilintaram as taças e bebericaram.

— Lentes de contato? — perguntou Rosemary.

— A velha magia negra.

— São bonitos. É um verdadeiro aperfeiçoamento. Rindo, inclinou-se e beijou-a na face.

— E eu pensava que você era honesta. Vamos sentar, mãe. Tenho muita coisa para explicar.



A *God's Children* era para ser uma armadilha, uma armadilha mortal, uma forma de varrer toda a vida humana — disse Andy. — Ele finalmente ia vencer. Apocalipse instantâneo.

Seus olhos faiscaram — tão intensamente, que ela quase pôde ver seus olhos de tigre novamente.

— Mas quando descobri que ele deixara *que eles fizessem aquilo com você e que jamais me deu nenhuma PISTA...!* — respirou profundamente. — Agora,

mais que nunca, estou feliz por tê-lo fodido! Desculpe a linguagem, mas foi isso que fiz, mãe. Fodi com o Grande Plano dele, com seu plano elaborado durante trinta e três anos.

Estavam sentados lado a lado, olhando um para o outro, mãos dadas, num sofá confortável, cada um deles com uma perna cruzada.

— Foi por causa disso que ele veio naquela época—disse-lhe Andy. — Ele é sempre “convocado” por círculos de feitiçaria... bruxas de verdade, fraudes, fraudes que pensam que são verdadeiras, tudo. Ele ri. Mas ele precisava de um filho aqui que estivesse com a idade certa no ano 2000. Assim, quando o círculo do Edifício Bramford chamou-o em 1965, com você no altar, ele respondeu. — Rosemary virou o rosto. Beijando as mãos da mãe, Andy disse: — Desculpe. Não sei onde estou com a cabeça. Desculpe. Deve ter sido uma experiência terrível.

Ela respirou fundo. Olhou para ele.

— Continue. Como o plano devia ter funcionado?

Rosemary observou-o tomar um gole de champanhe.

— Bem — disse Andy, lambendo os lábios, pousando o copo de volta na mesinha de café. — Em primeiro lugar, haveria um líder carismático, um grande comunicador. — Ele sorriu para ela. — Com olhos humanos de aparência normal. Ele teria a idade que Jesus teve durante *seus* anos de pastoreio; ele deveria até mesmo ter uma certa semelhança com Jesus. — Coçou o queixo barbado e disse, sorrindo: — O bastante para iludir os cristãos e não o bastante para assustar os muçulmanos, budistas e judeus. Sendo quem era, teria conexões e fundos para lançar a melhor e maior campanha de mídia da história mundial.

Parou de sorrir. Olhou para o outro lado. Respirou fundo com lentidão.

Ela o observou.

Andy voltou-se novamente para Rosemary.

— No momento de seu apogeu, quando todos na Terra confiassem nele, com exceção de um punhado de ateus paranóicos, chamados de AP, ele iria traí-los. A melhor e maior traição na história do mundo. Bioquímicos. Você não vai querer saber os detalhes.

Ela estremeceu; bioquímicos *soavam* mortais, independente do que fossem. Ele se aproximou dela, apertando-lhe as mãos.

— Fui concebido para isso, mãe. Por ele e pelo círculo. Mas quando os membros mais fortes morreram... Minnie, Roman e Abe... comecei a fazer perguntas. Era adolescente na época. Muitos ritos e rituais eram ridículos, e alguns eram... repulsivos. Eu *gosto* de humanos, da maioria deles, não importa *quem* os tenha criado; sou meio-humano, não sou? Meio você? *Mais* da metade, olhe para mim!

Ela assentiu, mordendo o lábio.

— Então eu me rebelei. Sua metade de mim ficou mais forte que a dele. Aqueles poucos anos que passamos juntos... — ele balançou a cabeça, olhos úmidos — ... tentei tanto mantê-los na memória, seu calor humano, gentileza, *bondade*... — Ele deu uma piscadela, tentando sorrir para Rosemary.

— Meu Andy... — disse Rosemary, acariciando seu rosto.

Inclinaram-se um até o outro e trocaram um leve beijo nos lábios.

Ela afastou o rosto, sorrindo para ele, piscando.

— Então, como estava falando, eu me rebelei — disse ele. Mexeu-se, desabotoando com o movimento botões dourados na jaqueta. — Ele não exerce mais controle sobre mim enquanto estou aqui... mais uma prova de que meu lado humano é mais forte... assim decidi tornar a GC naquilo que *ele* queria que ela apenas *parecesse*, uma coisa *boa* para a humanidade. A mensagem de Andy é simples e verdadeira, e não irrita ninguém, exceto os AP, e sabe o que mais, mãe? Funciona. A temperatura caiu alguns graus. Todo mundo está um pouco menos tenso. Professores e estudantes, chefes e funcionários, maridos e mulheres, amigos, *países*... todos estão agindo com mais tolerância uns com os outros. De certo modo, é um tributo a você, mãe. Não de certo modo, é o que é: um tributo a tudo que você me deu naqueles primeiros anos.

Ela o estudou antes de perguntar: — Como...?

— *Ele* se sente? — Andy suspirou, sorriu. — Como posso explicar? Imagine um pai conservador cujo filho se juntou ao Exército da Paz, e então multiplique por dez.

— Você sabe como despertar o liberal dentro de nós — disse Rosemary, sorrindo para o filho.

— Sou um grande comunicador — disse, sorrindo de volta. — Ele está furioso. Estamos na mira dele. Mas enquanto eu estiver aqui ele não poderá fazer nada para me deter. Se pudesse já teria feito. — Ele olhou para o relógio preto e dourado com vários mostradores, e se levantou. — Preciso ir.

— Tão *cedo*? — perguntou ela, levantando-se também, afastando seu cotovelo da mão dele.

— Preciso visitar alguns políticos.

— Você não comeu nada! E tem tanta *comida*!

Rindo, Andy enfiou a mão em sua jaqueta.

— *Mãe*, de amanhã em diante não conseguirá ficar longe de mim. — Colocando um cartão sobre a mesinha de café, disse: — Ligando para o número escrito a mão, sempre me alcançará em minutos. — Envolveu-a com um braço; os dois começaram a caminhar até a porta. — Há um hotel cinco estrelas no prédio onde estou. Mudaremos você para lá amanhã de manhã. Estou na cobertura... o quinquagésimo segundo andar, de frente para o parque. Você nem imagina a vista. A GCNY tem três andares: oitavo, nono e décimo. — No vestíbulo, abotoou o colarinho da camisa. — Acha que pode participar de uma entrevista coletiva amanhã de manhã? Ajudaria se eu soubesse agora.

— Claro que posso — disse Rosemary, fechando o prendedor de gravata do filho. — Vai ser divertido.

Queixo barbado erguido, Andy disse: — Preciso da bandeja e do balde de gelo. Ou irão me descobrir.

Rosemary segurou a porta alguns centímetros com o pé calçado de chinelo, observando-o caminhar até o bar. Sorriu quando ele voltou.

— Que grande Dia de Ação de Graças vai ser! — disse Rosemary.

— *Merda*, esqueci. Tenho um compromisso. Preciso ir à casa de Mike Van Buren. Será minha acompanhante? Por favor. — Ele se empertigou diante dela, bandeja sobre o ombro. — *Preciso* ir. Metade da ala direita do Partido

Republicano estará presente. Passei a noite de sábado na Casa Branca e, com as primárias começando, é importante que eu permaneça imparcial.

— Bem, não é exatamente o tipo de programa a que estou acostumada... — disse, abotoando a jaqueta para ele. — Mas é claro, querido.

— Eles vão se jogar aos seus pés — disse, sorrindo para ela.

Rosemary se aproximou do filho, levantando a cabeça para fitá-lo nos olhos. Segurando um dos botões dourados de sua jaqueta, perguntou: — Andy, você foi completamente honesto comigo?

Seus olhos castanho-claros — que eram *bonitos*, agora que ela estava se acostumando a eles — fixaram-se nos dela.

— Juro que fui, mãe. Sei que eu mentia quando era pequeno. E ainda minto... muito. Mas jamais mentirei de novo para você, mãe. Jamais. Eu lhe devo muito. Eu te amo muito. Acredite em mim.

— Eu acredito, meu... bebê — disse Rosemary, acariciando a face do filho.

Por favor... — disse Andy.

Beijaram-se de leve nos lábios, e ela o observou sair com o balde sobre o ombro.

5

Rosemary fechou a porta, uma expressão preocupada no rosto.

Rosemary fechou a porta, uma expressão preocupada no rosto.



A MÃE DE Andy está no Waldorf e pode apostar que Andy também — seu jato chegou do Arizona ontem à noite, deu no jornal.

E haverá uma coletiva no quartel-general da GCNY às três da tarde de hoje. Isso fica em Columbus Circle.

Os moradores da área do estado triplo juntaram as informações disponíveis e — animados com o dia ensolarado que abençoava a região, mais a perspectiva de um feriado de quatro dias começando na manhã seguinte — entraram em seus carros, ônibus, jipes, caminhonetes, *trailers*, *skates* e carrinhos de bebê. Por volta das onze da manhã, pessoas de todos os tipos e tamanhos ocupavam cada metro quadrado de calçada na rota lógica entre os pontos A e B — nove

quarteirões ao norte da Park Avenue e cinco quarteirões a oeste, três deles com tamanho duplo, na rua 59 leste e na Central Park South.

Os membros do departamento de polícia de Nova York, já sobrecarregados com os preparativos para o desfile do Dia de Ação de Graças, podiam estar emburrados ao se abraçar para formar uma barreira humana — mas brindaram a todos com sorrisos e bom humor. Afinal, tudo aquilo não era para *Andy*? E para a *mãe* de Andy, pelo amor de Deus?

No vestíbulo da suíte, Andy e Rosemary se abraçaram, ele vestindo uma jaqueta da GC com zíper na frente, *jeans* e tênis; ela usando um terno assinado por um figurinista famoso, seu *button* EU Y ANDY e sapatos altos. Andy apresentou o grupo que trouxera: a assessora de imprensa Diane, seu colega e motorista Joe, uma secretária, Judy, que iria priorizar as 429 mensagens recebidas no computador da GC, e Muhammed e Kevin, já no quarto colocando as roupas de Rosemary em caixas de papelão. Para evitar a multidão, tinham vindo numa *van* sem identificação pela rua 65 e pela Segunda Avenida.

— Já viram como está lá fora? — perguntou Diane.

— Não posso acreditar! — disse Rosemary. — E como se o papa estivesse aqui, e também o presidente Kennedy!

Diane assentiu. Seu cabelo era cinza e cortado rente, seus olhos eram violeta; estava no fim da casa dos sessenta. Uma logomarca dourada da GC pendia no peito de seu vestido escuro tamanho grande.

— São pessoas pacientes, esperando e orando por um vislumbre da mãe do seu filho! — disse num contralto de diva. — Pelo que vi ontem à noite, sei que você não gostaria de passar voando por eles numa limusine com janelas fumê. É uma mulher graciosa e de bom coração. Assim, tomei a liberdade... — Pressionou uma das mãos contra o peito, gerando ondas de choque suave. — Andy não teve nada a ver com isso, foi ideia *minha*, mas ele vai concordar se você...

Reclinados lado a lado numa poltrona de couro sintético, mãos — a direita dele, a esquerda dela — entrelaçadas, atravessaram lentamente a Park Avenue numa carruagem aberta puxada a cavalo, acenando, sorrindo e assentindo para a multidão contida pela barreira de policiais em ambos os lados. Cartazes feitos a mão, com os dizeres EU Y ANDY e EU Y A MÃE DO ANDY, balançavam nas

mãos de pessoas e pendiam das janelas dos edifícios comerciais.

Um carro de polícia abria caminho; seguranças acompanhavam a carruagem a pé; outro estava sentado na frente, junto com o condutor de cartola. A cada quarteirão, mais ou menos, Andy abraçava Rosemary e a beijava na face; a multidão ovacionava. Ele se inclinou para falar em seu ouvido: — Depois de algum tempo você começa a se sentir um idiota, não é? — e a multidão ovacionou ainda mais alto.

Helicópteros da imprensa cortavam o céu. Quando a lenta procissão lá embaixo tomou a direção leste na rua 59 — carro de polícia, cavalo-e-carruagem, carro de polícia —, as vias na Park Avenue ficaram abarrotadas de carros.

Tiveram de esperar alguns minutos na Quinta Avenida até os fotógrafos e cinegrafistas desocuparem a frente do Plaza Hotel.

— Filmes, comerciais, filmagens de modas, não é possível ir a *parte alguma* nesta cidade — disse Andy no ouvido da mãe. A multidão ovacionou-o.

Atravessaram a Central Park South acenando, sorrindo, assentindo para multidões ainda maiores, mais cartazes — I **Y** ANDY e I **Y** ROSEMARY —, alastrando-se para o parque, escalando as árvores.

Adiante, onde o parque terminava, uma torre reluzente de vidro dourado projetava-se ao céu azul.

Balançando a cabeça, Rosemary virou-se para Andy.

— Estou sonhando — disse ela, e beijou-lhe a face e o abraçou. A multidão ovacionou-o.



Apontando sobre o fino microfone, ela disse “você”.

— Obrigado. Por qual nome a senhora gostaria de ser chamada: Reilly, Woodhouse, ou Castevet?

Bem... todo mundo parece usar os primeiros nomes hoje em dia... não sei se isso aconteceu por influência de Andy ou se teria acontecido de qualquer forma. — Foi surpreendida por alguns risos. — Assim, apenas Rosemary estará ótimo. Legalmente, sou Rosemary Eileen Reilly. Na verdade, gosto mais do nome que estou vendo em alguns dos cartazes: “Mãe do Andy.”

Risadas, uma salva de palmas, um pipocar de *flashes*. Diane, entre os espectadores de pé, batia palmas vigorosas, sorrindo e assentindo.

A Torre fora um prédio comercial numa encarnação anterior, a sede de uma empresa cinematográfica; as paredes altas tinham permitido ao arquiteto da GCNY desenhar seu auditório, no nono andar, na forma de um anfiteatro semicircular — ideia de Andy. Uma arquibancada de cinco níveis, acarpetada em verde-escuro, como cada centímetro quadrado do lugar, acomodava cerca de sessenta pessoas; outras vinte ficavam de pé nas laterais. No palco em meia-lua, Andy e Rosemary estavam sentados a uma mesa coberta por um pano azul-celeste ostentando a logomarca dourada da GC. Um trio de câmeras de vídeo pretas pendiam de suportes no teto, voltando as pontas para este e aquele lado, parando, virando. Muhammed e Kevin perambulavam com microfones direcionais.

Rosemary, sorrindo enquanto as palmas arrefeciam, apontou para a esquerda e disse: — Você. Não, você. Sim.

— Rosemary, como você se sente sobre ter perdido toda a fase de amadurecimento de Andy?

— Terrivelmente mal — respondeu. — Essa definitivamente é a pior parte da experiência. Mas estou feliz por ele ter conseguido tanta coisa sem minha ajuda — sorriu para Andy, apertando-lhe a mão.

Ele se inclinou sobre ela.

— Eu não consegui. Não consegui, e mamãe não perdeu a coisa toda. Eu lhe disse ontem à noite... ou melhor, hoje de manhã... que ela esteve comigo durante os anos mais importantes, do primeiro ao sexto. Foi ela quem colocou meus pés no caminho que estou seguindo hoje. — Beijou-a na face.

Palmas. Câmeras. “Rosemary!” “Rosemary!”

Ela apontou.

— Você.

— Rosemary, até agora ninguém conseguiu localizar o pai verdadeiro de Andy ou descobrir qualquer informação sobre ele desde o verão de 1966. Pode nos explicar o motivo?

— Não posso. Guy foi para a Califórnia naquela época, nós nos divorcamos e perdemos o contato.

— Você nosalaria mais a respeito dele?

Ela emudeceu. Limpou a garganta.

— Ele era um ator muito bom, como disse ontem à noite. Participou de três peças da Broadway: *Lutero*, *Ninguém ama um albatroz* e *Cano de arma*. Tivemos nossas diferenças, claro, mas ele era, ou é... uma boa pessoa, muito profundo, altruísta...

— Ainda há certos fatos de que mamãe não consegue se lembrar — disse Andy, mão no braço de Rosemary. — Por favor, podemos passar para uma pergunta diferente? John?



Ela queria falar com ele a sós, mas quando chegaram à sua suíte no décimo sétimo andar, a sala de estar estava ocupada por uma dúzia de homens e mulheres, a alta cúpula da GCNY. Um garçom ofereceu *hors d'oeuvres*, um *bartender* serviu vinho. Diane apresentou William-o-consultor-jurídico e Sandy-a-diretora-de-publicações, e antes mesmo de Rosemary poder tratá-los pelo primeiro nome, ainda em seu primeiro Gibson, Andy estava tocando-a no ombro com um olhar desculpe-preciso-ir-agora naqueles olhos castanho-claros realmente bonitos. Ele se desculpou com William e Sandy, puxando-a para um canto.

— Desculpe, mãe, preciso ir agora — disse. — Alguns oficiais da saúde pública de Louisiana estão à minha espera. A reunião foi marcada semana passada e não sei sobre o que se trata nem quanto tempo vai durar. Se você

precisar de alguma coisa ou quiser assistir a algum espetáculo esta noite, peça a Diane, Judy ou Joe. A fazenda de Van Buren fica na Pensilvânia; iremos até lá de carro, partindo ao meio-dia. — Apontou com a cabeça castanha para a janela. — Joe cuidará de você. — Beijou-lhe o rosto e saiu.

Joe estava parado em frente à janela a alguns metros de distância, mantendo um copo nos lábios, olhando para alguém ou alguma coisa lá embaixo no parque ou simplesmente pensando — grande e de aparência sólida, vestindo *jeans* e um *blazer* de veludo cotelê marrom. Os homens pareciam estar *usando jeans* em toda parte agora. Seu cabelo estava acizentando, mas era estranhamente atraente para um velho... sensual, de certo modo. Ela não sentia nada assim havia um bom tempo.

Um homem *realmente* velho. O dobro de sua idade. Talvez. Ele se virou e flagrou-a olhando para ele. Ela sorriu.

— Rosemary — Diane cutucou-lhe o ombro. — Jay, nosso consultor financeiro, quer falar com você.

— Quanta honra, Rosemary! — disse Jay. — Que bênção! E que passeio! Diane, você é genial! — Ele parecia um pássaro — baixo, narigudo, olhos reluzentes por trás dos óculos, com cabelos negros como plumas de corvo. — Mais de uma hora de exposição, exposição *global*! A um custo total de quinhentos dólares! Isso se o estábulo nos cobrar, e as chances são de que os donos não façam isso!

Rosemary pediu licença e foi ao bar encher sua taça.

— Quase ninguém pede mais Gibson hoje em dia — disse o *bartender*, mexendo o copo.

— Mãe de Andy?

Ela se virou.

— Bolinhos de caranguejo — disse Joe, segurando um par de pauzinhos de madeira.

— Obrigada, Joe! — disse Rosemary, pegando um.

Ele pediu um uísque ao *bartender*, e os dois comeram os bolinhos de

caranguejo, olhando e sorrindo um para o outro. Seus olhos eram marrom-escuros; seu nariz parecia ter sobrevivido a um ou dois murros.

— Muito bom — disse ela.

— Humm... — disse ele, limpando os lábios com um guardanapo e terminando de mastigar. — Não posso lhe dizer, Rosemary, o quanto tenho orgulho de conhecer seu filho intimamente e poder ajudá-lo. Achava que tinha deixado meus melhores anos para trás... Fui policial aqui na cidade, insígnia dourada... mas eu estava errado. E agora que *você* também faz parte do quadro... bem, nem sei o que dizer.

— Que tal “saúde”? — propôs Rosemary, sorrindo.

— Boa ideia — concordou.

— Saúde — disseram, tilintaram os copos e bebericaram. Nenhuma aliança em seu dedo. Isso ainda significava alguma coisa? Ela pousou a mão esquerda no bar.

— Se alguém lhe causar qualquer problema, é comigo que você terá de falar. Se algum maluco ou mau elemento... e pode ter certeza de que eles irão aparecer... incomodar você, ou simplesmente se surgir qualquer tipo de problema, fale comigo.

— Farei isso — garantiu ela.

— Quando Andy está em retiro, ou simplesmente ocupado em algum lugar e não precisa de mim, costumo ficar no *spa* no décimo quarto andar. E moro bem ali na Nona Avenida. Portanto, não hesite.

— Não hesitarei. Qual é o seu sobrenome, Joe?

Ele suspirou.

— Maffia. — Levantou dois dedos. — Dois efes, e não, eu não pertencço, e sim, as pessoas me respeitam mais por causa desse sobrenome.

Ela sorriu para ele.

— Tenho certeza de que você seria respeitado ainda que seu nome fosse

John Smith.

— Rosemary — disse Diane, cutucando-lhe o ombro —, Craig está especialmente ansioso em vê-la. Ele é o nosso diretor de produção de TV.

Enquanto falava com Craig, Rosemary sentiu a ponta do dedo de Joe em seu ombro.

— Se cuida — disse ele. — Andy disse doze em ponto.



Rosemary não queria ofender Joe Maffia — porque gostava dele, não pelo que imaginava serem as razões mais comuns —, e assim, durante os primeiros quinze minutos, eles tiveram uma conversa a três. Maffia explicou sobre seu ombro por que os Vikings tinham uma boa chance de derrotar os Cowboys, e Rosemary contou a ele e a Andy a tentação que sentira em deixar cair algum objeto afiado ao ver os balões da Macy de um andar acima, e sobre como fora receber ovações e fazer uma imitação de Princesa-Grace-no-balcão da janela de seu quarto.

Porém, quando saíram do Lincoln Tunnel, Rosemary fez um sinal para seu filho; no espaço de silêncio que se seguiu, Andy pressionou um ponto do descanso de braço à sua direita. Uma divisória escura foi erguida entre eles, e o banco da frente, ocultando a cabeça calva de Joe e metade da luz do dia, enclausurando-os numa saleta revestida de couro preto iluminada em azul pela luz que entrava pelo vidro pintado.

— Andy — sussurrou Rosemary —, estou me sentindo tão mal em ter de tomar cuidado com o que digo sobre Guy, e o divórcio, e...

— Você se saiu magnificamente. Foi apenas aquela pergunta.

— E aquelas sobre Minnie e Roman?

Ele deu de ombros.

— Não conceda mais entrevistas. Se não gosta delas, por que fazê-las? Mas, sério, você foi muito bem. Aqui, olhe novamente. Leia. — Ele estava com

os jornais do dia. As primeiras páginas dos dois tablóides traziam a mesma foto de página inteira dele beijando-a no rosto durante a entrevista coletiva, uma sob a manchete GRAÇAS! e a outra, AÇÃO DE GRAÇAS!

— E você não precisa sussurrar — disse, apontando com a cabeça para a frente. — Joe escuta fitas cassetes ou jogos no rádio. Ele não pode ouvir coisa alguma do que falamos; acredite em mim, eu sei. — Arqueou repetida-mente as sobrancelhas, ao estilo de Groucho Marx.

— E quanto aos outros? — perguntou. — Não sei quem sabe o que... Diane, William...

— Ninguém sabe nada!

— Não estão envolvidos em...

— Em o quê? Feitiçaria? Satanismo?

Rosemary balançou a cabeça, afirmativamente.

Ele riu.

— Juro que não estão. Já tive o suficiente disso por uma vida. Por dez vidas. Todos que trabalham para a GC... os principais, quero dizer... foram escolhidos e contratados por mim *depois que decidi mudar as coisas*. William foi nosso embaixador na Finlândia sob a administração de três presidentes. Diane é como a rainha do pessoal de imprensa; ela pertenceu à *Theatre Guild* durante trinta e cinco anos. Eles não fazem a menor ideia de que o objetivo da GC já foi ser uma coisa completamente diferente do que é: uma organização que ajuda as pessoas de muitas formas diferentes. Eles têm orgulho de fazer parte dela, e o mesmo vale para todos os outros.

— Mas de onde eles acham que a organização veio?

— Do mesmo lugar que todo mundo acha. Ela foi fundada e doada anos atrás por um grupo de industriais altruístas. Está tudo documentado. — Andy tomou as mãos de Rosemary nas suas e se aproximou mais dela. — E quanto a quem é o meu pai, neste momento há exatamente duas pessoas na Terra... isso me faz lembrar que há mais uma coisa que preciso lhe contar, não me deixe esquecer... apenas duas pessoas na Terra sabem quem ele é. — Movimentou um dedo para a frente e para trás, entre eles. — Nós. — Apertou-lhe as suas mãos,

fitando-a profundamente. — E por causa disso que estar com você novamente é um motivo de tanta... *alegria* para mim. Não apenas porque você é a minha mãe. Porque *you know who I am*, porque *I don't need to hide the truth from you*! E você não sente a mesma coisa a meu respeito? A quantas pessoas contou sobre aquela noite há tanto tempo?

— A ninguém — respondeu ela, balançando a cabeça. Quem acreditaria em mim?

— Eu.

Olharam um para o outro... e se abraçaram com força.

— Eu te amo tanto! — disse Andy no ouvido da mãe.

— Oh, Andy — respondeu Rosemary no ouvido do filho. — Eu amo tanto você, querido!

Beijaram as testas um do outro, beijaram-se nos rostos, nos cantos de suas bocas... ela o empurrou gentilmente. Separaram-se e viraram-se.

Sentaram separados.

Resfolegando.

Ele penteou com os dedos seus cabelos pretos, virou-se para a janela, olhou para fora. Tocou o descanso de braço; a parte superior de cada janela lateral desceu meio centímetro.

Ela olhou por sua janela para um *shopping center* pelo qual passavam depressa.

Brown hills.

— Stan Shand morreu no dia 9 de novembro.

Ela se virou.

— Ao mesmo tempo que você acordou. Logo depois das onze. Foi atropelado por um táxi em frente ao Beacon Theater.

Ela estremeceu, respirou fundo.

— Não pode ser coincidência — disse Andy. — Ele era o último sobrevivente do círculo, o décimo terceiro. Roman disse que havia feitiços que duravam para sempre e outros que paravam quando o último feiticeiro morria. Stan me deixou uma de suas gravuras; foi assim que descobri. Foi ele quem me ensinou arte e música, e a forma certa de passar o fio dental. — Ele mostrou os dentes.

Rosemary sorriu, suspirou.

— Gostaria que ele tivesse morrido alguns anos antes disse ela.

— Não teria ajudado muito. Leah Fountain morreu há apenas alguns meses. Ela estava com mais de cem anos.

A saleta de couro fez uma curva larga para a direita.

— Andy, escute — disse Rosemary. — Depois que termino uma sessão de fisioterapia, desmaio assim que deito na cama. Terça e ontem foi... foi uma *loucura*, e ontem à noite eu estava lendo um almanaque que comprei na banca de jornais, mas ainda não estou atualizada. Mike Van Buren é o televangelista que também é diretor do Christian Consortium?

— Não, não — disse Andy. — Esse é Rob Patterson. Mike Van Buren é o ex-comentarista de TV que se desligou dos republicanos e está concorrendo como candidato independente.

— Espero não misturar os dois — disse Rosemary.



Mike Van Buren, de gravata vermelha, camisa branca e *button* EU Y ANDY dourado, faca de cortar carne numa das mãos e garfo de churrasco na outra, recuou da cabeceira da mesa para permitir que sua irmã e gerente de campanha, Brooke, com um avental branco sobre o vestido azul, colocasse uma bandeja de porcelana com um peru grande e succulento. Os convidados aplaudiram, doze de cada lado da mesa, rostos iluminados pela luz refletida na toalha de linho, na porcelana, na prata, no vidro.

Brooke se moveu para o lado, balançando as mãos e soprando-as, enquanto Mike dava um passo para a frente.

— Está simplesmente lindo, Brooke! Recomendações a Dinah!

Outra salva de palmas para Dinah — na cozinha, presumivelmente, e não sozinha.

Rosemary, sentada à esquerda de Van Buren, correu os olhos pelo grupo à sua frente, enquanto eles aplaudiam. Dava para acreditar? Cada homem, de Andy, à sua frente, até Joe, e os homens do seu lado da mesa também — inclinou-se para a frente e olhou para quem estava depois de Rob Patterson —, sim, cada homem na mesa usava basicamente gravata vermelha, camisa branca e terno azul. Todos ostentavam *bottom* EU Y ANDY, simples ou sofisticados, exceto, claro, o Grande Comunicador em pessoa. Pelo menos seu terno não era liso. E é claro que ele parecia fabuloso, vestido decentemente para variar.

— Pessoal... — disse Van Buren. Ele se levantou por trás do peru com as mãos na cintura, aguardando silêncio. — Antes de prosseguirmos... — Virou-se para a direita e sorriu. — Andy, quer nos dar a honra de fazer a prece?

— Não, senhor — disse Andy, sorrindo em resposta. — Não quando Rob Patterson está à mesa.

Soaram murmúrios de aprovação. Mark Mead, diretor executivo do Christian Consortium de Patterson, inclinou-se sobre a mesa, ocultando a mulher ao seu lado, e sorriu para Andy.

— Bem falado, Andy — disse ele.

O próprio Patterson, levantando-se ao lado de Rosemary, disse: — Obrigado, Andy. Nunca fui tão lisonjeado em minha vida. Se todos puderem abaixar suas cabeças...

Rosemary olhou furtivamente para o filho por cima da mesa. Andy piscou para ela e enxugou o olho como se alguma coisa tivesse caído nele.

Quando o sermão relativamente curto chegou ao fim, Van Buren começou a cortar a ave. Era bom nisso; era preciso reconhecer. Debruçado sobre o peru, operando com faca, garfo e, ocasionalmente, tesoura de cozinha, extraiu fatia depois de fatia de carne branca ou escura cortada com precisão, falando o tempo todo.

— Como ex-repórter de televisão, Rosemary, posso lhe dizer com absoluta autoridade que você esteve magnífica ontem.

— Obrigada.

— Você irradiou candura e sinceridade. Qualidades admiráveis numa mulher.

— E não num homem? — perguntou.

— E uma inteligência vivaz! — acrescentou Van Buren, abrindo um sorriso, cortando mais uma fatia. — Coisas que valorizo bastante.

— Rosemary, minha querida.

Virou-se para Rob Patterson.

— Aquilo foi tão gentil da parte de Andy! Tão típico de sua generosidade ilimitada! E um momento do qual lembrarei com carinho para o resto da minha vida.

— O senhor é muito gentil — disse-lhe com um sorriso.

— De vez em quando, Rosemary—disse Rob Patterson, tocando-lhe o pulso —, acho que Andy é demasiado gentil, generoso e antiquado. Estou pensando particularmente nos AP, em relação às velas. Espero que você não compartilhe a posição tolerante de seu filho. Acho que Mikes está absolutamente certo nesse respeito; alguma coisa *precisa* ser feita quanto a eles, a fim de que não estraguem tudo para o resto de nós!

Ela sabia que os AP eram os ateus paranóicos, e num dos comerciais da GC que vira naquela manhã dizia alguma coisa sobre velas, mas não entendera do que o homem estava falando. Quis perguntar agora, mas o Grande Comunicador estava se comunicando com o Grande Fatiador.

A mulher atrás de Patterson ajudou-a, batendo no braço dele.

— Ora, Rob, não comece novamente sua ladainha sobre os AP! Hoje é o dia que contamos nossas bênçãos, não nossas maldições, não é verdade, Rosemary? Andy diz que algumas velas a mais ou a menos não farão a menor diferença, e isso basta para mim! Rosemary, você deve estar estourando de orgulho! Merle e eu celebramos até se os meninos permanecem dois anos na mesma escola!

— Andy — disse Mark Mead, inclinando-se sobre a mesa para falar por trás da mulher à sua esquerda. — Pode me passar a salada?

Joe, na outra extremidade da mesa, olhou para Rosemary e acenou para ela.

Ela sorriu e retribuiu o gesto.

Ele também parecia bem vestido como republicano, sentado com a cabeça apoiada na mão, ouvindo o que a Sra. Lush Rambeau dizia.

— *AI! DEUS!* — Van Buren soltou a faca e segurou a mão, sangue vermelho gotejando sobre a carne branca do peito do peru.

Rosemary jogou seu guardanapo para ele.



Assim que Andy entrou na limusine, Rosemary desabou contra seu ombro, gemendo.

— Deuses! Mas que... coisa chata!

Ele a abraçou enquanto sua saleta escura começou a andar.

— Ah, coitadinha — disse, beijando-lhe a testa. — Obrigado, obrigado. Os salgadinhos de milho estavam bons, não estavam?

Ela gemeu alguma coisa no casaco dele e levantou a cabeça para olhá-lo.

— Estou doida ou a mesa estava disposta para parecer a pintura de Norman Rockwell?

Ele deu um tapa na testa.

— *Isso!* Era isso! Eu estava com uma sensação *de déjà vu!* Era isso! Todas aquelas coisas brancas, e os copos lisos...

— E o vestido de Brooke também é igual ao da pintura, acho.

Os dois suspiraram. Ele a soltou e então sentaram-se retos, balançando as

cabeças. Arrumaram os casacos, ajeitaram os cabelos.

Luzes começaram a correr lá fora.

— Ei, que história era aquela sobre velas? — perguntou Rosemary. — Eu tinha ouvido alguma coisa sobre isso antes, mas...

— Uma coisa que estamos fazendo. Depois conto. Acha que Mark Mead é *gay*?

— A possibilidade passou pela minha mente.

— Acho que ele estava dando em cima de mim.

— E Van Buren estava dando em cima de *mim*. Irradio candura e sinceridade.

— Bem, isso é verdade — disse-lhe, alisando os cabelos de Rosemary.

— Sim. Especialmente quando estou mentindo para o mundo inteiro na TV.

— Já combinamos: nada mais de entrevistas. A não ser que você queira.

— E quanto a conversas com as pessoas?

Olharam por suas janelas. Começou uma sucessão mais lenta de luzes, agora em tom âmbar.

— Você sabe por que, não sabe?

— Por que o quê? — perguntou Rosemary, virando-se.

— Por que Van Buren estava dando em cima de você.

— Irradio candura e sinceridade. E tenho uma inteligência vivaz.

— E uma inocência encantadora — acrescentou Andy. — Você também irradia *assinaturas*. Em petições. Um encontro com você e ele terá votos garantidos em todos os estados.

Ela recuou um pouco e o fitou, desconfiada.

— Está brincando — disse Rosemary.

Andy sorriu para ela.

— Você ganhou *credibilidade*, mãe! As pessoas amam a Mãe de Andy ainda mais do que amam Andy.

— Ah, que é isso... — disse Rosemary, cutucando-o. Ele riu.

Rosemary aninhou novamente a cabeça no ombro de Andy.

Luzes róseas, lentas e ritmadas.

— Como foi a noite de sábado na Casa Branca?

Ele falou durante cerca de vinte e cinco quilômetros.

— Uau — disse Rosemary.

Ele suspirou.

— Os democratas são mais divertidos — disse Andy. — Não há por que negar.



— As únicas saídas ficam no andar das garagens, no saguão, nos andares oito, nove e dez, e no meu apartamento. E o elevador de maior velocidade que a lei permite; há apenas seis dele na cidade. Seiscentos metros por minuto...

— Poupe-me dos detalhes — disse Rosemary. Estavam parados, rosto a queixo barbado, num elevador cilíndrico não muito mais largo que uma cabine telefônica, subindo rápido como um foguete, rápido demais para seu gosto. A coisa parecia um batom de cabeça para baixo... couro vermelho até a altura do ombro, e bronze, ou ouro, até onde ela sabia, dali até o teto reluzente. — Ele instalou isto apenas para você?

— Ele me deve. — Eles rangeram os dentes até seus tímpanos pipocarem. — Já transei algumas vezes aqui.

— Poupe-me *desses* detalhes também, Andy.

— Chegamos. Prepare-se para a mãe de todas as vistas, mãe de todas as mães.

Um 52 vermelho piscou sobre suas cabeças, enquanto a velocidade diminuía.

A cabine abriu atrás de Andy. Recuou através do vão que se alargava. Segurando a mão de Rosemary, conduziu-a para fora — a outra mão tateando a parede —, até uma sala iluminada suavemente; uma mobília discreta, em bronze e couro preto, dispunha-se sobre um assoalho escuro. A parede no fundo era um cinerama de cidade, estrelas, lua minguante, luzes móveis de aviões.

— Andy! — exclamou Rosemary, mordendo o lábio.

Andy tirou-lhe o casaco e cobriu-a com o seu enquanto passavam entre sofás. Ela se curvou — para uma porta de avião aberta, uns bons minutos antes da aterrissagem. O parque lá embaixo era um tapete escuro salpicado de luzes; a zona leste parecia a maquete de um mundo de fantasia. No céu azul cobalto estrelas rodeavam a lua branca.

— Uma noite perfeita — disse ele atrás dela, abraçando-a por trás. Rosemary se inclinou contra ele e suspirou.

Pedi uma lua cheia e me mandam isso — disse Andy, queixo encostado na frente de Rosemary.

Ela sorriu, correndo os olhos pelo diorama reluzente, acariciando o ombro do filho. Ele ergueu o outro braço, apontando.

— Aquela é a Ponte Whitestone... E ali fica Queens...

— É incrível — disse Rosemary.

Andy baixou o braço. Segurando-a pela cintura e pelo ombro, beijou-a na orelha.

— Eu também tenho um vazio de vinte e sete anos — disse, a respiração quente. — Só que acordei durante o meu.

— Andy...

— Você não estava perto na minha adolescência, quando aprendi sobre mulheres. Assim, ao mesmo tempo que há um elo poderoso entre nós, você é alguém que acaba de entrar em minha vida... mais velha, claro, porém mais bonita do que qualquer outra mulher em todo o planeta.

Virou-a para si e beijou-a na boca, língua com língua, segurando firme a cabeça e a cintura de Rosemary, puxando-lhe o corpo contra o seu. Ela lutou para se libertar. Andy recuou — olhos de tigre esvanecendo para castanho-claros — tirando-lhe as mãos e braços, respirando profundamente.

Rosemary cobriu a boca com as costas da mão, olhando para Andy, tremendo, chocada com o que vira e com o que ele lhe fizera.

— Seus antigos olhos...

Ele respirou fundo, levantando a mão para pedir tempo. Respirou fundo de novo. Fitou-a com olhos castanho-claros. Assentiu.

— Eles ainda estão aqui — disse. — Tenho uma forma de... fazer com que pareçam diferentes. Perdi um pouco o controle.

Ela o fitou.

— Um pouco? — perguntou. — Isso foi “perder um *pouco* o controle”?

Você é a única mulher, a única pessoa, com quem eu posso ser eu mesmo! — seus olhos assumiram a aparência felina enquanto ele falava, e sumiram novamente.

Respirou fundo, empertigou-se, balançou a cabeça como se para clarear os pensamentos.

— Com todos os outros tenho medo de revelar meus olhos. Mesmo na escuridão.

Ela se aproximou novamente dele, balançando a cabeça, erguendo a mão.

— Sinto muito, Andy — disse. — Sinto por você, eu o *amo*, mas... — Ela balançou a cabeça e recuou novamente.

Ele ergueu as mãos.

— Sou eu quem deve desculpas. Perdi *muito* controle, não um pouco. Não acontecerá de novo. Juro. Por favor. Por favor, me perdoe. Ouça, eu ia lhe contar. Viajarei amanhã e isso talvez seja uma coisa boa. Visite sua família. Passarei alguns dias em retiro e depois terei de ir a Roma e Madri. Estarei de volta no dia 6 de dezembro, daqui a uma semana, a contar de segunda.

Ela exalou. Assentiu.

— Acho que isso será bom. Talvez nós dois estejamos... nos esforçando demais para compensar o tempo perdido.

— Não se culpe. Fui eu, não *nós*.

— Nunca mais, *nunca mais*, deixe qualquer coisa assim acontecer de novo.

— Não vou deixar. Juro.

Rosemary respirou fundo.

— Boa noite. Quando vai partir?

— Bem cedo. Joe me levará até o aeroporto, mas depois estará por perto, caso você precise dele. Os outros também estarão aqui. Qualquer coisa que quiser, basta pedir. E tem o número que lhe dei; ele funciona em qualquer lugar.

— Obrigada. — Rosemary se virou e pegou seu casaco. Virou-se de novo.
— Faça uma boa viagem.

Ele deu um meio sorriso.

— Você também. Acha que irá?

— Provavelmente. — Olhou para ele. — Amo você.

— Amo *você* — disse ele. — Por favor, me perdoe.

— Como pego o elevador normal?

— Pegue este aqui. Salte no saguão e depois caminhe para a direita. Chegará ao sétimo andar quando ainda poderia estar aguardando.

— E vou estar enjoada, também — disse com um suspiro. Mesmo assim, virou-se e caminhou até a parede ônix, pressionou o botão que abria o cilindro de bronze. Entrou no Expresso Revlon, virou-se e acenou para Andy, luzes piscando no horizonte às suas costas. Ele a beijou.

Rosemary acionou o botão para descer, e, enquanto a cabine fechava-se ao seu redor, pressionou ABRIR PORTA.

Andy se virara para a janela; a luz o fez virar-se de volta. Olhou para ela, sobranceiras arqueadas.

— As velas — disse Rosemary. — Você ia me contar.

— Ah, sim. — Sorriu e deu com os ombros. — É apenas um evento que estamos promovendo: acender velas para saudar o ano 2000. Uma ideia meio boba, mas as pessoas a adotaram, com exceção dos AP. Muitos ateus vão acendê-las, afinal, que mal faz isso? Mas os AP não gostaram só porque nosso nome é *God's Children*.

Ela saiu da cabine do elevador, olhando-o bem nos olhos.

— Está dizendo, *todo mundo* acendendo velas? Todo mundo no país inteiro?

— No mundo inteiro — disse. — Exceto alguns selvagens, talvez. Nas ruas, parques, casas, escolas, igrejas, mesquitas, sinagogas, bordéis, qualquer lugar. Exatamente no mesmo minuto. O primeiro minuto do ano 2000, horário de Greenwich. Sete da noite aqui, meia-noite em Londres, manhã em Moscou... O propósito é simbolizar... você sabe, uma humanidade purificada e renovada.

Manteve os olhos fixos em Andy, parado diante da lua, as estrelas, a cidade.

— Andy, não é uma ideia *boba*, é uma ideia *adorável*... — Deu alguns passos em sua direção. — Será como um bilhão de pontos de luz! — O cilindro de bronze fechou às suas costas.

Andy sorriu.

— Mais na faixa de *oito* bilhões. As velas são bonitas: azul-celeste do lado de fora, com um miolo amarelo. Assim, quando você as olha de cima, elas parecem nossa logomarca.

— São velas especiais?

— Vêm em copos de vidro — respondeu, mostrando com o dedo indicador e o polegar a altura de um copo de suco. — Estamos produzindo as velas há mais de um ano. É um dos nossos maiores projetos. Quatorze fábricas no Japão e na Coréia. Trabalhando dia e noite, sete dias por semana.

— Oh, Andy! — disse Rosemary, deixando cair seu casaco e caminhando até ele. — E uma ideia *tão* bonita! Quem pensou nela?

Ele deu de ombros modestamente e sorriu.

— Três chances.

Ela o abraçou.

— Oh, meu *anjo*! — Beijou-o na face. — E maravilhoso! Tornará a véspera de Ano-Novo um *acontecimento realmente significativo* para toda a raça humana!

— Essa é a ideia básica — disse, sorrindo para ela.

— É *glorioso*! — Ela o abraçou e beijou. — Estou tão orgulhosa de você!

— Se você espera que eu me comporte...

— Oops! — Mãos para cima, ela recuou. Soprou um beijo para ele, pegou seu casaco. — Faça uma viagem muito, muito maravilhosa. Volte logo para casa, querido! Vou sentir tanto sua falta!

— Eu também, mãe — disse, sorrindo para ela diante de seu universo de luzes.

Ela apertou o botão, entrou na cabine, virou-se e acenou. Pressionou o botão para descer.

Suspirou enquanto a cabine fechava-se ao seu redor.

Que conceito lindo, lindo! Todos, em toda parte, toda a humanidade civilizada, acendendo velas azuis-celestes e amarelas da GC, no primeiro minuto do ano 2000, horário de Greenwich!

Pena que alguns maníacos arruinariam a festa, mas eles certamente tinham direitos. Direitos que o próprio Andy obviamente respeitava.

Que anjo! Não era de admirar que o mundo inteiro o amasse!

Francamente: *Alguma* mãe, em qualquer *lugar*, em qualquer *época*, já tivera tantos motivos para sentir orgulho de um filho?

Só Maria, respondeu para si mesma — descendo a seiscentos metros por minuto rumo ao centro da Terra — *só Maria*.

Dois





Rosemary decidiu deixar a visita a Omaha para depois do Ano-Novo. Dos seus cinco irmãos e irmãs, todos mais velhos que ela, três estavam vivos: uma irmã e dois irmãos. Conversara pelo telefone com cada um deles duas vezes, uma como Rip Van Rosie e uma como mãe de Andy — o que provavelmente era uma vez a mais do que falara com eles no ano inteiro antes de ter sido posta para dormir pelo círculo. Aquele a quem amava mais, Brian — que entrara para o AA e, graças a Deus, estava sóbrio desde 1982 —, partiria na segunda-feira com a esposa, Dodie, num cruzeiro ao redor do mundo para comemorar seu trigésimo quinto aniversário de casamento; eles acenderiam suas velas na Nova Zelândia. Já Eddie, aquele a quem amava menos, parecia inalterado pelo tempo.

— Diga a Andy que seu tio Ed fala por trinta mil açougueiros quando diz, com todo respeito, que ele deveria parar de ser tão bonzinho com os AP. Van Buren está certo; devíamos *obrigá-los* a acender velas, sob a mira de um revólver, se necessário.



Formanda de 1993 do Vassar College, Judy era bonita, com cabelos pretos lustrosos atados num coque modesto, pele cor de canela, sobrancelhas cuidadosamente pintadas, e um sinal do tamanho de uma moedinha sobre a ponte do nariz. Seu *button* EU Y ANDY estava alfinetado num sári pastel; seu sobrenome era Kharyat. Na manhã de segunda-feira, envolta em seda verde, trouxe a Rosemary um bolo de folhas impressas em computador contendo milhares de mensagens que tinham chegado desde a noite do dia anterior, juntamente com sugestões de respostas que cobririam quase todos os casos.

Enquanto trabalhava com Rosemary à mesa diante da sala de estar, Judy parou ocasionalmente para fungar e enxugar os olhos. A pintura nos olhos não sobreviveria até a hora do almoço.

— Judy, há alguma coisa errada? — perguntou Rosemary, tocando-lhe a mão.

Judy suspirou, olhos marrons emanando tristeza por trás do rímel preto.

— Um *homem* — disse ela, e olhou para cima. — Não acredito no que ele fez comigo! — assoou o nariz num lenço.

Rosemary suspirou e assentiu, lembrando de Guy, o *seu* homem.

— Eles podem realmente pressionar a gente — disse Rosemary, colocando a mão sobre a de Judy. — Se quiser falar, sou boa ouvinte.

— Obrigada — disse Judy, fazendo força para sorrir. — Estou sobrevivendo.

Quando Judy se preparava para sair, Rosemary olhou para a pasta de trabalho de Judy e viu folhas de palavras cruzadas preenchidas com perfeição.

— Gosta de Jogo das Palavras? — perguntou.

O belo rosto indiano se iluminou.

— Claro que sim! Limite de dois minutos, sem pistas de letras?

— Hummm... Uma noite dessas — prometeu Rosemary.



A divisão de TV ocupava a ala noroeste do décimo andar. Caminhando até o escritório de Craig, Rosemary atravessou alguns milhares de metros quadrados de cubículos vazios com computadores desligados — nada de pessoas.

Craig e Kevin, usando camisetas estampadas da GC e calças *jeans*, estavam sentados com seus tênis sobre uma mesa de café, vendo TV — Edward G. Robinson num filme preto-e-branco. Eles próprios eram preto e branco (ou melhor, *negro* e branco — agora o correto era falar *negro*). Craig parecia Adam Clayton Powell, e Kevin parecia um garoto de dezenove anos chamado Kevin — só que hoje alguns Kevins de dezenove anos eram provavelmente baixos e chineses.

— Rosemary! Oi! — disseram ao se levantar. Kevin derrubou sua coca.

— Sentem, sentem — disse Rosemary. — Uau, que vista! — Ela caminhou até a janela, olhando pelos prédios do West Side entre o rio Hudson e a Ponte George Washington.

— Não é fantástica? — perguntou a voz grave de Kevin atrás dela.

— Maravilhosa! — Ela se virou, apontou com a cabeça na direção da porta. — Onde estão todos?

— De folga entre o Dia de Ação de Graças e o Ano-Novo — respondeu Craig. — A turma toda.

— Quanta generosidade!

— Graças a Andy — replicou, sorrindo. — Não há muito o que fazer aqui;

o especial da véspera de Ano-Novo está na lata.

— E o que vocês têm em preparação? — perguntou Rosemary.

— Não muita coisa — disse Craig. — Reduziremos a produção no próximo ano. Faremos muitas reprises.

Kevin limpou a mesa com toalhas de papel.

— O que vocês estão vendo? — perguntou Rosemary, olhando para Robinson conversando com Hedy Lamarr, não, com aquela que parecia ela.

— *Um retrato de mulher* — disse Craig. — Fritz Lang, 1944.

— Acho que não vi — disse ela.

— E bom. *Noir*.

Sentaram-se os três e viram alguns minutos.

— Algum motivo em particular para você querer me ver? — perguntou Craig.

Sim, tenho sim — respondeu Rosemary.

— Sinto muito. Devia ter perguntado imediatamente. — Ele se levantou. — Continue vendo — disse a Kevin. — Vamos lá para dentro.

Conduziu Rosemary até um escritório próximo. Ali parecia realmente um ambiente de trabalho: duas mesas abarrotadas de pilhas de papel e revistas, uma parede coberta de monitores, alto-falantes e equipamentos de áudio, outras ocupadas por prateleiras de fitas cassetes e discos. Craig tirou objetos de cima de duas poltronas.

Depois que Rosemary se acomodara, Craig se sentou, aproximou a poltrona para perto da dela, apoiou os cotovelos nos braços da poltrona, entrelaçou os dedos e inclinou o corpo para a frente, pronto para ouvir.

— Temo que, embora Andy tenha baixado a temperatura do mundo, ainda haja pontos quentes no que diz respeito aos AP e a forma como algumas pessoas estão reagindo a eles. Não sei o que vocês estão fazendo a respeito...

— Quase nada — disse Kevin.

—...e não quero me meter onde não sou chamada...

— Rosemary, aceitaremos de bom grado qualquer sugestão feita por você.

— Sei que Andy quer que seus direitos sejam respeitados, mas me parece que ele não tem se esforçado muito para esclarecer seu lado da questão. Gostaria de ver um comercial que aborde o assunto de forma direta, e estou dizendo de forma bem direta, de modo que possa ser entendido por meu irmão, Eddie, o açougueiro. E isso precisa ser feito rápido, enquanto ainda há tempo de esfriar as coisas antes do Ano-Novo. Mas acho que simples seria melhor que sofisticado.

Craig olhou para baixo, batendo ritmicamente um pé no chão. Olhou para ela.

— Faz sentido, Rosemary. Já falou com Andy sobre isso?

— Não. Eu queria saber primeiro se alguma coisa estava sendo preparada, e consultar você.

— Obrigado, aprecio isso — disse Craig. — Ei, tive uma ideia. Por que não dá uma olhada no que temos feito: os especiais, os comerciais, o pacote inteiro, e depois, quando Andy chegar... ele estará de volta quando, na segunda?... poderemos marcar uma reunião para analisar essa ideia e também os cortes na produção. Isso foi ideia do Jay... sabe, o contador de feijões? — Ele balançou a cabeça. — Não sei de onde vem gente assim.

Ensinou-a a usar o videocassete e o controle remoto e explicou a organização aproximada das fitas — as próprias produções da GC, a cobertura de imprensa de suas atividades e documentários de todos os tipos de assuntos correlatos. O acervo também incluía filmes, alguns gravados em LP, que requeriam um videocassete diferente.

— Isto é fantástico! — disse ela, olhando em torno. — Por acaso vocês não têm ...*E o vento levou*?

— Para falar a verdade, temos — disse Craig, sorrindo. Com testes de câmera dos atores e cenas cortadas da montagem original.

— Oh, Deus! — gritou Rosemary. — Estou no PARAÍSO!



— Bom dia, posso perguntar quem está ligando? — disse uma voz feminina com um sotaque japonês quase imperceptível.

— Aqui é a mãe de Andy. Ele me deu esse número.

— Um momento, por favor. É Rosemary E. Reilly falando?

— Sim.

— Por favor, desligue, Rosemary. Daqui a pouco Andy ligará de volta. Se quiser que ele telefone para você num número diferente, digite-o em seu aparelho.

Rosemary desligou, suspeitando que tinha falado com um *chip* de computador. Precisava ver *Deu a louca no mundo*.

Arrumou os travesseiros atrás de si, colocou os óculos, pegou a outra metade do *croissant* na bandeja e mastigou-o, enquanto olhava as palavras cruzadas. Fizera a vertical do canto esquerdo e estava preenchendo a vertical do canto direito quando o telefone tocou. Deixou cair o jornal e o pedaço *de croissant*, lambeu as migalhas nas pontas dos dedos, limpou-os no lençol de seda. Atendeu ao telefone.

— Alô?

— Oi, mãe, está tudo bem?

— Não podia estar melhor! Café na cama! Me sinto num filme da Metro, da velha Metro. Norma Shearer, *Garbo*... — Ela se espreguiçou.

Andy riu em seu ouvido.

— Achei que você ia gostar.

— Onde você está, meu anjo? — perguntou, enquanto tirava os óculos.

— Em Roma, o lugar certo para um.

— Parece que você está falando da esquina.

— Queria estar. O que há?

— Não quero parecer intrometida, mas...

— É a respeito de Craig e o comercial. Liguei para falar sobre outra coisa, e ele mencionou. Achei uma ideia *fabulosa*.

— Achou?

— Claro. É bom abordar uma coisa com novos olhos, e quem tem olhos mais novos do que Rip Van Rosie? E não apenas sobre os comerciais, mas sobre tudo que está acontecendo. Você acaba de perceber um problema que eu deveria ter identificado semanas atrás. Vamos trabalhar nisso imediatamente, e você nos ajudará. Desculpe, mas estou realmente no meio de um compromisso. Volto sábado.

— Sábado?

Cancelei Madri. — Pausa. — Nunca senti falta de ninguém antes.



Rosemary assistiu a uma série inteira de comerciais e especiais da GC — o melhor da mídia, com certeza — produzidos com esmero, escritos e visualizados com inteligência, todos estrelados por Andy. As vezes, quando ele lhe pedia para iluminar sua vida ou acender uma vela, ela quase podia ver um lampejo de seus olhos antigos nos novos. Ela rebobinava a fita, congelava e passava a imagem quadro a quadro, mas não, não havia nada lá — apenas olhos castanho-claros e a memória de Rosemary, vendo seus belos olhos de tigre no rastro daquele beijo estranho e chocante...

Mas, francamente, alguém podia culpá-lo? Pobre anjo solitário...

E ela não *parecia* exatamente uma velha mãe. Isso fora comentado em todos os jornais, revistas e programas televisivos... bem, era fútil até mesmo *pensar* no que tinham dito a esse respeito.

Assistiu, cinco ou seis vezes, a um *spot* de dez segundos no qual ele estava a própria imagem de Jesus, forte, amável e simplesmente belo, lembrando-a de pegar suas velas no supermercado ou em qualquer lugar, deixá-las fora do alcance das crianças e esperar para abrir o invólucro plástico junto com todas as outras pessoas do mundo, imediatamente antes da Iluminação.

Depois disso, para refrescar a cabeça, assistiu a testes de câmera e cenas cortadas de ...*E o vento levou*.



Rosemary estava ansiosa na sexta-feira, pensando que na tarde do dia seguinte Andy estaria a dez mil metros de altura.

E de volta ao chão à noite...

No meio da tarde telefonou para Joe a fim de combinarem de ir ao aeroporto.

— O *spa*, o ginásio, sei lá como chamam, é aberto a ambos os sexos, não é?

— Unissex. Claro. Quando está pensando em ir?

— Agora. Quero relaxar um pouco. Estou um pouco tensa, sabendo que Andy vai viajar amanhã.

— Dê-me vinte minutos. Vou lhe mostrar o lugar, apresentar o pessoal e me certificar de que ninguém vá perturbá-la.

— Não quero que ninguém seja silenciado, Joe.

— Só vou sugerir às pessoas como elas devem se comportar. Apenas isso. Não se preocupe.

— Isso é ótimo. Obrigada. Quando estiver pronto. Não se apresse.

Pedalaram bicicletas ergométricas lado a lado. Ele lhe contou sobre sua ex-esposa-depois-de-vinte-anos, Veronica, que estava morando agora em Little Neck, e sua filha, Mary Elizabeth, terminando o mestrado em economia em Loyola. Ela lhe contou sobre a proposta de comercial e como se sentia feliz por se envolver ativamente com a GC. Ele achou ambas ideias ótimas.

Ela pulou corda, com disposição, enquanto ele socava um saco de areia, maravilhosamente.

— Já lutei boxe — disse, dançando para a frente e para trás, *paf-paf-paf-paf*. — Luvas de ouro, peso médio.

— Já pulei corda — disse ela, desemaranhando a maldita coisa do calcanhar. — Primeiro lugar do torneio interno da Omaha Junior High School, dois anos seguidos.

— Dá para ver pela sua forma — disse ele, *paf-paf-paf-paf*.

Caminharam lado a lado em esteiras.

— Ótimo lugar, não acha?

— Magnífico. Um verdadeiro levanta-moral.

A sala repleta de equipamentos foi iluminada por um holofote de fotografia. Maiôs pequenos em mulheres grandes.

Joe grunhiu e virou o rosto, continuando a caminhar.

— Não fazem meu estilo — disse. — Ronnie era modelo de passarela quando começamos a sair. Na primeira vez que ela engordou, telefonei para Pessoas Desaparecidas. — Ele sorriu para ela. — Minha mãe era um cabo de vassoura. Você sabe como somos nós, os homens... Quero uma garota igualzinha à garota que casou com meu velho pai.

Caminhando no mesmo lugar, Rosemary assentiu.

— Sim, sei como é. Eu sei.



Ainda estava nervosa quando voltou à suíte. Telefonou para Judy, que estava em casa com voz de quem chorara. Ela aceitou o convite na hora.

Chegou às oito em ponto, a cabeça coberta com um lenço, o corpo protegido por um casaco de veludo com ombreiras. O sári sob o casaco era cor de pêssego. Segurava uma grande sacola de compras marrom da Bloomingdale's. Da sacola saiu um tabuleiro plástico de Jogo das Palavras com plataforma giratória embutida e reentrâncias para as peças, uma sacolinha de pano, dois cavaletes pretos, uma ampulheta prateada miniatura e, naturalmente, um aparelho de marcação de pontos.

Montaram o tabuleiro na mesa perto da janela. Lá fora, uma suave chuva de neve salpicava de branco as copas das árvores da Quinta Avenida. Rosemary ganhou a primeira partida.

Olhou através de seus óculos para JETTY IR no cavalete — tentando não pensar em gelo se formando nas asas e no maldito marcador ao lado da mesa (a areia estava caindo) — e levantou as peças em grupos. Colocou-as nas reentrâncias ao longo do tabuleiro para formar a palavra JITTERY (nervosa).

— Duplo no J — disse. — Palavra dupla, cinco pontos.

Judy mexeu no aparelho de marcação — não com uma unha especial, apenas uma de um grupo de ovas peroladas idênticas.

— Cem — disse. — Começou bem.

— Obrigada — disse Rosemary, dirigindo-lhe um olhar por-cima-dos-óculos enquanto pegava as novas peças na sacolinha.

Judy virou a ampulheta, olhou para o tabuleiro através de seu rímel, piscou, e dispôs peças abaixo do J, formando JINXED (azarenta).

Rosemary reuniu peças, e, com a mão esticada para não precisar virar o tabuleiro, começou a montar a palavra FOXY (matreira) usando o X e o espaço rosa ao lado dele.

Judy gemeu, choramingou, puxou o cabelo.

— Agora ele arruinou também meu Jogo das Palavras! Olhe só o que eu fiz! Um X ao lado de um espaço rosa! Você venceu! Você venceu! Ele derreteu meu cérebro! Ele deixou a minha vida uma MERDA! Sou uma azarenta! Ele azarou a minha vida! Foi por causa disso que vi essa palavra!

Jogou-se sobre o tabuleiro chorando, batendo com os punhos na mesa.

— Oh, querida — disse Rosemary, pegando a ampulheta giratória. Empertigou-se e se levantou. Caminhou até o lado da mesa e se inclinou sobre Judy, acariciando-lhe o cabelo. — Ah, Judy, Judy... Nenhum homem vale tanto sofrimento, nem mesmo.... oh, não, *é Andy*, não é? E Andy? E ele, não é?

Vários “sim” em meio a soluços; vários “sim” e “Andy”.

Rosemary assentiu, suspirou. Ela estava ficando lenta. Em sua velhice.

Judy se levantou de cima do tabuleiro, chorando, lágrimas correndo pelas faces, o rímel resistindo surpreendentemente bem.

— *Odeio Andy!* — gritou. Arrancou seu *button*, rasgando a seda, e jogou-o contra a janela. — Só estava usando isto porque não queria que você adivinhasse! Eu o *odeio!* Vou fazer meu próprio *button* dizendo como me sinto de verdade! Oh, Rosemary, se você soubesse toda a história, se soubesse o que acontece lá no nono...

— Xi... xi... — Rosemary abraçou-a, acalmando-a. — Xi... calma, querida. Xi... Respire fundo. Assim... Boa menina... Pronto, você vai se sentir melhor. Agora, por que não passa um pouco de água fria no rosto e depois conversamos? Quer alguma coisa para beber? Temos serviço de quarto, e se estiver com fome,

é só dizer.



Sentaram-se no sofá.

— Ele falou num jantar beneficente pelo envio de comida para a Índia — disse Judy, arfando. — Foi no último verão, no Madison Square Garden. Levei uma proposta que tinha escrito sobre o aprimoramento dos métodos de distribuição de alimentos, e tive a oportunidade de entregar-lhe pessoalmente. Naquele instante houve uma fagulha entre nós.

Rosemary assentiu, ouvindo.

— Alguns dias depois, ele me chamou aqui, ao seu escritório, e me convidou a me juntar à GC, inicialmente como secretária, mas com a perspectiva, a promessa, de subir. Poucos dias depois tínhamos iniciado um relacionamento de amizade... mas em alguns dias... noites, devo dizer, ele tinha me dominado completamente. Você não pode imaginar que amante incrível ele é.

— Não — disse Rosemary. — Não, claro que não, sendo mãe dele. Não, claro que não. Não.

— Quero dizer, no sentido geral — disse Judy. Aproximou-se mais de Rosemary. — Em minha cultura as mulheres passam a confiar rapidamente umas nas outras sobre assuntos íntimos. Tenho duas irmãs casadas, e a coisa que minhas colegas de quarto em Vassar mais gostavam no mundo era conversar sobre suas atividades sexuais. Assim, embora eu só tenha conhecido um outro homem... uma bola de catarro chamado Nathan sobre quem prefiro nem lembrar... sei que todos os homens, não apenas ele, estão sempre mais preocupados com sua própria satisfação do que com a de suas parceiras. E na verdade, quando o clímax se aproxima, as mulheres também, não é verdade? Todos nós não acabamos envolvidos apenas com nossa própria excitação?

Rosemary assentiu.

— Andy não — disse Judy, e suspirou. — E como se parte dele estivesse sempre no comando, sempre ciente de *mim*, minhas necessidades e sentimentos.

E agora é com as necessidades DELA que ele está preocupado, com os malditos sentimentos DELA! Eu não posso suportar! — Ela começou a puxar os próprios cabelos.

— De quem? — perguntou Rosemary, segurando os pulsos de Judy. — Que mulher?

— A mulher que está em Roma com ele! — gritou Judy. — E indo para Madri com ele! Sua nova amada! A mulher com quem ele esteve depois do seu jantar de Ação de Graças, quando esperei a noite inteira que ele ligasse! A mulher que ele levou para seu retiro no fim de semana no meu lugar! Tem de haver alguém! *Por que outro motivo, Rosemary, por que outro motivo não ouço uma PALAVRA dele em oito dias e noites? Por que outro motivo?*

Rosemary ficou em silêncio por um momento. Deu de ombros.

— Não sei...

— E se isso ao menos fosse o pior... — Judy respirou fundo, balançou a cabeça, fitou Rosemary. — Ele me conduziu a... práticas que eu nem sabia que...

— Chega! — disse Rosemary, pressionando a mão no braço de Judy. — Eu realmente não quero ouvir os detalhes. Você não tem motivo para estar irritada. Ele não está indo para Madri; ele está reduzindo a viagem porque tem *alguém aqui de quem ele sente muita falta*. Ele me disse isso ontem de manhã.

— Disse?—Judy fitou-a.

Rosemary assentiu.

— Sim. Ele voltará amanhã. Tenho certeza absoluta de que ele irá ligar para você. Aposto nisso. E tenho certeza de que ele tem um bom motivo para não telefonar para você. Também aposto nisso.

— Oh, Rosemary, está falando sério? — perguntou Judy. — Tem certeza de que não está dizendo isso apenas para me fazer sentir melhor?

Rosemary sorriu para ela.

— Judy, eu sou a mãe de Andy. Eu mentiria para você?

Judy balançou a cabeça, sorrindo.

— Não. Obrigada, Rosemary! Obrigada! — Enxugou os olhos, suspirou, balançou a cabeça. — Olhe só para mim. Eu era uma mulher inteligente e capaz com um trabalho significativo... e aqui estou eu completamente descontrolada, uma boba fazendo uma tempestade em copo d'água.

Acariciando a mão de Judy, Rosemary levantou do sofá.

Vamos — disse Rosemary. — Vamos começar de novo.

— Não! — disse Judy, levantando e indo atrás dela. — Não seria justo, você estava com cem pontos! E fácil remontar a sequência: você escreveu *jittery*, e eu, *jinxed*, você escreveu *foxy*.

Rosemary, sentando à mesa, balançou a cabeça.

— Não, meu bem. Um novo jogo. Insisto nisso.

— Certo, mas você começa.

Enquanto reuniam as peças, Judy perguntou: — Você também é boa em anagramas?

Rosemary recordou do dia quando alternou as peças do jogo entre os nomes STEVEN MARCATO e ROMAN CASTEVET, até perceber que o vizinho que se tornara amigo deles era filho de Adrian Marcato, o satanista do século XIX que viveu no Bramford.

— Sou muito boa.

— Na noite de Ação de Graças, quando eu estava esperando Andy ligar, finalmente solucionei o maior anagrama de todos os tempos, depois de mais de um ano trabalhando nele em trens, ônibus e salas de espera. — Ela suspirou. — Uma compensação inexpressiva, na verdade.

— Parece *mesmo* um grande anagrama — disse Rosemary, pegando as peças na sacola.

— É uma observação — disse Judy. — O anagrama é *roast mules* (mulas assadas).

— Roast mules?

— R, O, A, S, T — disse Judy, virando a ampulheta — M, U, L, E, S. Elas podem formar uma palavra inglesa comum de dez letras, tão comum, que qualquer criança de cinco ou seis anos sabe usá-la.

— Vou pensar nisso mais tarde — disse Rosemary, movendo as peças no tabuleiro.

— Não venha me implorar por uma resposta — disse Judy, tirando peças da sacola. — Vai perder seu tempo; sou inclemente. E usar um computador não vale!

Não sei usar um, mas realmente preciso aprender — disse Rosemary. Que grande ferramenta! Quem poderia imaginar que eles seriam tão pequenos e baratos? Eles enchiam salas inteiras! Duplo no Y, palavra dupla.

Começando no espaço centrou rosa, começou a dispor as letras de DANDY — janota.



Ele lhe trouxe um anjo, um menino de cabelos cacheados com uma lira, um livro e um belo par de asas, reclinado sobre uma placa de barro de dez centímetros quadrados, branca com “della Robbia” escrito em azul.

— Andrea della Robbia a fez — disse Andy. — Por volta do ano 470.

— Oh, meu *Deus*, Andy! — disse ela, pegando a placa nas mãos, como um bebê. — E a coisa mais bonita que já vi!

— Chama-se “Andy” — disse ele. — O autor batizou em sua própria homenagem, acho.

Sorrindo, Rosemary ficou na ponta dos pés para beijá-lo na face.

— Oh, obrigada, querido, obrigada! — Ela beijou Andy della Robbia... levemente, *muito levemente*. — Meu belo anjo Andy? — disse para ele. — Eu te amo! Eu poderia te comer todinho! — Deu-lhe outro beijo leve como um toque de pena.

O *brunch* na manhã de domingo era a primeira chance que os dois tinham de estar juntos. No aeroporto, Andy saía pela porta VIP com dois homens mais velhos. Pareciam estar envolvidos numa discussão longa, e assim, depois de um abraço e dois apertos de mão em frente à limusine — um era chinês, o outro francês — e um pouco de linguagem de olhares com Andy, voltara para a cidade do jeito que tinha ido, na frente com Joe. Eles ouviram fitas com músicas de *big bands* dos anos cinquenta, conversaram sobre músicos e admiraram os *out doors* que tinham começado a ser expostos em 1º de dezembro: Andy sorrindo para eles sobre os dizeres *Aqui em Nova York acenderemos nossas velas às 19:00 da sexta, 31 de dezembro. Amo vocês!*

Quando tinham saído da limusine, no andar da garagem do prédio, eram duas da manhã na hora de Roma, e Andy estava se sentindo muito cansado. Assim, marcaram um encontro para o dia seguinte pela manhã.

Rosemary e o garçom tinham mudado a posição da mesa de Jogo das Palavras alguns metros, de modo a abrir espaço ao lado da janela para a mesa de café e as cadeiras. Rosemary caminhou até a mesa de café lentamente, mãos em concha, e encostou a placa com cuidado, *muito cuidado*, contra o peitoril da janela... assim Andy della Robbia poderia ver e ser visto.

Andy Castevet-Woodhouse, sentou-se e, passando creme de queijo num *bagel*, disse: — Você está maravilhosa. Esse é exatamente o tipo de roupa que lhe cai bem.

— Vou encontrar Joe no *spa* às onze e meia — disse Rosemary com sua malha de ginástica e tênis, sentando-se.

— Uh, você e Joe...?

— Apreciamos a companhia um do outro — disse Rosemary, desdobrando o guardanapo. — Eu diria para você cuidar da sua vida, mas não posso, porque brinquei de Jogo das Palavras com Judy uma noite dessas e meti o nariz onde

não fui chamada. As indianas sabem abrir seus corações, principalmente quando eles estão partidos.

Ele resmungou, enchendo a xícara de Rosemary com café quente.

— Você devia se envergonhar — disse Rosemary, balançando um envelope de adoçante na frente dele. — Ela é uma moça tão boazinha. E como joga bem! Me derrotou duas vezes, e olha que eu sou boa. Não estou acostumada a um limite de dois minutos, não que isso seja desculpa. Vou ter oportunidade de ir à forra amanhã ou terça. — Rasgou um canto do envelope.

— Não sinto mais atração por ela, mãe — disse Andy, levantando uma fatia de salmão com um garfo de prata. — O que você quer que eu faça? Que eu finja algo que não sinto?

— Podia pelo menos ter falado francamente com ela sobre isso.

Oh, claro, mas você ainda não a viu em seus dias de Promotora Pública — disse Andy pousando o salmão no creme de queijo.

— Tenho a impressão de que você deveria dar-lhe outra chance — disse Rosemary, mexendo o café.

Ele mordeu e mastigou, olhando pela janela.

Ela bebericou, olhando para a placa.

— E simplesmente tão *bonita*, querido... — disse Rosemary. — Gostei *tanto*! — Ela suspirou, puxou a cesta de rocamboles e *bagels* para mais perto, tentou escolher um.

Andy suspirou.

— Você está certa. O que estou fazendo não é direito. Liguei para ela mais tarde. Ela dorme até tarde aos domingos, de qualquer modo.

Rosemary escolheu uma fatia fina de *bagel*.

— Fomos convidados a um jantar para angariar fundos em benefício da paralisia cerebral—disse Rosemary. — *Contra* ela. Você sabe. Na quarta-feira, traje a rigor. Vou com Joe. Ele se considera um grande dançarino. E verdade?

Andy deu com os ombros.

— Muito bom. Tome, dê uma mordida.

— Pensei que você e Judy talvez...

— Mãe, não sinto mais *atração* por ela — disse Andy. — Não posso evitar. Certo? Queria poder.

Rosemary colocou uma fatia fina de queijo sobre sua fatia de *bagel*.

— Leve outra pessoa — disse Rosemary. — Vanessa namora firme?

— Não sei.

Ela deu uma pequena mordida no *bagel* e o mastigou.

— Fiz uma pequena troca na boutique Bergdorf — disse Rosemary. — Seis roupas de velha por um tubinho de seda no estilo que Ginger Roger usava. Acho que se Joe acha que é Astaire, posso entrar na dele. Espero não exagerar. — Deu uma mordida maior e mastigou, olhando para a janela em busca de algo interessante.

Olhando para ela, Andy sorriu.

— Você é perspicaz, sabia? Você venceu, sairemos em quatro. Mas depois do Ano-Novo faremos uma viagem juntos, só você e eu. Vamos precisar disso; estaremos muito ocupados o mês inteiro.

Espetou o garfo numa fatia de salmão em seu prato, e deixou transparecer uma expressão preocupada.

— Corremos o risco do tempo não dar — disse. — Acabamos de receber uma pesquisa mostrando que onze por cento dos adultos no mundo ainda acham que a Iluminação deve ser à meia-noite em toda parte. Dá para acreditar? Precisaremos fazer mais *alguma coisa*. E há o comercial sobre os AP. Eu gostaria de uma reunião sobre ele amanhã às três; está bem assim para você? Craig, Diane e Hank. Talvez Sandy também; ela sempre tem boas ideias.

— Você conhece todo mundo, eu não.

Andy levantou a fatia de salmão, colocou-a na boca e mastigou-a, enquanto fitava Rosemary bebericar.

Ela abaixou a xícara.

— Não faça isso — disse Rosemary.

— O quê?

— Não me coma com os olhos, espertinho. Estou falando sério, Andy. E não me diga que foi apenas minha imaginação.



Rosemary concluiu que informações específicas sobre representantes de grupos de AP podiam ser úteis na reunião, e assim passou pela reunião de segunda-feira da Film Society murmurando “Oi para todos” — para Craig, Kevin, Vanessa, Polly e Lon Chaney Jr., começando a desenvolver pêlos faciais — e foi direto para o que ela passava a ver como seu escritório. Suzanne, a assistente de Craig, iria reclamá-lo na segunda-feira depois do Ano-Novo, mas talvez elas pudessem compartilhá-lo, contanto que pudessem colocar mais uma mesa.

Ela assistiu às fitas com noticiários e documentários, e estava prestes a recrutar um assistente de pesquisa que entendesse de computador quando achou uma fita de uma produção da PBS realizada havia dois anos. Chamava-se *Anti-Andy*.

Assistindo-a, teve algumas dúvidas sobre sua objetividade geral — o narrador, um sulista encantador e loquaz, estava usando um enorme *button* EU **Y** ANDY —, mas as imagens mostradas acabaram falando por si mesmas, variando de bobagens a coisas assustadoras.

O vencedor na categoria “bobagens” provavelmente era a Brigada Ayn Rand, cuja meia dúzia de membros de cabeça raspada usavam grandes cifrões em suas camisetas e versões menores tatuadas abaixo das faixas nas cabeças. Eram contra a isenção de impostos para instituições religiosas e apoiavam a adoção da frase “Acreditamos na Razão” no papel-moeda de todos os países, não

apenas dos Estados Unidos. Havia sequestrado um trem em Pittsburgh, amarrado nos dois lados de cada vagão faixas com os dizeres PAGUEM SEUS IMPOSTOS, ANDY E TODOS OS CURANDEIROS!, e o conduzido através do país com sua única integrante mulher dirigindo a locomotiva, um simbolismo baseado num dos romances de Rand, mas que não significava nada para o grande público. O trem fora abandonado em Montana, onde a brigada acreditava poder encontrar refúgio num enclave de capitalistas seguidores da doutrina *laissez-faire*.

O meio-termo dos anti-ANDY era melhor representado pela ACLU, que ainda estava atuante. Seu porta-voz deixou claro que amava Andy e admirava tudo que ele fizera para aprimorar as relações entre as raças, suavizar o conflito do aborto, aplacar os problemas dos irlandeses e fazer os árabes e israelenses voltarem à mesa de negociação. Minha nossa, ele não estava usando *dois buttons* I Y ANDY? Ele apenas acreditava que, como Andy tinha acesso a grupos como o Estado-Maior e os governantes de todos os Estados, então a GC deveria mudar de nome para WC, *World's Children* (filhos do mundo); e se isso fosse um problema na Europa, então se chamaria EC, *Earth's Children* (filhos da Terra). E Andy realmente precisava apoiar-se tanto em sua semelhança com Jesus Cristo?

Pura rudeza. Ela estava surpresa com a ACLU.

O grupo anti-Andy assustador, os Smith Brothers, era amedrontador apenas para ela. Eles tinham se tornado assunto de piadas para os comediantes dos programas noturnos; o sulista mostrou algumas cenas.

Quatro montanheses com barbas enormes e desleixadas, os Smith Brothers tinham se trancado numa cabana do Tennessee com a última palavra em armamento militar, gritando para o mundo que Andy era o filho de Satã, o Anticristo, e que eles não desistiriam sem uma boa luta.

O FBI esperara-os sair, e eles estavam agora num hospital federal, barbeados, medicados e sofrendo avaliação psiquiátrica.



A reunião foi bastante produtiva e acabou logo depois de começar. Sete tomaram parte — Andy, Judy (com bugiganga de memória), Diane, Craig,

Sandy, Hank e Rosemary — no escritório de Andy olhando para os prédios no Central Park South e no centro da cidade. Estavam sentados — num sofá preto, em cadeiras, e, no caso de Hank, em sua cadeira de rodas motorizada — em torno da mesa de café, repleta de vegetais e frutas oleaginosas.

— *Você tinha razão, Rosemary!*—sussurrou Judy ao entrar, radiante, ostentando um *button* EU **Y** ANDY no sári bege. — Tivemos um reencontro maravilhoso ontem à noite!

— Rosemary estava feliz por ela.

E também por Andy, aquele guaxinim mentiroso. *Mãe, não sinto mais atração por ela, não posso evitar, queria poder.* Rosemary sorriu para Andy, pegando um palitinho de cenoura da tigela que ele ofereceu, sorrindo para ela.

Todos concordaram que seria melhor uma abordagem simples do que elaborada, tanto por eficácia quanto por rapidez de produção. Daí foi um passo para uma decisão unânime de empregar a mesma técnica que produzira quatro dos dez melhores comerciais de Andy — o que significava que ele e Diarie ficariam batendo papo sobre os AP e seus direitos em cadeiras no anfiteatro do andar de baixo, o nono, enquanto Muhammed e Kevin operariam câmeras nos ombros. Diane em seguida editaria as fitas, e editaria, editaria, editaria.

Só que, desta vez, sugeriu Diane, Rosemary deveria bater papo com Andy, porque seus sentimentos sobre o assunto eram evidentemente mais fortes que os de Diane. No que dizia respeito a Diane, os AP podiam ser todos despachados para o pólo sul. Rosemary também extrairia de Andy reações emocionais mais ricas.

— E vamos deixar um pouco de Rosemary no comercial — disse Diane. — Ela irradia honestidade e franqueza.

— O que você diz, Rosemary? — perguntou Craig. — Quer tentar? O máximo que podemos perder é algumas horas amanhã de manhã. Andy, por você tudo bem, certo?

Daí em diante foi uma festa. Andy abriu uma garrafa de vinho, e William e Vanessa chegaram com outra garrafa. William, nosso embaixador na Finlândia sob o governo de três presidentes, bonito e grisalho, estava usando gravata vermelha, camisa branca, terno azul. Um sujeito jovial, a julgar por sua mão na

coxa exposta pela minissaia de Vanessa.

Yariko e Polly chegaram — Rosemary falou muito pouco com cada um deles —, seguidos por Muhammed e Kevin, operando uma das câmeras. Então foi a vez de Jay chegar, e a alta cúpula da GCNY estava reunida, toda a equipe que estava aguentando firme ou simplesmente matando tempo na sede durante o generoso feriado prolongado de fim de ano... todos os treze.

Mais Rosemary. Ali, bebericando gengibirra, conversando com Hank e Sandy sobre a temporada da Broadway, Rosemary viu Judy fitando-a com olhos tristes, mas radiantes em seguida, segurando o braço de Andy e sorrindo-lhe, enquanto ele falava com Jay — muito tenso sobre os impostos de janeiro. Rosemary teve de sorrir também, enquanto Andy acalmava Jay, dando-lhe sua palavra solene, mão direita erguida, que no primeiro dia comercial de janeiro seriam depositados fundos suficientes para atender a todas as obrigações legais da GC.

Diane ligou para baixo e pediu bolinhos de caranguejo e aquelas pequenas panquecas de batata para quatorze pessoas.

Rosemary conversou com Vanessa sobre psicologia motivacional, com Yuriko sobre computadores, com Sandy e Polly sobre creme para a pele.

Quando as janelas estavam iluminadas na Central Park South, e a festa chegava ao fim, Diane mandou Muhammed, Kevin e Polly descerem para ver se tudo estava direito no nono andar.

Ela conversou um pouco com Craig, e então mandou Yuriko e Vanessa descerem também.



Elegante em seu *smoking*, Joe Maffia conversou com o líder da banda por um momento, e em seguida contornou a pista de dança cheia de gente até a mesa central, posta para doze pessoas. O chá-chá-chá terminou mais cedo do que o esperado, e quando Joe pegou a mão de Rosemary e Andy levantou para pegar a de Judy, os músicos tinham trocado suas partituras e alguns instrumentos, e o líder da banda estava instruindo-os para um *medley* de canções de Irving Berlin.

Quando Andy, Judy, Rosemary e Joe chegaram à pista, todo mundo recuou, aplaudindo calorosa, mas não excessivamente, formando um círculo de admiradores dentro do qual os dois casais orbitaram ao som de *Let's Face the Music and Dance*. Como no cinema.

Sorrindo para Joe, Rosemary disse entre dentes: — Oh, Deus, olhe só para eles! Eles estão *olhando*! Não vou aguentar isso!

— Apenas relaxe — disse Joe, curvando-a para trás, bem rente ao chão. — Farei todo o serviço. — Ele a levantou. — Está maravilhosa nesse vestido, Rosemary. É perfeito para dança. Pena que não estou usando um fraque.

Ela relaxou, que jeito? Tinha bebido uma taça de champanhe e isso ajudaria. Além disso, as mãos e braços de Joe eram surpreendentemente habilidosos.

— Vê o que estou dizendo?

— Ei, Joe, você é fantástico...

— Ronnie e eu íamos para Roseland duas vezes por semana — disse, diminuindo o ritmo. — Quer ir lá uma hora dessas? Poderia usar óculos escuros, muita gente usa.

— Deixe-me pensar um pouco.

— Você já está lá.

Andy também era um bom dançarino, girando com elegância e estilo Judy em seu sári — e que homem *não* parece maravilhoso num *smoking*?

— De vez em quando dou umas aulas ao Andy — disse Joe, olhando para ela. — Ele tinha dois pés esquerdos quando começamos.

— *O último é mulher do padre!* — gritou Andy sobre o ombro de Judy.

Os espectadores riram... e correram de volta para a pista, enchendo-a novamente, enquanto as luzes ficavam mais fracas e a banda mudava de música para *Change Partners*.

Rosemary suspirou.

— Às vezes fico feliz por tê-lo tido — disse Rosemary.

— Ele certamente tem um talento para dizer a coisa certa na hora certa, não acha? — disse Joe com um sorriso. — Acha que é porque o pai dele era ator?

Rosemary respirou fundo.

— Quem sabe?

— Eu não quis dizer que você também não contribuiu. Sabe, estou surpreso por eles não terem descoberto nada sobre seu ex desde sei lá que ano. E como se ele...

Andy cutucou o ombro de Joe.

— Troca de parceiros — disse. — Ordem de Irving Berlin.

Rosemary e Judy sorriram uma para a outra, enquanto os quatro trocavam de parceiros.

Andy gostava de dançar mais colado e sussurrar a letra no ouvido da parceira: “Não percebe que eu estou ansioso para estar no lugar dele? Não vai trocar de parceiro e dançar comigo?”

— Canta?

— Vem junto com o grande dom da comunicação. Está maravilhosa nesse vestido.

— Afaste-se, está doido?

Ele se afastou, e fez com que ela dançasse igual a um anjo, sorrindo para ela como um demônio.

— Eu te amo — disse, abraçando-a.

Ela segurou a respiração e fitou-o.

— Craig vai ficar doido tentando decidir o que cortar da sua parte — disse Andy. — Ele já está cortando muita coisa minha. É verdade. Vamos chamar a peça de *Comercial da mãe de Andy*.

— Amo vocês dois! — gritou uma menininha de oito ou nove anos para eles, dançando sobre os sapatos do pai. — Vamos acender nossas velas em Colonial Williamsburg!

— Eu tem amo, querida! — gritou Rosemary para ela.

Eu te amo, linda!—gritou Andy. Sorriu para Rosemary.

Quer fazer mais um? — Andy curvou-a. — Sobre quando acender a vela e em que zona de tempo? — Levantou-a.

— Adoraria — disse Rosemary. — Na verdade, estou pensando em começar uma nova carreira.

— Não — disse Andy. Sorriu para ela.

— Por que não? Tenho carisma, não tenho? Não estava radiante ontem? Minha resolução de Ano-Novo é começar a criar uma verba independente, com algum tipo de programa de entrevistas. Todas as emissoras me convidaram para almoçar. Vou começar a aceitar os convites.

Andy olhou para ela, virou junto com ela.

— E bom não levar muita fé nesses sujeitos — disse ele. — Num momento estão animados, no outro, perdem completamente o interesse.

Ela recuou e fitou-o. Ele encolheu o ombro sob a mão de Rosemary.

— Não quero que você fique com muita esperança, só isso. — Virou o rosto.

— Ora, que é isso? Caia na real, Andrew. Eles ficarão eufóricos no momento em que disser que estou interessada, e não desistirão no instante seguinte. Você sabe que é verdade.

Ele olhou de volta para ela. Assentiu.

— Acho que é.

— Acha?

— Vamos batizar nossos gêmeos de Andrew e Rosemary! — cantou uma mulher ao lado deles, carregando uma imensa barriga dentro do vestido verde.

— Amo vocês dois! — disse o marido da mulher grávida.

— A banda tocou *Blue Skies*.

— Deus os abençoe — disse Rosemary, mudando o ritmo da dança com Andy. — Deus abençoe seus *filhos*! Amo vocês! — Puxou Andy pelo cabelo para fazê-lo olhar para o casal.

Ele disse “Amo vocês” e observou-os desaparecer entre os outros dançarinos.

Rosemary suspirou, penteou o cabelo de Andy com os dedos, pousou o rosto no seu ombro. Enquanto estavam juntos, cantou suavemente: “*Nada se não céus azuis, daqui por diante. Nunca vi o sol brilhar tão forte...*”

Andy olhou sobre a cabeça da mãe. Balançou a sua como se para clareá-la. Sorriu para as pessoas dançando ao seu redor.



Diante da porta da suíte de Rosemary, as palmas de Joe flutuavam *um tantinho assim* de seus ombros nus.

— Mãe de Andy — disse ele. — Mal posso acreditar. O recepcionista estava ausente de sua mesa no fundo do corredor. Talvez tivessem lhe dito que aquela era uma boa hora para ele dar uma mijada.

— Joe, às vezes tenho dificuldade de entender a mim mesma, mas Andy não é Jesus e eu não sou Maria. Sou Rosemary Reilly, de Omaha. Os homens da minha família trabalham para Hormel. Ou costumavam.

Ele respirou fundo.

— Entendi — disse ele, e agarrou seu ombros e beijou-a na boca. Ela retribuiu o beijo, abraçando-o.

Sorriram um para o outro. Ela tirou o cartão de sua bolsa e destrancou a porta. Os dois entraram.

Ela deixou-o entrar primeiro e fechou a porta.

Por que não? Estava excitada. Ele estava disponível. Pegaram garrafinhas de licor e Rémy Martin no bar e sentaram-se no sofá com as luzes mais fracas. Abraçaram-se e beijaram-se.

Muito.

— Preciso lhe contar uma coisa — disse Joe, acariciando o rosto de Rosemary. — Não tenho estado exatamente celibatário desde que Ronnie e eu rompemos, e acho melhor fazer um exame antes que nós... você sabe... antes de qualquer coisa arriscada. Mas gostaria de fazer uma sugestão.

— Qual? — perguntou.

— Bem, estou pensando na véspera de Ano-Novo. Sei que vamos todos acender nossas velas juntos, na cerimônia no parque, na Mansão Gracie ou em qualquer outro lugar, mas achei que, talvez depois, à meia-noite, você e eu poderíamos acender velas, só nós dois. Comprei extras.

Ela sorriu para ele.

— E uma ótima ideia, Joe.

Beijaram-se.

Ele pegou uma garrafinha de conhaque na mesa de café e serviu a si mesmo e a Rosemary.

— Acho que podemos começar o ano com fogos de artifício — disse ele, sorrindo. — O trocadilho foi proposital. — Ele bebericou seu conhaque, olhando para ela.

Ela sorriu, bebericando o seu.

— Se não for no começo do ano 2000, quando será?

Ele sorriu para ela. Assentiu.

— Quando você parar de pensar nisso — disse. — Aposto com você que o número de pessoas trepando logo depois da Iluminação será maior do que em qualquer outro momento da História.

— Tem razão — disse. — O ano 1000, esqueça. — Riram.

— Dullsville! — disse ele. Trocaram um beijinho. — Puxa, isso foi algo que eu realmente não antecipei!

— Eu antecipei — disse Rosemary. — Na primeira vez que bati os olhos em você, pensei: “velho mas *sexy*”.

— Oh, *muito* obrigado, Rosemary.

— Eu estava com trinta e um anos na minha cabeça — explicou. — Ainda estou, de vez em quando.

— Você está com dezoito em sua boca.

Os dois acabaram com o conhaque.



Ela acordou cedo e animada, sentindo-se completamente revigorada, apesar do namorico até a meia-noite.

Ou talvez por causa dele, mais provavelmente. Quase tinha esquecido o quanto uma festa para dois podia ser excitante, mesmo com os limites sensatos e admiráveis de Joe. Seu primeiro contato real com um homem em... quase sete anos de *seu* tempo, mais vinte e sete para a realidade. Oh, deuses.

Aquele beijo não contava, claro.

Mal podia esperar pela véspera de Ano-Novo com Joe.

Hoje era... quinta, dia nove? Teria de falar com ele. Quanto tempo ele levaria para fazer os exames? E exatamente o quão românticos os dois teriam de ser, em relação ao tempo?

Sua resolução de Ano-Novo teria de esperar pela ocasião adequada; as questões mais importantes vinham primeiro, como ajudar as pessoas a fazer a Iluminação na hora certa.

Novamente, como sempre que dedicava a esse evento um pensamento um pouco mais que passageiro, Rosemary ficava emocionada com sua beleza e poder simbólico. Apenas na última terça ela ficara sabendo sobre as imagens de satélite de alta resolução que estariam voltando para a Terra no momento em que as velas fossem acesas, sobre o concerto — os Boston Pops, o Mormon Tabernacle Choir — que seria transmitido ao vivo e em estéreo para o mundo todo. Talvez Andy não fosse um anjo, mas certamente era um artista, porque era isso que a Iluminação representava: uma grande obra de arte conceitual, acessível e significativa para toda a humanidade.

Ele era doido — tantos artistas não eram? —, esfregando-se daquele jeito nela entre os dançarinos. Ali, uma dúzia de pessoas podiam ter... *Em lugar nenhum!* Ele não podia fazer aquilo *em lugar nenhum!* Precisava ter outra conversa com Andy.

Abrindo as cortinas, recebeu um raio de sol bem no rosto; levantou um braço para se proteger de sua luz sobre a Quinta Avenida. *Nunca tinha visto o sol brilhar tão forte!*

Nunca tinha visto também tantos praticantes *de cooper*. Protegendo os olhos com o antebraço, olhou duas pistas cheias de pessoas com roupas de ginástica, correndo em ambas direções por detrás dos táxis e carros percorrendo a Park Drive. Quem imaginaria que um dia tantos fanáticos por saúde levantariam da cama cedo numa manhã fria de dezembro para correr sob um céu azul antes de enfrentar um dia de trabalho...

Nunca vi as coisas indo tão bem! Com calças colantes, suéter, cachecol no pescoço, chapéu de aba flexível e um grande par de óculos escuros — que até esta mesma manhã ela chamava de “óculos de sol” —, Rosemary juntou-se aos fanáticos por saúde, uma coleção atraente de nova-iorquinos bem-apegoados, a maioria exibindo *buttons* EU **Y** ANDY, alguns com suéteres EU **Y** ANDY,

outros declarando seu **Y** por MOZART, CHOCOLATE e FIRE ISLAND.

— *Como os dias passam correndo! Quando você está amando...* — começou Rosemary, e cantarolou o resto da música.

E, para sua surpresa, viu — atrás da pista e do parque, na Central Park West — o Bram. Pelo menos o teto pontudo e as torres do prédio, encobertas por galhos de árvores. Mas seria *mesmo* o Bram? O pouco que vira parecera diferente. Mais claro.

Esperou até os táxis e os carros pararem, e atravessou a pista.

Seguiu uma rua de subida, que curvava para a direita. Caminhou pela calçada, os carros passando rentes à sua direita. Perto da Central Park West, a rua curvou para a esquerda, e o prédio em estilo gótico se revelou. O Edifício Bramdford, com toda certeza.

Tinha sido clareado — a areia, vapor ou como quer que fizessem hoje em dia. O Bramford Negro tornara-se um Bramford Pêssego. As gárgulas tinham sumido; bandeiras americanas tremulavam no pináculo do telhado.

A casa da infância de Andy.

Sorrindo, Rosemary balançou a cabeça. Deviam vender lembranças na varanda — uma tonelada de camisetas Andy e uma ou duas de Theodore Dreiser e Isadora Duncan. Será que tinham camisetas com desenhos de Adrian Marcato e seus seguidores de Satã? Ou das irmãs Trench fritando a doce Daphne? De Pearl Ames e seus bichinhos?

Rosemary ouviu uma mulher chorar atrás dela.

Virou-se e viu, por detrás de uma cerca e algumas moitas cobertas de neve, uma clareira num terreno mais baixo, onde algumas pessoas de pé formavam uma roda. A mulher chorando — uma jovem vestida de preto — estava sendo conduzida para fora da roda por uma senhora.

Rosemary fechou os olhos. Deslizando as pontas dos dedos sob os óculos escuros, esfregou os glóbulos oculares.

A Ideia Impensável — a coisa que Rosemary evitava até mesmo *pensar* em pensar desde o primeiro momento em que vira Andy na TV *há exatamente um*

mês — pousou a mão em seu ombro.

Levantou a cabeça, baixou os óculos, rejeitou a mão da Ideia Impensável. Impensável. Abaixou o chapéu sobre a testa, levantou o cachecol sobre a boca e começou a procurar uma trilha até a clareira.

Encontrou um desvio da rua pela qual passara, uma alameda asfaltada contornando uma placa, *Strawberry Fields*, onde seis ou sete pessoas formavam uma roda em torno de um disco de ladrilhos pretos e brancos no chão, algumas flores e envelopes. Alguns dos homens e mulheres estavam com as cabeças baixas, como se orando; outros apenas olhavam para a frente pesarosos. Outras pessoas, mais afastadas, miravam câmeras para a multidão, e se aproximavam para bater fotos do disco.

Olhos fechados, lábios rubros trêmulos, uma mulher de aparência mediterrânea derramou sobre o disco uma pilha de rosas vermelhas. Estava toda de preto como a jovem, que agora estava sentada, ainda chorando, num banco ali perto, ao lado da mãe, ou quem quer que fosse.

Rosemary tentou manter-se calma, certa de que estava tendo algum tipo de visão, enquanto a Ideia Impensável martelava em sua cabeça: ANDY ESTÁ COM 33 ANOS A MESMA IDADE DE JESUS AO SER PREGADO NA CRUZ.

Essas pessoas diante da casa da infância de Andy estavam reunidas em torno de um monumento que ainda não existia. Mas que existiria um dia.

Respirou fundo e caminhou até a roda, as mãos fechadas pendendo ao lado das coxas.

O disco era um mosaico de ladrilhos pretos e brancos curiosamente desiguais. No centro, uma palavra de quatro letras maiúsculas jazia em meio à grande quantidade de rosas vermelhas. Rosemary levantou os óculos escuros para ler: *MAGI*, plural de “mago” em inglês.

Não conseguia imaginar o que significava aquilo, que magos estavam sendo invocados ou anunciados ou o quê. Mas isso importava? Abaixou os óculos e passou pelas pessoas reunidas, cobrindo-se mais com seu chapéu e cachecol; caminhou mais rápido por outra trilha conduzindo à pista, desceu-a correndo enquanto via o topo da torre de vidro dourado a oitocentos metros de distância,

esbarrando em alguém, continuando a correr.

— Sinto muito, desculpe! — gritou Rosemary sobre o ombro.

Um velho com boné dos Yankees e camiseta EU **Y** SIMBOLOS balançou um punho.

— Olhe por onde anda, Greta Garbo!

Parou na beira da pista, esperou um pouco e atravessou correndo na direção da alameda sul.

Juntou-se ao fluxo de corredores na direção da torre de luz dourada cegante.



Na terça haviam lhe dito que seu cartão fora validado para a entrada do saguão para o elevador particular, mas não esperara usá-lo. Pressionou o número 10, e o elevador subiu como um foguete. Ainda era cedo, mas Andy geralmente sentava-se à sua mesa às oito da manhã, ou pelo menos era o que ele e a imprensa diziam.

Andy estava lá nessa manhã. Quando ela estava no meio da sucessão de cubículos vazios, ouviu-o falando humildemente com alguém, tentando convencê-lo de alguma coisa. Enquanto se aproximava da porta aberta para a ante-sala de Andy, Rosemary pôde ouvir claramente.

— Por favor? Por favor? Você irá... *Ei! Por favor!* Apenas me deixe terminar, certo? Metade dos *out-doors* ainda não estão prontos, *mais* da metade na China e na América do Sul, mas *todos estarão prontos até sexta-feira no máximo*, em toda parte.

Rosemary entrou na ante-sala — Judy ainda não estava à sua mesa — e seguiu até a porta aberta do escritório de Andy.

— Vamos saturar a TV de segunda, dia treze, até o final do mês com os dois comerciais que você mesmo disse que passavam a mensagem com mais clareza, o menino e seu avô e... *Você disse!* Outro dia mesmo! *Merda...*

Rosemary pôde ver a mão de Andy correndo por seus cabelos castanhos sobre o encosto da poltrona; estava sentado de costas para a mesa, olhando para a janela do escritório. Segurou seu chapéu e óculos com uma das mãos, levou a outra até a porta... e parou, não querendo interrompê-lo. Sentiu cheiro de café.

— Os números vão melhorar, prometo. Honestamente não acho que seja necessário ou prático, e isso simplesmente não parece a coisa certa a... Bem, é *claro* que ela vai querer, eu sei.

Virou a cadeira e olhou para Rosemary.

Rosemary entrou no escritório, levantando as mãos pedindo desculpas.

Ele sorriu, acenou.

— René — disse ao telefone, levantando-se num pulôver da GC *jeans*. — Desculpe. Desculpe. *René*, minha mãe acaba de entrar; podemos ser mais concisos, por favor? — Contornou a mesa, enquanto ela adentrava o escritório. — Sim — disse ele. — Irei. — Voltou-se para Rosemary. — René está dizendo *bonjour*. O aeroporto.

— Oh — disse ela, lembrando do francês idoso cuja mão apertara. Agitou os dedos, demonstrando sua repulsa.

— Mamãe também disse *bonjour* — mentiu Andy, sorrindo com os olhos para ela. — Conversaremos quando o senhor chegar em casa, certo? Faça uma boa viagem. E por favor, agradeça a Simone pela oferta generosa e lhe diga que haverá tempo para marcar mais uma *dúzia* de concertos. *Ciao* para as netinhas adoráveis.

Desligou o telefone.

— Ora, ora — disse Andy, aproximando-se dela e correndo as mãos pelo cabelo. — Obrigado por me salvar. Ele é um dos nossos principais patrocinadores. E um velhinho adorável, mas como se preocupa! — Enxugou as mãos na calça *jeans*. — E a mulher dele é a pior soprano do mundo!

Segurou-a pelos ombros, beijou-a na face.

Rosemary inclinou-se sobre ele, encostou o rosto em seu ombro e o abraçou; ouviu o coração de Andy bater, enquanto seus braços a envolviam.

— Está fria — disse Andy. — Correu lá fora?

— Hum-hum — disse Rosemary, permanecendo abraçada a ele.

— Com Joe?

— Sozinha.

— E ninguém incomodou você?

Ela levantou a mão com o chapéu e os óculos.

Ele recuou, olhando para ela.

— Alguma coisa errada? — perguntou.

— Tenho estado preocupada com você. — Levantou os olhos para ele. — Estou com medo... de que alguma coisa horrível aconteça com você...

Ele suspirou e assentiu.

— É possível — disse. — Coisas horríveis acontecem com pessoas horríveis o tempo todo. Veja só o que aconteceu com Stan Shand. Plaft!

— *Não diga isso* — pediu Rosemary, batendo no braço dele.

— Tinha alguma coisa específica em mente?

— Não. Só estou assustada. Lá em frente ao Bram... — Ela olhou para ele.

— Viu o que fizeram com ele?

Ela assentiu.

— Me sinto culpado sobre a reforma — disse. — Mas não foi isso que a assustou. O que foi? Não posso imaginar o que a deixou... — cofiou a barba.

— Eu vi... — começou Rosemary.

— O quê? — perguntou, ainda cofiando a barba, olhando para ela.

Ela deu com os ombros, suspirou.

— Só um homem com uma placa anti-Andy...

— Um “Filho Original da Liberdade”? Eles são ridículos, como a Brigada Ayn Rand. Não se preocupe, estou tão seguro ou indefeso quanto qualquer outra pessoa. Mais seguro. Todo mundo me ama, lembra?

— Se as pessoas descobrirem... — olhou para ele.

— Não conte. Eu não vou contar. Quer um pouco de café? Acabei de fazer um bule. Está fresquinho.

Ela suspirou.

— Adoraria um pouco — disse.

Andy beijou-a na testa e os dois se afastaram. Rosemary desenrolou o cachecol enquanto ele caminhava até a mesinha de café.

— Da próxima vez, vá com Joe — disse Andy. — Ou comigo. Faço *cooper* quase sempre. Ou com seguranças. Se alguém reconhecer você uma multidão vai se formar ao seu redor.

— Certo — disse Rosemary, sentando no sofá. Esfregou as mãos.

Andy trouxe-lhe uma caneca da GC com café com leite, com mais leite que café, uma colher e um envelope de adoçante.

— Eu ia telefonar para você daqui a alguns minutos — disse, sentando com uma xícara na mão. Apontou com a cabeça para a mesa. — Antes de René ligar, falei com Diane. Ela teve uma de suas ideias mirabolantes, mas não é nada essencial, e você não deve se sentir pressionada a fazer isso. Estou falando sério. Se quiser seguir com seus planos na semana que vem, posso pedir a Judy para marcar reuniões com as emissoras, ou você poderia...

— Deixe de rodeios, Andy — disse ela.

— Vamos para a Irlanda na semana que vem, e ficaremos lá alguns dias. Dublin e Belfast. Por causa das suas raízes irlandesas e porque suavizei a tensão com o IRA. O fato é que ficarão mais eufóricos com nossa presença lá do que em qualquer outra parte do mundo, e isso vai gerar uma imensa cobertura global. Talvez a nossa filial no Reino Unido até consiga fazer o rei antecipar sua visita, e

mencionaremos o problema do fuso horário a cada cinco minutos. Vai ser difícil fazer as pessoas aceitarem isso.

Ela se sentou, piscou algumas vezes e olhou para ele, baixando a xícara.

— *Claro* que quero fazer isso — disse. — Andy, eu não entendo você. — Aproximou-se dele, segurou-lhe as mãos. — Age como se estivéssemos vendendo *cigarros*. Estamos promovendo um evento bonito, poderoso, que vai emocionar o mundo inteiro! Não o subestime. A Iluminação é uma obra d *tarte*. Estou falando sério. Eu e Guy tínhamos *montes* de amigos artistas, e alguns deles criaram “*happenings*”, eventos que eram enriquecidos pela participação do público. Portanto, sei do que estou falando. A Iluminação vai ser o maior *happening* da História.

Andy suspirou.

— Certo, mãe — disse ele. — Vou parar de subestimar a Iluminação.

— *Claro* que vamos para a Irlanda — disse Rosemary. — Sempre quis ir lá um dia. — Balançou a cabeça. — Como queria que Brian e Dodie não estivessem naquele cruzeiro...

— Seremos só nós dois — disse Andy.

Ela olhou para ele. Andy sorriu em resposta.

— Aquilo ontem foi o champanhe. Nunca teria me esfregado daquele jeito em você sóbrio. Vou me comportar. Juro. — Os olhos de tigre de Andy relampejaram.

— Andy, meu anjo... — disse Rosemary, e pensou por um momento enquanto ele esperava. — Não. Definitivamente vou precisar de uma secretária. De preferência alguém que eu conheça e com quem tenha intimidade. Alguma sugestão?

Ele suspirou.

— Não me ocorre ninguém agora, mas vou pensar no caso.

— Bom. E meu namorado também vai.

Ele olhou para ela.

— O seu namorado?

Ela assentiu.

— E assim que as grandes estrelas viajam. — Ela sorriu batendo os cílios para ele.

Andy não achou graça.



Na manhã de segunda-feira, 20 de dezembro, um dia depois de terem voltado da Irlanda, Judy arrumou a saia de seu sári, disse “desculpe, preciso ir”, e cruzou o caminho da cadeira de rodas de Hank para correr atrás de Rosemary pelo corredor do décimo andar.

Alcançou-a em frente do banheiro feminino e empurrou-a para dentro.

— Rosemary, preciso falar com você — disse, fechando a porta. Agachou-se, olhou por debaixo das portas das cabines para saber se havia alguém ali e se levantou, alisando o sári com as mãos.

— Deus do céu, Judy — disse Rosemary, esfregando o braço. — De A

morta-viva para isto? Estou feliz por você ter se recuperado.

— Sinto muito — disse Judy. — Sobre a forma como me comentei... foi a única maneira que encontrei de suportar a viagem... e por estar magoando você agora. Estou ansiosa para sair daqui. Estou indo embora. Por favor, podemos nos encontrar esta noite? Precisamos!

— Indo *embora*?

Judy assentiu.

— Estou deixando a GC, e Nova York também.

— Oh, *Judy*, sei que você e Andy estão passando por dificuldades...

— Passamos — disse Judy. — Acabou. Soube na segunda noite em Dublin. Lembra? Foi a noite que ele teve febre, depois que vocês pegaram chuva... onde foi? No parque?

Rosemary assentiu.

Judy suspirou.

— Ele gostava de brincar de enfermeira ou mamãe comigo... todos os homens gostam, ou pelo menos foi o que ouvi dizer... mas naquela noite, ele... bem, eu lhe conto mais tarde. Por favor, *precisamos* nos encontrar. Tenho muita coisa para lhe contar, e *preciso* contar antes de ir embora. E quero seu conselho sobre certas coisas.

— Judy, na *minha* cultura, que é basicamente Omaha com uma camada finíssima de Nova York, as mulheres não gostam de ouvir detalhes sobre a intimidade de seus filhos.

— Não é nada assim — disse Judy. — Não no sentido que você está pensando. E a respeito de assuntos sobre os quais você vai acabar lendo de qualquer jeito, em abril ou maio, senão antes.

Rosemary olhou para ela.

— O que está querendo dizer? — perguntou.

— Contarei tudo mais tarde — prometeu Judy. — E lhe peço uma coisa: não diga a Andy que estou indo embora. Liguei para ele amanhã ou hoje à noite, mas não sei se vou conseguir se lhe contar cara a cara. Ele me fita com aquele olhar que me penetra a alma, diz palavras românticas e sempre me tira completamente dos trilhos: eu me desprezo por isso.

Rosemary respirou fundo.

— Certo. Hoje à noite. Oito horas?

— Obrigada — agradeceu Judy, tomando as mãos de Rosemary nas suas. — Obrigada.

Saíram para o corredor. Hank estava sentado a alguns metros de distância, um sorriso no rosto redondo, os olhos brilhando por trás dos óculos.

— Certo, Rosemary — disse ele. — Conte tudo sobre você e o rei!

— Isso! Por favor! Quero saber tudo! — disse Judy.

— Não há nada para revelar — disse Rosemary. — Sabem como são os jornalistas ingleses. O rei beijou minha mão. O que era para ele ter feito? Me dar um tapa?

— Ora, pelo menos tenho notícias divertidas — disse Hank. — Recebi os resultados da pesquisa do fim de semana.

— São bons? — perguntou Rosemary.

— São fantásticos — disse Judy, cutucando o ombro de Rosemary. Ela beijou a face de Rosemary. — Hank...

— Cuide-se — disse Rosemary, e se aproximou da cadeira de rodas de Hank.

— O comercial está sendo exibido há apenas uma semana, e a resposta “Os outros que acendam velas” caiu de uma média de vinte e dois para treze por cento. Veja só.

— Não acredito — disse Rosemary, inclinando-se para ler a impressão de computador. Ela assobiou.

Hank sorriu, olhando-a. Virou a cabeça de lado e disse: — Oi.

Rosemary virou-se, empertigou-se e falou “Oi” para Sandy na porta do banheiro feminino — serena e loura com sua blusa bege de colarinho alto, mais Tippi-Hedren-em *Os-pássaros* que o usual. Devia estar numa daquelas cabines do fundo — afastada demais para poder ter ouvido o que Judy dissera.

— *Olá* — disse Sandy com um sorriso. — Bem-vinda de volta. Estava torcendo para você não estar tão desorientada com o fuso horário que não pudesse vir. Deve ter sido uma viagem emocionante! Você estava um deslumbre naquele vestido em Belfast!

— Vejo vocês depois — disse Hank, girando a cadeira de rodas e seguindo pelo corredor.

— Muito bem, *conte!* — disse Sandy, segurando Rosemary com as mãos de unhas vermelhas. — O que aconteceu entre você e Sua Majestade?

— *Absolutamente nada* — disse Rosemary. — Sabe como são aqueles jornalistas ingleses.

Seguiram a cadeira de Hank abraçadas, as cabeças quase juntas.

Craig chegou pelo corredor e brincou com Hank, bloqueando-lhe a passagem. Hank mostrou-lhe os resultados e todos comemoraram por um ou dois minutos.

Então Rosemary despediu-se com um aceno e seguiu para a divisão de TV, Hank dirigiu sua cadeira de rodas pelo corredor, e Craig caminhou até o banheiro dos homens. Sandy permaneceu onde estava.

— Craig, depois que terminar, precisamos conversar — disse Sandy.



Uma das coisas mais estranhas para os olhos e ouvidos de Rip Van Rosie era a forma como todos em 1999 escreviam e falavam sobre terroristas *assumindo a responsabilidade* por suas atrocidades. A irmã Agnes teria partido sua régua e aprofundado as estrias em sua mesa: “Vocês precisam *assumir* seus

atos!” Vap! “*Responsabilidade* consiste em inteligência e maturidade!” Vap!
“Vocês precisam *admitir sua culpa!*” Vap!

Embora Andy tivesse esfriado o terrorismo, que alcançara um pico terrível no ano anterior, ainda aconteciam atos de barbárie terríveis, e não apenas no Oriente Médio. Na manhã que chegaram a Belfast, ficaram sabendo que mais de seiscentas pessoas em Hamburgo tinham sido mortas por uma nova variação de um velho gás terrorista. Ninguém ainda havia “assumido a responsabilidade”. A área afetada, uma dúzia de quarteirões perto do porto, ainda está tóxica. Os detalhes estavam sendo escondidos.

Rosemary falara com Andy na viagem de volta para casa sobre a possibilidade de ele fazer um comercial ou um discurso direcionado, pedindo que todos parassem de comunicar as mensagens terroristas, de modo que os que ainda existiam fossem levados a pensar de forma civilizada. Ele concordara que aquela seria uma boa ideia para o ano seguinte, mas não parecera muito entusiasmado; assim, ela estava reunindo alguns pensamentos sobre abordagens possíveis que armazenaria em sua bugiganga de memória, com o objetivo de animar mais Andy ou fazer alguma coisa por si mesma a respeito da questão.

Era nisso que ela *devia* estar se concentrando enquanto esperava que ele telefonasse para falar sobre a queda de nove pontos em “Os outros que acendam velas”. Que salto extraordinário!

Ele estava ocupado com alguém. Já devia ter visto os resultados a essa altura.

Depois de outra meia hora, aproximadamente, Rosemary ligou para ele — e ouviu sua mensagem gravada.

Ligou para Hank e ouviu a mensagem *dele*.

Levantou para falar com Craig. Abriu a porta e engoliu em seco.

Nada de Film Society!

Nada de Craig, Kevin, ninguém...

Nada nos três monitores de TV... o que era realmente estranho.

Caminhou entre os cubículos vazios, onde, se inclinasse a cabeça e forçasse

a audição, sempre podia escutar sinais de vida no corredor central e na divisão legal além de... um clique no comutador de luz, um passo, os sons eletrônicos de um jogo de computador...

Hoje não.

Silêncio absoluto.

Retornou ao escritório.

Ligou para Sandy, ouviu a mensagem *dela*.

Olhou para a data no *Times* — segunda, 20 de dezembro de 1999 (CONFIRMAÇÃO DE MORTES EM HAMBURGO AUMENTAM CADA VEZ MAIS...) — e finalmente entendeu por que todo mundo tinha sumido tão misteriosamente.

E por que ela também devia ir embora. Nesse exato momento.

Só restavam mais seis dias para fazer compras até o Natal.



Escondida por trás de óculos de sol, lenço de cabelo, suéter e calças escuras, olhou as vitrines decoradas para o Natal nas butiques. Atendentes acenavam com mãos enluvadas; ela acenava em resposta, parava para rir e conversar um pouco. “Vocês conhecem esses jornalistas ingleses...”

De Dublin, ela enviara suéteres para toda sua lista de irmãos, cônjuges dos irmãos, sobrinhos e sobrinhas — mas ainda havia pessoas para quem não comprara presentes: a equipe da GC (sete homens, cinco mulheres), alguns funcionários do hotel que tinham merecido mais do que dinheiro num envelope (dois homens, duas mulheres) e Andy e Joe.

Andy, claro, representava um problema.

No último Natal fora fácil — um velocípede, quebra-cabeças e alguns livros do Dr. Seuss. Este Natal, um pouco mais de seis meses depois, era diferente, com seu filho quase vinte e oito anos mais velho e sabendo quem era seu pai

verdadeiro. O problema não era a escolha do presente, mas o significado por trás do gesto.

Dar a *ele* um presente pelo aniversário *Dele*?

Sim, decidira Rosemary. De certo modo era como a coisa do Não-passe-mensagens-de-terroristas: mantê-lo ciente da alternativa.

Escolheu luvas na boutique Gucci, bijuterias na Lord & Taylor, perfume na Chanel.

Na boutique Hermès escolheu meia dúzia de lenços e uma estola. Daria a estola a Judy à noite — se não conseguisse fazê-la mudar de ideia sobre ir embora. Ela e Andy não podiam permanecer amigos? (E o que ela quisera dizer com “assuntos sobre os quais você lerá de qualquer jeito em abril ou maio”?) Pagou com seu cartão de crédito, lembrando a si mesma que a despeito de quem planejava e iniciara a GC — e é melhor não pensar *nele* nesta época do ano! —, seus fundos provinham hoje principalmente de plutocratas como René Sei-lá-seu-*nom*, que também contribuía para um fundo separado designado especificamente para as despesas pessoais de Andy; ele lhe dissera isso ao lhe dar o cartão, antes de embarcarem para a Irlanda. Ninguém em seu juízo perfeito esperava que as pessoas de hoje se identificassem e se deixassem guiar por alguém que não vivesse bem. Caia na real, mamãe. Quanto aos centavos e dólares, e pesos e *etc.* que entravam nos escritórios da GC, era um dinheiro destinado inteiramente aos programas sociais locais; o imposto de renda e seus primos estrangeiros supervisionavam isso.

Certo. Mas no próximo ano ela faria compras de Natal com dinheiro do próprio bolso.

Na boutique Sulka, Rosemary examinou um belo robe de seda preta com detalhes em azul real que ficaria maravilhoso em Andy. Muito caro, claro, e talvez um pouco sensual, mas uma possibilidade...

Voltou à suíte um pouco depois das quatro, tendo cumprido um compromisso às duas e meia para retocar o cabelo e responder perguntas sobre o rei. Mal tirara os óculos quando sua linha pessoal bipou; Andy vinha tentando entrar em contato com ela.

— Oi, eu não ia incomodar você com isto, mas então lembrei, *Luther* não

foi uma das peças que o pai de Andy fez na Broadway? — disse Diane, sem se identificar.

— Sim... — disse Rosemary.

Foi o que pensei. Talvez você queira dar uma mão a uns rapazes. Eles vão remontar essa peça hoje, no circuito off-Off-Broadway, e acabaram de começar os ensaios. O problema é que o dono do espaço é luterano; ele diz que a peça é herética e arranjou uma desculpa esfarrapada para livrar-se dos rapazes. O cheque bateu dois segundos atrasado.

— Se ele é luterano, por que acha que a peça é herética? — perguntou Rosemary. — A peça é a favor de Lutero.

— Como posso saber o que passa na cabeça do sujeito? Tudo que sei é que só lhes restam dois dias antes de terem de sair do teatro, vão fazer algum tipo de protesto, e que a diretora é neta de um velho amigo. Se você pudesse conversar com eles por cinco minutos sobre liberdade de expressão, isso iria colocá-los nos jornais e salvar o dia. Pelo menos essa é a teoria. Francamente, não acho que o dono do lugar vá ceder; ele já fez esse tipo de sacanagem antes e se deu bem.

— Onde e quando é esse protesto?

Ligou para Judy em seu apartamento. Ouviu sua mensagem e esperou. Depois do bipe, disse: — Judy, aqui é Rosemary. Seria possível...

— Estou aqui, Rosemary. Qual é o problema?

— Oi. Seria possível nos encontrarmos um pouco mais tarde esta noite? Vai haver uma manifestação de alguns rapazes que estão tentando montar uma peça... — ela explicou.

— Claro que sim! Ajude-os! É uma coisa horrível quando as pessoas tentam deter a expressão de ideias! Mesmo assim, se o cheque chegou atrasado e o homem é o dono...

— Estarei de volta lá pelas nove, segundo Diane — disse Rosemary. — Mas como é na Carmine Street, no Village, acho melhor marcarmos para as nove e meia para não termos problemas.

— Por mim tudo bem. Estou fazendo as malas. O tempo extra vai ser útil.

— Não se apresse demais. Vamos conversar um pouco.

— Já tomei minha decisão. Boa sorte no discurso. Ou melhor... como é que eles dizem? Merda pra você.

Telefonou para Diane. Disse apenas um desanimado “tudo bem”.

— Que bom. Pode dar certo, o que seria ótimo. Vou providenciar um carro. Sete e meia?

— Vou ligar para Joe. Se quiser ir, ele pode querer colocar seu carro para fazer exercício. Ligo mais tarde. Viu Andy hoje?

— Não tenho visto ninguém além da minha empregada. Estou de cama com ciática.

— Sinto muito, Diane!

Ligou para Joe no apartamento dele.

— Sim, claro. Podemos usar meu carro. *Ele* vai estar lá?

— Andy?

— O luterano.

— Joe...

— Talvez tenhamos alguns amigos em comum, só isso. Conheço donos de teatro. Que horas?

Ela ligou para Diane e pegou o endereço.

— O seu contato é o diretor de cena, Phil alguma coisa. E parabéns pelos resultados da pesquisa!

A campainha tocou. O toque de Andy.

— Andy chegou — disse Rosemary. — Depois lhe conto o que ele disse.

— Mande-lhe minhas...

Bateu o telefone e correu para a porta, enquanto Andy tocava novamente. Abriu, e rosas saltaram sobre ela, rosas com cheiro de rosas vermelhas e redondas como aquelas que cercavam a palavra *MAGI*.

Andy abriu um sorriso... brilhante demais?

— Conte-as — disse, dando-lhe o buquê embrulhado no papel dourado da florista do saguão.

— São lindas — disse, segurando o buquê. — Obrigada... — Observou seu rosto enquanto ele entrava. Fechou a porta. — Algo errado?

— As rosas — disse. — Conte-as.

Nove.

— Pela queda de nove pontos — disse ele. — É um salto extraordinário!

— Foi exatamente o que *eu* pensei! — Pressionaram as faces, beijaram-nas. — Obrigada, querido. São realmente bonitas! — Enfiou o nariz entre as rosas.

— Seu cabelo parece diferente — disse, correndo o zíper da jaqueta.

— Gosta? Ernie estava inspirado. — Mostrou-lhe os dois lados.

Cerrando os olhos, cabeça inclinada, Andy disse: — Hummm... vou levar um pouquinho de tempo para me acostumar.

— Eu adorei — disse Rosemary, abrindo a cozinha, enquanto ele tirava a jaqueta. — Onde esteve o dia inteiro? — Abriu um armário.

— O prefeito enviou-me junto com um grupo para Albany — explicou. — Para implorar ao governador a respeito da conta do hospital.

Ela pegou um vaso de vidro.

— E foi vestido assim?

— Fui — disse, assentindo. — E rapaz, o governador estava puto! — Sorriam um para o outro. Ele se encostou no balcão, observando-a colocar as rosas no vaso. — O compromisso que eu tinha para hoje foi cancelado. Quer ver

um filme?

— Não posso. Vou fazer um pequeno discurso — explicou, enquanto punha as rosas no vaso.

— Eu adoraria ouvi-la falar.

— Venha então. Mas Joe vai me levar no carro dele. E um daqueles com duas poltronas, não é?

— Três.

Colocando água no vaso com a mangueira, Rosemary olhou para Andy.

— Com uma condição.

— Que é...?

— Nada de expressões como “meu velho” ou “veterano”. Nenhuma dessas expressões na noite inteira.

— Do que está falando? — perguntou. — Eu não...

— Oh, *Andy!* —disse Rosemary, enxugando o vaso. — *Francamente!* Espero um pouco mais de sutileza de você. Sabe perfeitamente o que estou querendo dizer.

— Tudo bem — disse ele, caminhando até a TV. — Tudo bem, tudo bem...

— Vou entrar — anunciou Rosemary, carregando o vaso para a mesinha de café. — Quero descansar e fazer algumas anotações. Se você for ficar, há meio misto de presunto e queijo suíço na geladeira. Ou apenas o leve com você, se quiser. Vou pedir alguma coisa por volta das seis. Joe vai chegar às sete e meia.

— Olha só o Van Buren. — Andy estava parado diante da TV, segurando o controle. — Você ouviu? Ele cortou as duas frases sobre armas de seu discurso político.

— Por causa do *comercial*? — perguntou Rosemary.

— Ele lê as pesquisas.

Mike Van Buren, num chapéu de caubói, diante de um céu azul, respiração ofegante, falava diante de vários microfones de mão: — ... os dois lados podem esfriar um pouco a cabeça. Os Filhos Originais de Liberdade agora dizem que, se não forem pressionados, irão reconsiderar sua posição sobre a Iluminação. Assim, parece que, graças à mensagem sincera de Rosemary, e obviamente graças também a Andy, todos estaremos juntos como se fôssemos uma nação.

Andy bateu no peito.

— Minha carreira está acabada! — gritou.

Rindo, Rosemary disse: — Oh, Deus, ele está se movendo para o centro; será o próximo presidente, graças a nós!

— Nem em sonho — disse Andy, rindo, enquanto mudava de canal. — Prometo.

— Na política, nunca se sabe — disse Rosemary.

— Confie em mim — disse Andy. — Isso não vai acontecer.



Uma noite verdadeiramente infernal.

O discurso foi a única coisa que correu bem. A platéia era menor do que Rosemary esperara — cerca de trinta rapazes e moças, os atores e seus amigos —, mas não podia ter sido mais calorosa; foi como se eles fossem parceiros de Rosemary em algum tipo de leitura, ensaio ou *happening*. O espaço era um auditório que ocupava quatro andares de um prédio, seu palco menor que a meia-lua do anfiteatro da GC. Apertar até mesmo uma versão modesta de *Lutero* nele seria um verdadeiro desafio para a neta da amiga de Diane (que estava fazendo uma cirurgia de retina no St. Vincent, comunicou-lhe Phil, o diretor de cena).

Rosemary obteve risadas fáceis citando algumas das respostas de Hutch a

teólogos conservadores — o escritor discutira com eles sobre o trecho num de seus livros juvenis, no qual os garotos nadavam pelados e depois se sentavam à fogueira comendo churrasco —, e graças à ajuda dos funcionários da Biblioteca Pública de Nova York, pudera fazer citações precisas de Tom Paine e Tom Jefferson. Seu discurso foi eficiente, e depois a platéia rodeou-a para pedir autógrafos, parabenizando-a e dizendo-lhe que ela era maravilhosa e que devia continuar desenvolvendo um trabalho como aquele. Andy permaneceu sentado num canto da sala, numa das cadeiras de plástico empilháveis, calcanhares cruzados, braços dobrados, cabeça baixa. Joe, ao seu lado, sorria de orgulho por Rosemary, levantando dois polegares para ela, enquanto Andy erguia um cotovelo.

O inferno veio antes e depois.

Primeiro houve o incêndio a alguns quarteirões a leste da Carmine Street — grande o bastante para atrair todas as unidades móveis de TV.

Então, às oito e meia, quando Phil disse que não esperariam mais e se contentariam com o material nas câmeras de vídeo da platéia, exatamente quando todos se sentavam novamente e ele levantava as mãos para pedir silêncio... vieram os carros da polícia.

E o esquadrão de bombas. Com o caminhão e os cães.

Tinham recebido um telefonema de alguém representando um grupo chamado Luteranos contra Lutero — a peça, não o homem, especificara a mulher. Estavam assumindo a responsabilidade por uma bomba que detonaria às nove em ponto. Havia noventa e nove chances em cem de ser um blefe, mas o prédio precisava ser evacuado imediatamente e vasculhado de cima a baixo. Desculpe, pessoal.

Joe estava pronto para voltar para o carro, mas Rosemary estava mais irritada do que nunca com o egoísmo de algumas pessoas que alegavam crer em Jesus Cristo. Além disso, tendo se preparado bem e dispondo de uma platéia amigável, Rosemary sentia que o discurso poderia ser um bom aquecimento para discursos maiores e platéias mais difíceis.

Andy deu de ombros.

— Você é quem manda — disse Joe, para Rosemary, não para Andy.

Ela pegou emprestado o telefone de Phil — ele era jovem e simpático, com grandes olhos azuis como os de Leah Fountain, e o mesmo queixo fino — e atravessou a rua interditada, mas ainda cheia de gente até a vitrine de uma padaria, na qual se encostou, dobrando o casaco com mais força em torno de si. Todo mundo — Andy, Joe, Phil, os atores, metade da Carmine Street — estava observando os homens e mulheres que desciam dos dois últimos andares do edifício, o Dominique's Dungeon.

O maldito -proprietário trata tudo com dois pesos e duas medidas. Ela balançou a cabeça enquanto ouvia a mensagem gravada de Judy.

— E Rosemary. Você está aí? — Ela devia estar; seu apartamento na West End Avenue ficava apenas a uma caminhada curta da Torre. — Não tenho como chegar aí às nove e meia — disse Rosemary, esticando o pescoço para ver quem ou o que a multidão estava ovacionando. — Houve uma ameaça de bomba. Talvez eu consiga chegar às dez. Vou ligar para a recepção e dizer a quem estiver lá para deixá-la entrar, caso você chegue primeiro.

Cumpriu o prometido.

Já passava muito das nove e meia quando finalmente estava em pé diante daquela platéia simpática e calorosa.

O inferno voltou quando Andy, prestes a se dobrar no banco traseiro do Alfa-Romeo preto clássico de Joe, descobriu um arranhão de sete centímetros, reluzindo de novo, na parte inferior do pára-choque traseiro. Joe, carrancudo, silencioso, conduziu o carro em torno do quarteirão até a garagem onde o veículo estivera estacionado; ali saltou, apresentou-se ao atendente, um homem enorme de cabeça raspada com um brinco de ouro, e o convidou a ver o arranhão. O homem disse que estava vendo o arranhão pela primeira vez, o que Joe considerou difícil de crer. Passava das dez quando Rosemary o persuadiu de que ela realmente queria ir para casa, e que advogados, e não ameaças, seriam o próximo passo lógico se aquilo era realmente tão importante.

— Se? — perguntou Joe. — Se?

Isso aconteceu aproximadamente na hora em que o encanamento estourou no cruzamento da Oitava Avenida com a rua 39.

— Estou dizendo, Rosie, você não poderia ter estado melhor — garantiu

Joe quando estavam presos no tráfego entre a ruas 32 e a 33. — Você manteve os garotos na palma da mão o tempo inteiro.

— Por favor... — disse Rosemary. — Aquela foi a platéia mais amigável com quem alguém já falou. — Ela balançou a cabeça, gesticulando. — Eu poderia ter recitado a lista telefônica.

— Que é isso, você estava fantástica. — Deu um tapinha no painel enquanto segurava o volante com a outra mão. — Não estava, Andy?

— Estava.

Rosemary se virou para olhar Andy, acorado no banco atrás deles. Reflexos de luz corriam por seu cabelo, faces, barba.

— Está se sentindo bem? — perguntou Rosemary.

Andy permaneceu em silêncio por algum tempo. Finalmente, disse: — Na verdade não. Devo ter comido alguma coisa... — passou a mão na barriga.

— Ahhh... — exprimiu Rosemary, inclinando-se sobre a poltrona, tocando a outra mão de Andy sobre seu joelho. — Espero que não tenha sido aquele misto de presunto com queijo suíço...

— Não, acho que não.

— É preciso tomar cuidado com presunto — disse Joe, colocando uma fita para tocar.

Avançaram lentamente pelo trânsito, através da rua 33 e subindo a Décima Avenida, enquanto Ella Fitzgerald cantava o *Irving Berlin Songbook*. Ela passara da metade da gravação quando, depois das onze, o trio finalmente estava de volta à Oitava Avenida seguindo para a Forties. Rosemary não estava preocupada com Judy; ela estaria adormecida no sofá ou, mais provavelmente, fazendo anagramas com as peças do Jogo das Palavras. *Roast Mules!* Teria de se desculpar novamente pela resposta... na verdade, teria de ajoelhar e *implorar* perdão desta vez... só para o caso de Judy partir para paragens distantes. Loucura o tempo perdido movendo aquelas dez peças para a frente e para trás!

— Trânsito desimpedido daqui em diante — anunciou Joe.

— Você falou cedo demais.

— Oh, não — disse Joe. Olhou no espelho e virou para a direita, diminuindo velocidade. Um carro de polícia ultrapassou-os, a sirene ligada e piscando luzes vermelhas e brancas; outros carros seguiram-no, luzes piscando, sirenes diminuindo à medida que passavam. Enquanto isso, Ella cantava que aquele era um dia adorável, e que tudo estava bem.

— É uma noite infernal, Ella — disse Rosemary, observando as luzes do carro de polícia sumir ao longe.

Ella replicou: — Não é um dia maravilhoso para ser surpreendido pela chuva? Você estava indo embora, mas agora terá de ficar...

— *Get the news* — disse Rosemary. — E falando em notícias...

— Gosto dessa música — disse Andy.

— Eu também — replicou Joe, olhando no espelho, virando para a direita e reduzindo novamente a velocidade. Rosemary apontou para os botões do painel.

— Ah, sim! — disse Joe. — Certo. As notícias. Botão do meio.

Uma ambulância passou com a sirene ligada. Rosemary respirou fundo, relaxou na poltrona apertada.

Uma mulher falava sobre porões inundados no bairro Hell's Kitchen, interrompendo o serviço do metrô. Quanto ao incêndio na West Houston Street... duas pessoas mortas, dez famílias sem lar quatro dias antes do Natal.

Rosemary suspirou, balançou a cabeça. Virou-se, enquanto um carro de polícia passou com a sirene ligada por eles, luzes piscando.

— Como você está se sentindo, Andy? — perguntou ela.

— Mais ou menos.

— Andy, Phil lhe lembra alguém? — perguntou, queixo pousado no encosto da poltrona.

Ele permaneceu em silêncio.

— Leah Fountain — disse Rosemary. — Os olhos? O queixo?

— Sim, você está certa.

— Oh-oh.

Ela se virou. Pararam no sinal em Columbus Circle; lá na frente, à esquerda, um festival de luzes vermelhas e brancas piscavam na base da Torre.

— Meu Deus... — disse Rosemary.

Joe deu um tapinha na coxa de Rosemary, que estava coberta pelo casaco.

— Não deve ser nada — disse ele, deixando a mão lá.

Andy soltou uma risada.

— Deve ser uma ameaça de bomba. Luteranos contra Lutero.

— Estou feliz por você estar se sentindo melhor — disse Rosemary, forçando a vista na direção das luzes.

Joe tirou a mão de cima da coxa de Rosemary e engrenou a primeira.



O que aconteceu? — perguntou pela janela do carro. — O tira na entrada da garagem agachou-se até a janela do carro.

— Um assassinato, foi tudo que me disseram. Te amo, Rosemary!

Subiram rampa, desceram rampa, desceram rampa. No nível inferior, Joe parou o carro diante da atendente uniformizada. Ela contornou apressadamente o carro, agachou-se e abriu a porta de Rosemary.

— Oi, Rosemary! Você estava ótima lá!

— Obrigada — disse Rosemary, enquanto a atendente a ajudava a se levantar do carro ridiculamente baixo. *Um homem da idade dele...* Vendo o nome da atendente bordado no uniforme, disse: — Obrigada, Keesha. — Apontou para

cima. — Sabe alguma coisa sobre...

Keesha se aproximou, olhos castanhos arregalados.

— Uma mulher foi morta — disse. — Numa butique do saguão. Tem sangue por toda parte.

Rosemary respirou fundo.

— *Onde* foi? — perguntou Andy, olhando para cima, já quase de pé.

Rosemary estendeu-lhe a mão.

— Numa butique — respondeu ela junto com Keesha.

Ele se levantou, uma expressão preocupada no rosto. Esticou as costas.

— O que foi? — perguntou Joe, parado do outro lado.

— Uma mulher foi morta — repetiu Keesha, contornando o capô do Alfa.
— Numa butique. Não sei qual.

— Quero subir. Andy, vá direto para casa, tome alguma coisa e vá dormir. Está com uma aparência péssima. Você tem Pepto-Bismol ou alguma coisa assim?

— Vou ficar bem.

Encostou a mão na testa de Andy, manteve-a ali por algum tempo. Ele permaneceu parado, observando-a.

— Você não está com febre — sentenciou, baixando a mão. — Mas é bom tomar umas duas aspirinas. Tem chá em casar Faça um pouco, ou então peça ao serviço de quarto.

— Você foi realmente bem — disse Andy. — Mesmo uma platéia difícil teria começado a refletir.

— Elogiada pelo mestre — disse Rosemary. — *Merci*. Agora, faça o que mandei.

Caminhou com ele até a porta ACESSO APENAS A PESSOAS

AUTORIZADAS, beijou-o na face, enquanto ele passava seu cartão pela fechadura. Joe se aproximou e manteve a porta aberta, enquanto Andy passava o cartão na porta do elevador e entrava na cabine vermelha e bronze. Virou-se para eles.

— Obrigado pelas rodas, Joe, meu garoto — disse. Sorriu para Rosemary, enquanto a porta da cabine fechava.

— Vamos dar *outra* volta? — perguntou Joe.

— E melhor dar a noite por encerrada, certo? — disse Rosemary. — Estou exausta.

— Eu também — admitiu Joe. Deram-se os braços e caminharam até os elevadores. — Um trânsito lento como esses é de matar. Palavra errada.

— Queria saber quem era ela, pobre mulher — disse Rosemary com um arrepio.

— Saberemos amanhã. Queria saber qual era a boutique. Isso é que é publicidade negativa. — Pressionou o botão.

Beijaram-se.

— Você foi maravilhosa.

— Obrigada. E obrigada por ter-nos levado. Sinto pelo arranhão no carro.

— Obrigado por me lembrar disso.

Quando Rosemary saiu do elevador, Luís estava à sua mesa, apertando botões, balançado a cabeça.

— Nunca vi nada assim — disse a ela, baixando o telefone, levantando. — Todas as linhas estão ocupadas. E verdade? Um assassinato numa das boutiques? Os cães enlouqueceram?

— Eu não tinha ouvido sobre os *cães*, mas sobre o assassinato... — Ela assentiu. — Uma mulher.

Ele se benzeu.

— Deixou Judy Kharyat entrar?

— Dennis me disse para fazer isso, mas ela não apareceu.

Rosemary ficou parada diante dele por um momento, disse “obrigada” e seguiu pelo corredor, pegando seu cartão.

— Você ainda vai esperá-la?

— *Sim!* — gritou Rosemary, caminhando mais rápido.

Entrou e foi direto até a linha particular na sala de estar.

Zero mensagem..

Pegou o telefone, discou o número de Judy.

Fechou os olhos, ouvindo a mensagem.

Abriu os olhos.

— Judy, aqui é Rosemary. Atenda se estiver aí. É importante, Judy? Por favor, atenda.

Esperou.

Bip, tom de discagem.

Rosemary desligou.

Pendurou o casaco numa cadeira, ficou de pé, vestindo ainda sua calça *jeans* e sua suéter EU **Y** ANDY.

Era *Judy* lá embaixo? Agarrada por algum maníaco enquanto subia?

Ou estaria, por algum motivo, parada num daqueles carros de metrô imobilizados? Ou talvez... e essa era uma possibilidade real... se achasse presa no elevador deste prédio? Então Miss Pontualidade estava atrasada; ela podia chegar a qualquer segundo com uma história de horror urbana bem banal, especialmente esta noite.

Sintonizou os noticiários locais — no rádio e na TV —, apenas alto o

suficiente para poder escutar.

Encostada contra a moldura da janela, olhou para a rua lá embaixo, observando os tetos dos carros, furgões e ambulâncias correrem num redemoinho lento de luzes vermelhas, brancas, amarelas.

Uma noite realmente infernal.



Os leitores dos jornais nova-iorquinos, e os cidadãos que apenas olhavam as manchetes nas bancas, desfrutaram de um daqueles dias raros e deliciosos em que os dois principais jornais sensacionalistas estampavam a mesma manchete. Terça, 21 de dezembro, fora um dia tão louco, que as primeiras páginas idênticas dos dois jornais iriam se tornar verdadeiras peças de coleção.

Não apenas eram manchetes idênticas, típicas do estilo “picante, irreverente” que tinham possibilitado ambos jornais a sobreviver até a beira do novo século, *mas também cada uma* das duas páginas enfiaram o incêndio e a inundação num par de boxes *exatamente na mesma ordem*. Os títulos dessas notícias eram diferentes, mas milagres não existem, não é verdade?

Um crime hediondo, obra de um louco, a pobre mulher massacrada de forma teatral; e o cenário, aquele prédio, aquela *butique!* — o sonho de um editor de tablóide. A manchete oferecera-se numa bandeja de prata: MASSACRE NA TIFFANY'S!

Palavras em letras grandes, pretas, dispostas em três linhas.

As reportagens nos dois jornais também não divergiam muito. Uma dizia que os cães que tinham farejado o sangue ainda quente eram *weimaraners* de propriedade do dono dos apartamentos do andar de cima; o outro dizia que eram *wolfhounds* pertencentes ao dono do prédio.

Ambos jornais diziam que a vítima jazia nua no balcão central da butikue, seus braços esticados ao longo do corpo — parecendo, para um jornal, uma paciente numa mesa de operações, e para o outro, a vítima de um sacrifício a um deus primitivo.

Concordaram quanto às sete facas de churrasco e o picador de gelo. Um disse que outras peças de cutelaria tinham sido dispostas em torno do cadáver; o outro especificava as peças. Um mencionava um pequeno furto — alguns braceletes, relógios e uma poncheira.

Os dois jornais exibiam a mesma telefoto do mesmo serviço de notícias nas mesmas cores tépidas: uma visão lateral da vítima, borradas onde era esperado, deitada no balcão de vidro salpicado de sangue vermelho. Os cabos de prata do picador de gelo e das três facas estavam envoltos em branco; algumas colheres e garfos podiam ser vistos, e, no fundo, ramos de azevinho.

Segundo os jornais, a infeliz não fora identificada até o fechamento da edição. Parecia estar no fim da casa dos vinte e ser hindu; o picador de gelo fora empurrado através do ponto vermelho em sua frente.

Uma infeliz.

Ou melhor, uma azarenta.



Apenas quando os técnicos do Instituto Médico-Legal começaram a

preparar a remoção do corpo, alguém pensou que a mulher talvez pudesse ser o prato indiano de Andy. Ninguém podia ter certeza, nem mesmo o mensageiro, porque a mulher usava o véu no rosto a maior parte do tempo, e indianas com um ponto vermelho na testa não eram incomuns em Nova York, especialmente num hotel com clientela internacional. Mas como Andy possuía um apartamento de cobertura ali, e a jovem tinha a idade certa, talvez fosse melhor alguém telefonar para ele.

A meia-noite, quando Rosemary ligou para a recepção a fim de perguntar se a mulher tinha sido identificada, o recepcionista do turno da noite disse para ela esperar um pouco, que Andy estava subindo.

Noite Infernal II. Ou seria III?

Quando chegou, Andy, em vez de entristecido, estava hiperativo. Mais do que isso: estava furioso com o assassino ou assassinos lunáticos.

Contou-lhe o pouco que se sabia àquela altura. Trabalho de alguém de dentro, sem dúvida. O assassino ou assassinos não apenas sabiam como desarmar o sistema de segurança da boutique, e o sistema de apoio à prova de falhas: tinha conhecimento sobre a localização oculta da caixa de controle para as persianas da janela; sabia até — mais isso poderia ter sido obra do acaso — que todos os funcionários haviam saído junto e fechado a loja minutos depois das vinte para comparecer ao velório de um colega que morrera naquela tarde.

O interrogatório aos funcionários do prédio e da boutique, hóspedes do hotel, funcionários dos escritórios, donos de apartamento e *seus* convidados, começaria pela manhã. Milhares de pessoas seriam interrogadas.

Rosemary chorou, lamentando por Judy, tão jovem, tão inteligente, tão segura de si — exceto no que dizia respeito a Andy —, e lamentando também o fato de que, no limiar do ano 2000, apesar do Natal, apesar de Andy, apesar do advento da Iluminação, uma mulher sozinha ainda não estivesse segura no coração da capital do mundo supostamente civilizado.

Naturalmente, a indignação de Andy era num nível mais intenso e pessoal. Quando Rosemary finalmente estava caindo de sono, por volta das três, imaginando se talvez ele soubesse o que Judy quisera dizer sobre ler alguma coisa em abril ou maio, ela o ouviu ao telefone da sala descrevendo a cena a alguém, usando expressões como “*loucura absurda*” e “*show de horrores Grand*

Guignol”. Falava num tom furioso, extravasando toda sua raiva e pesar, como se estivesse apertando a goela do próprio assassino, ou assassinos. Bom, isso o ajudaria...

— ... *uma produção da porra do Theatre Guild!*



Joe chegou às nove com os tablóides e uma caixa de roscas, para fazer companhia a Rosemary, enquanto Andy ia com William e Polly até a prefeitura encontrar o prefeito, o comissário de polícia e os jornalistas. Andy pediu a Muhammed para levá-los e assim dar folga a Joe.

Andy passara a noite toda ao telefone com os principais mecenas da GC. Estavam preocupados em não deixar vaziar a informação de que Judy, a Judy do *Andy*, fora a pobre vítima no crime que — graças à sua teatralidade bizarra, lunática, absurda — estava viajando ao redor do mundo através dos jornais sensacionalistas e da TV. Caso isso acontecesse, o enfoque da mídia em Andy e na cúpula da GC num contexto tão ofensivo, uma semana antes da Iluminação, poderia desagradar a algumas pessoas. Os muçulmanos de extrema-direita. Por exemplo. Os Amish. A Iluminação seria falhada e incompleta, em vez da comunhão unificadora e transcendente que se propunha.

Andy estava confiante de que seria capaz de persuadir o prefeito e os outros a manter em segredo a identidade de Judy até o dia 1º de janeiro. Eles também queriam uma Iluminação imaculada, e o feriado de fim de ano fora planejado e preparado em função disso. Mas para o caso de ser preciso persuadi-los, William já encontrara um argumento forte. Polly, a viúva alegre de um senador e de um juiz, conhecia as sujeiras de todo mundo.

Bebericando café preto numa xícara do hotel, Rosemary, em sua suéter quente-mas-não-muito de lã irlandesa, olhava para as dez malditas peças segregadas do resto do rebanho. Mereciam isso, essas desgraçadas. Ela as dispôs em LOUSETRASM.

Dali mudou para LOSTMAUSER. “Mauser perdida?” Isso só era problema para um soldado alemão.

OUTSLAREMS.

— Por que sete facas? — indagou.

— Vão perguntar a ele quando o encontrarem — respondeu Joe, sentado no sofá com um tablóide sobre uma perna cruzada, lendo através de óculos de leitura, um braço no encosto do sofá, o rosto de Andy sorrindo em seu suéter.

Rosemary se virou e caminhou lentamente de volta até o vestibulo, segurando a xícara com as mãos, olhando-a com uma expressão preocupada.

Sobre seus óculos, Joe a observava andar de um lado para o outro.

— Sente-se um pouco — aconselhou.

Ela parou, olhou para baixo para o outro tablóide na mesinha de café. Balançou a cabeça.

— Acham que ele é esperto demais. Eles são uns *chacais* repugnantes que deviam ter vergonha de si mesmos. Eles desonram sua profissão.

— A Tiffany's concorda.

Rosemary caminhou até o vestibulo. Ali, virou-se e parou.

— Mas por que a Tiffany's? Um lugar visado, num edifício movimentado, com muitas chances de passar cães de guarda ali perto. Por que não uma das lojas menores do outro lado? E por que uma boutique?

— Docinho, não fazemos perguntas racionais a esse tipo de pervertido. Ou *pervertidos* — disse ele, virando uma página. Suspirou e continuou lendo através das lentes.

Bebericando seu café, Rosemary retornou lentamente as a mesa na qual estava o Jogo das Palavras.

Parou no centro da sala.

Joe olhou para ela.

Rosemary se virou para ele.

— Havia mais alguma coisa, além das facas e do picador de gelo?

— Há garfos e colheres nas fotos. Espere um pouco... — Folheou as páginas do tablóide, lambeu um dedo.

Ela se aproximou, observando-o atentamente. Baixou a xícara, correu os dedos por seus cabelos.

Leu uma coluna murmurando. Então disse: — O assassino também deixou outras peças de cutelaria na vítima e ao redor dela.

— Quais outras? Quantas? — perguntou.

— Eles não dizem.

— Talvez tenha alguma coisa no *Times*... — Ela olhou em volta.

— Economize sua energia — disse ele. — Está na Z-19; “Mulher massacrada em butique”.

— Dê uma olhada.

Joe colocou o tablóide de lado, baixou a perna, e inclinou-se para a frente, fazendo Andy, em seu suéter, sorrir para Rosemary.

— Rosie, Judy está morta. O número de colheres no lugar não *significa* nada. Esses caras têm suas *coisas*, seus fetiches; eles precisam que as coisas sejam de formas específicas. Por favor, querida, não insista nisso. Não vai lhe fazer bem.

— Pode olhar, por favor? Não quero nem tocar nesse pasquim.

Ele suspirou e pegou o outro tablóide.

— Também não tenho a menor vontade.

— Obrigada — disse Rosemary. Esperou.

— Acertou em cheio — disse ele. — Eles dizem até o estilo dos talheres: eduardiano. Onze de cada, colheres e garfos.

— Onze — disse ela. Ficou imóvel por um momento. Virou-se e caminhou

até a mesa.

Ele a observou.

Rosemary analisou OUTSLAREMS, mexeu as peças por um momento... e em seguida ficou olhando pela janela, cutucando uma das peças com a ponta da unha.

— Você por acaso sabe seu nome do meio?

De Judy? — perguntou Joe.

Ela se virou, assentiu.

— Nem sei se Judy tinha um — disse Joe. — E pode me dizer o que isso tem a ver com a história?

— Tem um catálogo telefônico naquela gaveta. Talvez haja uma inicial do meio. Kharyat: K, H, A, R, Y, A, T. West End Avenue.

— A inicial do meio dela é importante — disse Joe, olhando para ela.

Rosemary assentiu.

— É crucial.

Ele suspirou, abriu uma gaveta entre seus pés, tirou o grosso catálogo de Manhattan.

— Por que de repente eu me sinto o Dr. Watson?

Rosemary esperou.

Joe encontrou os K, folheou; ela o observou, roçando a peça com o polegar.

— É o único — disse ele, uma das mãos em seus óculos. “Kharyat, J.S.”

Ela se inclinou sobre os espaços cor-de-rosa, esticou os dedos; ele pegou a peça, olhou para ela, olhou para Rosemary.

— Como faz isso? — perguntou Joe.

— Sou paranormal — respondeu Rosemary. — Tenho visões.

Ela se virou e atravessou a sala. Parou a fim de olhar para o Andy della Robbia sobre a TV — vendo e sendo visto.

— Onze colheres — disse Rosemary, virando-se.

Joe olhou para ela, segurando um arco branco de rosca, a boca cheia.

— Onze garfos — disse Rosemary. — Sete facas de churrasco. — Respirou fundo. — Um picador de gelo. O que são eles?

— O *que* são eles? — perguntou Joe, engolindo em seco.

— Na Tiffany's.

São alguma coisa diferente em outro lugar?

— Talvez — disse Rosemary. — Em algum outro lugar poderiam ser de aço inoxidável, ou alumínio. Na Tiffany's, são de prata. — Levantou as mãos ao ar. — Trinta peças — disse, suas olheiras escuras voltadas para ele. — Trinta peças de prata.

Migalhas de rosca caíam da boca aberta de Joe. Rosemary caminhou até ele.

— Trinta peças de prata no corpo de... Judith S. Kharyat — disse Rosemary.

Joe piscou, baixando sua rosca. Ela se aproximou mais.

— Judith S. Kharyat. — Rosemary se inclinou sobre os espaços cor-de-rosa e moveu as peças: — “Judithesskharyat.”

— *Judas Iscariot?* — perguntou Joe.

Rosemary assentiu.

Fitaram um ao outro.

— Tenho o pressentimento de que ela não nasceu com esse nome. — Empertigou-se. Fechou os olhos, pôs uma das mãos sobre a testa, virou-se. Começou a andar num círculo lento e amplo...

— É verdade? Você tem visões? — perguntou Joe, observando-a atentamente.

— De vez em quando — respondeu, caminhando, mão na testa, olhos fechados.

Ele a observou enquanto limpava a boca com as costas da mão.

Rosemary parou e fitou-o. Respirou fundo.

— Ela precisava de um nome que soasse indiano — disse Rosemary. — Vassar-indiano... para quando ficasse evidente que ela não era hindu, acho. Era esperta, Deus a abençoe. E ela gosta, *gostava* de jogos de palavras e quebra-cabeças. — Ficou parada um momento, piscando, lábios premidos, mãos juntas. — Ela se aproximou de Andy, planejando descobrir sujeiras sobre ele e a GC, para expor a instituição como um esquema fraudulento, e a ele como um vigarista, um charlatão. Todos sabemos com *quem* ele parece; foi por causa disso que ela chamou a si mesma de Judith S. Kharyat. Ela deve ter achado que ninguém repararia nisso, o que aconteceu, e provavelmente planejava ficar aqui por mais ou menos um mês, se tanto. Mas Andy lançou seus feitiços... — Rosemary limpou a garganta — ...e ela se apaixonou por ele. Ela ficou presa no papel. Ele a “tirou dos trilhos”, conforme ela mesma disse. Eu devia ter feito a conexão naquele momento.

— Feito *qual* conexão? — indagou Joe. ^

— Aposto o que você quiser que ela era na verdade Alice Rosenbaum — disse, inclinando-se, escolhendo uma rosca. — Tudo se encaixa perfeitamente. O legista, ou quem quer que esteja fazendo a autópsia, já deve saber disso a esta altura.

— Do que você está *falando*? — perguntou Joe. — Quem é Alice *Rosenbaum*? Nunca *ouvi* esse nome antes!

— Deve ter ouvido há alguns anos e esqueceu — disse Rosemary, comendo uma rosca, segurando o queixo. Ouvi esse nome num documentário da PBS que assisti há algumas semanas. Um dos meus irmãos namorou uma Alice Rosenbaum no ginásio e ele e papai brigaram por causa dela; isso me fez reparar no nome. A Alice Rosenbaum da PBS era a integrante da Brigada Ayn Rand, a mulher que dirigiu a locomotiva daquele trem que eles sequestraram. Acho que

trens eram significativos para ela. Foi por causa disso que usou a expressão “sair dos trilhos”.

— *Judy* é... era aquela AP?

Rosemary assentiu.

— Tenho certeza — disse ela. — *Precisa* ser. — Ela comeu mais um pouco. — O nome não pode ser verdadeiro, e nenhuma outra mulher precisaria usar o sinal indiano.

— Como assim? Não entendi — disse Joe, levantando. — Judy *tinha* de ser indiana? Por quê? Por que não usar peruca, óculos e dizer que se chamava Alice J. Smith ou Jones?

Rosemary cutucou o centro de sua testa.

— A tatuagem. Os membros da brigada usam tatuagens nas testas! O que ela ia fazer, usar um esparadrapo por um mês? Fazer outra tatuagem por cima? *Ela precisava do ponto para esconder o cifrão.*

Joe a fitou de boca aberta.

Ela terminou de comer a rosca, limpou o açúcar dos lábios e dedos, lambeu-os.

Joe colocou a mão na testa e balançou a cabeça.

— Puxa! Estou até tonto. Então quem quer que tenha usado as trinta peças de prata nela... — Abaixou a mão, olhando para Rosemary. — Quem fez isso queria dizer que ela era uma Judas? Por ter traído Andy?

Rosemary se virou.

— *Como?* — perguntou Joe. — Ele a amava, como você disse. Claro, todo mundo percebeu que eles tiveram algum tipo de atrito na semana passada, mas é impossível que *ele* tenha... nem dá para *imaginar* que ele... Ora, Andy estava *conosco* o tempo todo!

Ela se virou, olhos cansados voltados para ele.

— Os outros não estavam — disse Rosemary.

A campainha tocou. O toque de Andy.



Entreolharam-se por um momento. Rosemary expirou e foi atender, reduzindo o passo ao alcançar o vestíbulo. Andy tocou a campainha de novo. Rosemary diminuiu ainda mais o passo ao alcançar a porta. Ficou parada um momento. Joe saiu de trás da mesinha de café, observando.

Rosemary abriu a porta.

— Missão cumprida — disse com um meneio de cabeça.

— Que bom — disse Rosemary.

Abraçaram-se. Ele perguntou “Como vai?”, beijando-lhe a têmpora, penteando com os dedos os cabelos de Rosemary.

— Bem — respondeu. Beijou o rosto de Andy. — Voltou tão cedo!

Seus olhos brilharam.

— Espere! — disse ele, fechando a porta atrás de si. Caminharam de braços dados até a sala de estar.

— Joe! — disse Andy.

— Andy... — disse Joe, olhando para ele.

— Sentem, vocês dois — disse Andy, largando Rosemary. — Vou contar uma coisa que vai deixar vocês dois de queixo caído. — Correu o zíper de sua jaqueta.

Joe e Rosemary entreolharam-se.

— Estou falando sério — disse Andy, tirando a jaqueta enquanto alternava seu olhar entre Joe e Rosemary. — Sentem ou vão cair, escolham. — Ele ajeitou seu suéter liso, sem desenhos ou mensagens.

— Será que isso tem alguma relação com uma tatuagem? — perguntou Joe.

Andy fitou-o. Engoliu em seco.

— Quem telefonou? — perguntou. — Preciso saber quem deu com a língua nos dentes.

— A sua mãe deduziu — disse Joe, apontando para ela com a cabeça.

Andy virou-se para ela, pasmo.

— Que Judy era Alice Rosenbaum?

Rosemary assentiu.

— Como?

— As trinta peças de prata e o nome.

O *nome*?

Judith S. Kharyat...

— Pronuncie rápido — disse Joe.

Os lábios de Andy se moveram. Ele fitou Rosemary, fitou Joe, e deu um tapa no lado da cabeça.

— Eles pensaram até *nisso*! — disse Andy. — Um nome que reforça tudo! Eu nunca somaria dois e dois! Ela me disse que seu nome do meio era indiano, muito longo... — Gesticulou, olhando para Rosemary. Parou a mão. — Não percebem quem fez isso? — perguntou. — Não percebem quem está por trás da coisa toda?

— Não... — disse Rosemary, olhando para ele.

Andy se virou para Joe.

Joe balançou a cabeça, olhando para ele.

— O resto da brigada! — disse Andy. — Os cinco sujeitos! Ou alguns deles. O comissário descobriu a outra identidade de Judy enquanto eu estava lá.

Entendi tudo na hora: eles a plantaram aqui para nos espionar e depois a mataram por... por ter mudado de lado, acho. O plano era se vingar de Judy e ao mesmo tempo *estragar a Iluminação*, fazendo parecer que ela foi assassinada por trair a *mim*! Por causa da minha aparência, usaram aquelas trinta peças de prata... que esse *nome* apenas reforça! Foi por causa disso que a mataram de uma forma tão espetacular. Só alguém atrás de publicidade juntaria todos esses elementos: a Tiffany's, nudez, sangue, prata... ora vamos, só pode ser uma cilada!

Joe, riu sem graça.

— Bem, Andy, tenho de admitir que eu e sua mãe ficamos um pouco nervosos por um momento; pelo menos eu fiquei. Não devia falar por você, Rosie. Que *alívio*. Ufa! — Ele deu um tapinha no peito.

— Parece lógico... — avaliou Rosemary.

Andy levantou um dedo.

— Mas antes de eu ter dito uma *palavra*, o prefeito matou a charada sozinho! Incluindo as trinta peças de prata! — Cutucou a têmpora. — Depois que ele disse o que achava, todos concordaram num segundo. Suas duas identidades permanecerão não identificadas até depois da Iluminação, depois do feriado, três de janeiro. O FBI está mantendo vigilância absoluta no forte sei-lá-o-nome, em Montana, e o computador já encontrou uma conexão entre um dos membros da brigada e um advogado no décimo oitavo andar.

— Que alívio — disse Joe, escolhendo uma rosquinha.

Andy virou-se para Rosemary, pegou-a pelos ombros. Suspirou, fitando-a nos olhos.

— Pelo menos sabemos quem fez aquilo. Espero que isso ajude um *pouco*.

— Ajuda, meu bem — disse Rosemary, assentindo.

— Ah, pobrezinha... — Ele beijou o nariz de Rosemary e a abraçou. — Você parece ter idade para ser minha mãe.

Rosemary lhe deu um soco de leve no braço. Andy riu.

Comendo enquanto os observava, Joe sorriu.

— Ajuda *mesmo*, meu anjo — disse Rosemary, olhando para o filho. — Provavelmente teria deduzido sozinha que a brigada estava por trás disso se tivesse pensado mais no assunto. Só descobri quem Judy era alguns minutos antes de você chegar. Estou feliz pelo FBI estar agindo tão rápido. Tenho certeza de que acharão os responsáveis. — Rosemary sorriu para ele, irradiando candura e sinceridade. E honestidade e franqueza.



A Antijudas...

Ela devia ser uma de seus doze antiapóstolos.

Agora eram onze.

Desfez MULTAROSSES, mexeu as peças, compôs ASTROLUMES.

Sentada à mesa no final da tarde, depois de uma cochilada e uma ducha. Pijamas macios, *jazz* suave no rádio, neve batendo lentamente diante da janela.

ULTRAMESSO — “Superbagunçado?” Como o quarto de uma adolescente. Não era uma palavra comum, embora crianças de cinco, seis anos, a usassem.

Será que Judy/Alice mentira também sobre “Roast Mules”? Será que *não* havia uma palavra que usasse aquelas dez letras? Era uma fraude, como os sáris e o ponto que ela usava?

Não... Nem mesmo uma AP faria *isso*...

E elas tinham sido amigas. Isso não fora uma fraude.

MORTUALESS...

Hutch fora impedido de contar a Rosemary sobre a verdadeira identidade de Roman pelo feitiço lançado por Roman e seu círculo de feitiçaria, o feitiço que acabara por matá-lo.

Judy fora impedida de contar-lhe... o quê? Que Andy tinha um círculo de feitiçaria? Que Alice Rosenbaum tinha saído dos trilhos ao descobrir que Andy estava envolvido não com fraude e sonegação de impostos, mas com bruxaria e satanismo? E depois de falar com *Rosemary*, a quem a Antijudas teria contado? Ao *Times*? Aos jornais sensacionalistas? Eles não levariam isso a sério por mais que dois segundos, ainda mais vindo dela. Ou talvez a um editor, para um livro a ser publicado em abril ou maio do ano seguinte. Por que ela teria sido morta daquele jeito? Eles deviam estar drogados ou algo assim, como acontecia em muitos crimes violentos... que eram consideravelmente mais raros nos últimos tempos, graças a Andy.

Poderia a Antijudas ter espalhado notícias muito, muito ruins?

Não. Se soubesse quem era o pai de Andy, ela jamais teria se aberto com a sua mãe, nem mesmo parcialmente... e em vez disso teria tentado extrair mais informações dela. E sua cultura indiana — ah! — teria sido a desculpa perfeita.

Isso significava, provavelmente, que os outros onze também não sabiam. Os membros de círculos de feitiçaria compartilhavam seu conhecimento secreto. Essa era uma das vantagens expostas por Roman, sempre que tentara convencê-la a se juntar a eles...

STEALORMUS...

Na última véspera de Natal — *dela*, há seis meses —, Rosemary deixara Andy ir sozinho à casa de Minnie e Roman, pela primeira vez, e passar a noite com eles. O menino estava com cinco anos e meio. Roman dissera a Rosemary que havia rituais que precisavam ser executados e ensinamentos a ser ministrados seis meses antes do seu aniversário seguinte. Eles estavam cumprindo sua parte no acordo; ela precisava cumprir a dela. O pai do menino também tinha direitos. E rituais.

Rosemary dependia do círculo. Quando você tem um menininho com belos olhos de tigre, pequenos chifres ligeiramente menos bonitos, e outras partes ainda menos agradáveis de se olhar — todas as quais hoje presumivelmente controladas (ela não perguntaria) pela mesma força de vontade semi-satânica que lhe concedia olhos castanho-claros —, quando você tem um menininho assim, não pode deixá-lo na creche e ir trabalhar. Quando você precisa desesperadamente de uma babá por algumas horas, não pode ligar para uma agência ou chamar a adolescente no apartamento ao lado.

O círculo pagava as contas. As mulheres cuidavam de Andy apenas quando era absolutamente necessário, e sob regras rígidas cujo cumprimento ela checava de formas secretas. Todos eles, homens e mulheres — exceto Laura-Louise, aquela piranha — tratavam-na com a mesma atenção e respeito que todos lhe dispensavam hoje.

Roman prometera a Rosemary — num juramento que, afirmava, era-lhe sagrado —, que Andy não seria ferido de forma alguma ou pressionado a fazer qualquer coisa contra a qual resistisse, que ele apenas seria fortalecido mental e fisicamente de modos que lhe seriam úteis por toda a vida. A experiência seria tão inspiradora quanto qualquer outro bom serviço religioso. Embora ela não pudesse estar presente como espectadora, seria mais que bem-vinda como uma celebrante. O círculo decerto se beneficiaria com um pouco de sangue jovem — os olhos envelhecidos de Roman tinham brilhado — e na época havia duas vagas. Dessa forma Rosemary poderia ficar de olho em Andy.

Obrigada, mas não, obrigada.

Rosemary passara a metade daquela véspera de Natal sentada numa banqueta num armário sem prateleiras cujo fundo — quando não estava selado no outro lado como naquele momento — abria para um armário no apartamento contíguo, a mesma passagem pela qual fora carregada naquela noite de outubro de 1965. Sentada ali com um ouvido no fundo de um copo de vidro pressionado contra a madeira branca, escutou ocasionalmente ecos de música de flauta, cantilenas, batidas de tambores. Pelas ranhuras na madeira escapava um odor de raiz de *tannis*, forte mas não desagradável... Mas se sentiu nauseada com um leve cheiro de enxofre no ar... Será que *ele* tinha acordado, ou saído, ou se materializado do espaço exterior ou de onde quer que fosse o inferno?

Naquele momento, ela chorara por Andy. Poderia tê-lo agarrado e fugido com ele. *Faria* isso, e antes de seu aniversário — para bem longe, para San Francisco ou Seattle. Compraria a passagem de avião de algum jeito, e buscaria ajuda num hospital infantil, um hospital da Igreja.

Depois que o cheiro de enxofre havia esvanecido e apenas o perfume de *tannis* pairava no armário, Rosemary sentiu-se melhor. Lembrou do sabor de *tannis* nas bebidas que Minnie lhe dera durante a gravidez, bebidas que tinham nutrido Andy. Minnie e Roman o *amavam*. Deviam ter cuidado bem dele.

Mais tarde Rosemary se servira de um copo de gemada. Acrescentara um

gole de *bourbon*, e assistira a *A felicidade não se compra* — que então começava a ser uma tradição natalina na TV. Um filme adorável. Era a segunda vez que o via.

Na manhã seguinte, ao chegar através dos guarda-roupas, Andy estava bem, feliz, satisfeito em vê-la, abraçá-la, beijá-la e correr para a sala. Ele tinha se divertido? Ele assentiu, levantando os olhos para a árvore de Natal.

— O que você fez? — perguntara Rosemary, ajoelhando ao seu lado, enquanto as luzes das lâmpadas reluziam em seus olhos, em suas faces.

— Prometi que ia ficar calado. Devo?

— Se não quiser falar sobre o assunto, deve — respondera Rosemary, esfregando as costas do filho, protegidas por uma blusa de flanela. — Mas, se mudar de ideia, pode me contar. As crianças podem mudar de ideia. Se não quiser contar, não conte. Dei minha permissão. Disse que você poderia ir.

Andy escolhera não contar.

O último Natal de Rosemary. Andy tivera vinte e sete depois daquele. Esses natais, enquanto ele crescia e passava pela adolescência, deviam ter sido, pelo menos, muito parecidos com aquele, com perfume de *tannis*, música de flauta, cantilenas. Natais negros...

TREMULOSSA...

Andy contara-lhe que abandonara o satanismo... depois de fitar seus olhos e jurar que jamais mentira novamente para ela. Se ele tinha mentido... então a noite de sexta seria a ocasião ideal para descobrir.

No avião, Andy dissera que ele e Judy tinham planos para a véspera de Natal, mas que trocariam presentes com ela e Joe na manhã do dia vinte e cinco. E, na primeira vez que tinham brincado de Jogo das Palavras, Judy começara a contar sobre coisas que aconteciam no nono andar...

Um espaço nada mal — anfiteatro, camarins, sala de estar e salas de reuniões acarpetados, mantidos à prova de som por andares de escritórios vazios acima e abaixo — um espaço nada mal para uma Missa Negra. Muito melhor que a sala de Minnie e Roman, com toda certeza.

Cinco pessoas para limpar tudo? Deixariam a equipe de limpeza entrar no nono andar depois? *Ultramesso* — “super-bagunça”?

SOULMASTER...

A neve batia na janela. Agora os flocos brancos caíam mais depressa do céu que escurecia. Ponto para os meteorologistas; a neve alcançaria dez centímetros até a meia-noite, e subiria mais cinco ou dez até o amanhecer.

Ventos de até sessenta e quatro quilômetros por hora. Devia estar nevando também na estação de rádio; Bing Crosby começara a sonhar com um Natal branco.

Como aqueles de outrora.

Três





A nevasca de 1999, que durou dois dias e meio e despejou entre sessenta centímetros e um metro e meio de neve por toda a Costa Leste desde Cape Hatteras e Cape Cod, foi de longe o pico, o pináculo, o Everest das nevascas do século, e um grande transtorno para todos.

Nova York teve sorte, apenas cinquenta e oito centímetros. Deus recebeu os agradecimentos por isso — Boston, diziam, *já* seria desenterrada —, enquanto a “Mãe Natureza” (Deus de saia?) levou a culpa pelo resto: trens soterrados na neve, desabamentos de telhados de supermercados, teatros e lojas vazios e viajantes ilhados. A neve representava um problema para todos, menos para as crianças que tinham trenós e os esquiadores.

Os últimos flocos caíram, e o sol saiu na manhã de sexta-feira, como se em obediência direta à ordem irreverente de um dos tablóides: SE MANCA, BING CROSBY! O centro de Manhattan era uma grande tundra pela qual as pessoas caminhavam, patinavam, arremessavam bolas de neve, corriam com cães, puxavam crianças em conchas plásticas — enquanto gerentes de lojas observavam, sorrindo, de portas abertas.

A Tiffany's estava cheia de clientes brandindo cartões, não apenas a loja na Quinta Avenida e suas butiques satélites, mas as filiais em White Plains e Short Hills — mais uma prova de que, contanto que pronunciem direito o nome, não existe publicidade negativa.



Oi vamos ver a árvore.

— Eles não se viam ou conversavam desde a manhã de terça-feira, quando seu estado evidente de exaustão fora uma desculpa legítima para mandar Andy e Joe embora, cada um com um beijo na bochecha, Joe com o resto das roscas e os dois pasquins, muito obrigada. Andy dissera que estava indo para o retiro, mas que retornaria em tempo para o *brunch* na manhã de Natal.

Ela ficara satisfeita com a partida de Andy — sua candura e sinceridade na despedida não haviam sido completamente forjadas —, mas se perguntou se era por dor, culpa ou uma mistura das duas coisas que ele estava indo para seu retiro, e em companhia de quem, se de alguém. Rosemary imaginou Andy, sozinho ou acompanhado, num paraíso no meio de lugar nenhum. Outro assunto que passara sem ser mencionado; um retiro é um retiro.

— Está aí?

— Sim — respondeu Rosemary, caminhando com o telefone até a janela do quarto. — Onde você está?

— Quarenta e cinco andares acima. Acabo de chegar.

— *Como?* — indagou, olhando pela janela para a manta branca cobrindo o Central Park.

— Avião, helicóptero, metrô. Está a fim de um pouco de exercício? A neve está amontoadada no meio das ruas e as escavadeiras estão trabalhando. A atmosfera está realmente natalina.

Ela suspirou.

— Tínhamos uma árvore no nosso último Natal. Você tinha cinco anos e meio, e nós a decoramos juntos. Lembra disso?

— Tinha esquecido completamente. Aliás, ainda estou vestido como se estivesse no Arizona. Você tem botas? Devem estar esgotadas em todas as lojas.

— Tenho.



Todos tinham — botas marrons, pretas, vermelhas, amarelas. Luvas, cachecóis, chapéus, protetores de ouvido, bochechas vermelhas (aqueles que geralmente tinham-nas rosadas), *buttons* EU Y ANDY, EU Y ROSEMARY, grandes sorrisos, óculos espelhados ou olhos reluzindo de alegria.

— A cidade nunca fica mais bonita do que depois de uma grande tempestade de neve — disse Rosemary, respirando fundo, caminhando de braços dados com Andy pelo meio da Central Park South junto a dezenas de outros Invasores da Terra dos Veículos. — E um cenário que faz as pessoas mostrarem o que têm de melhor.

— Concordo — disse Andy, enquanto paravam na Sétima Avenida para observar alguns homens, mulheres e crianças ajudando uma equipe de saneamento a desenterrar um trator borrifador de sal. Outro grupo mais adiante na avenida fazia um trabalho parecido com alguma coisa maior e cor de abóbora.

Percorreram a Central Park South juntamente com outros pioneiros, precisando diminuir o passo de vez em quando; os cinquenta e oito centímetros de neve ainda não estavam removidos em toda a pista.

Rosemary se parecia com Greta Garbo: óculos escuros novos e maiores, cachecol em torno da cabeça, o chapéu de aba flexível, um casaco saído do filme

Ninotchka — usado talvez por um coronel russo. Ela quase o dera a um mensageiro.

O disfarce de rua usado por Andy era simples, mas jamais o traía: óculos e um enorme *button* EU Y ANDY — transformando-o instantaneamente num dos incontáveis sócias de Andy na cidade, no país, no planeta.

Um dos melhores. Um tira de óculos escuros vindo na direção deles fez sinal de positivo com o dedão.

— E aí, Andy! — disse com um sorriso. — Demais! *Numero uno!*

Sorriram em resposta.

— Obrigado, amo você—disse Andy enquanto passavam.

— A voz também! — gritou o tira, caminhando de costas. — Diz mais alguma coisa!

— Vá tomar no cu!

O tira riu, gesticulou.

Rosemary puxou-lhe o braço.

— Andy!

— Faz parte do disfarce! Andy diria uma coisa dessas? Jamais!

— Ohhh...

— Diga “merda”, vai ajudar.

Eles riram.

— Merda!

Seguiam uma trilha com neve acumulada à direita até a Sexta Avenida. Ali um território fora invadido até onde a vista podia alcançar — tundra branca pontilhada de gente, margeada por iglus na forma de carros.

— Quando eles desistiram do nome “Avenue of the Americas”? —

perguntou Rosemary, olhando para uma placa de rua.

— Oficialmente, apenas há alguns meses.

— Hutch costumava dizer que um dia contariam as sílabas — disse Rosemary.

O nome lançou uma sombra no humor dos dois.

Rosemary contara-lhe sobre Hutch, o grande amigo que tinha sido, e como o círculo de Roman o matara.

Percorreram a tundra da Sexta Avenida, de mãos dadas, sorrindo, mirando seus óculos escuros em todas as direções.

Parando no meio da avenida, viram algumas pessoas limpando a neve de uma limusine atolada com as janelas parcialmente descobertas.

Andy olhou. Rosemary também. Quando as pessoas acharam uma porta destrancada e a abriram, não encontraram ninguém dentro.

Prosseguiram seu caminho, limpando a neve da frente de suas roupas.

Na tundra da rua 51 Oeste, passaram pela marquise em neon vermelho do Radio City Music Hall.

Quando você vai fazer seu próximo programa ao vivo? — perguntou Rosemary. — Mal posso esperar para ver um.

Andy respirou fundo; exalou uma baforada de névoa pelas narinas.

— Acho que não vou mais fazer programas ao vivo, pelo menos não por algum tempo.

— Por que não? Eles foram tremendamente eficazes. A mulher na casa de repouso que me contou a seu respeito, viu você aqui e, pelo que me descreveu, teve... uma experiência quase religiosa.

Desviando seus óculos escuros dela, Andy disse: — Não sei, apenas tenho a impressão de que depois da Iluminação irei me afastar por algum tempo para... reavaliar o que farei em seguida.

— Tenho trabalhado um pouco na proposta de um programa de entrevistas. Não quero apenas aparecer na emissora e dizer: “Estou aqui, sou a mãe do Andy, me contratem!” Escolhi um ótimo nome para o programa, um nome que você me deu. “Novos Olhos.” Não é um bom nome para um programa lidando com as diferenças entre o ontem e o hoje?

— E, com toda certeza.

— Quero lidar com coisas grandes, como o erro em falar a linguagem dos terroristas, e coisas pequenas, como patins, conversando com pessoas relacionadas de alguma forma ao tema.

— Não se esqueça de que viajaremos juntos por algum tempo.

Rosemary exalou um longo filete de vapor.

— Não. Eu realmente não acho que isso seja uma boa ideia. Não neste momento.

Andy respirou fundo, comprimiu os lábios.

Continuaram andando, mãos enluvadas juntas.

Dobraram à direita no Rockefeller Plaza e pararam, estupefatos.

— Uau! — exclamou Andy, levantando a mão livre.

Rosemary assobiou. Transeuntes caminhavam apressados nas duas direções.

Andy e Rosemary dirigiram-se até o imenso cone de luzes multicoloridas.

— Vou contar uma coisa que estes novos olhos estão concluindo neste exato momento: quanto exagero! Antigamente a gente podia ver uma *árvore* sustentando todos os enfeites; isso é só um cone gigantesco de luzes e penduricalhos. Podia ser de isopor por dentro.

— Na verdade, foi reduzida à metade do tamanho em relação ao ano passado — disse Andy. — Muita gente reclamou.

Continuaram caminhando até a árvore — sobre asfalto quase limpo, através

de uma multidão, entre paredes de neve acumulada.

— *Mas...* —disse Rosemary depois que tinham encontrado um local privilegiado de onde podiam observar a árvore e os patinadores no rinque à sua frente — ...se você procura brilho...

Andy assentiu, olhando para cima, para a árvore.

Rosemary olhou para ele, para as luzes refletidas em seus óculos escuros, em suas faces sobre a barba.

— Dê um olá para o Andy — disse um homem à frente deles, puxando a mão enluvada de um menino de mais ou menos sete anos. O menino acenou com a outra mão, olhando para Andy. O homem piscou para eles.

— Seja gentil — disse Rosemary.

Andy se agachou. Sorrindo para o garoto, tirou os óculos e disse: — Oi.

O menino levantou a mão até o queixo.

— Você é realmente o Andy?

— Para ser perfeitamente honesto, neste momento não tenho certeza — disse Andy. — Quem é você?

— James.

— Oi, James — disse Andy, oferecendo a mão enluvada.

James apertou-a, disse “Oi...”

— É divertido depois que neva tanto, não é?

— É — disse James, assentindo. — Vamos fazer um boneco de neve.

Andy segurou o ombro do menino.

— Aproveite, Jimbo — disse Andy com sorriso.

Ele se levantou.

— Grande garoto — disse ao homem, colocando os óculos de volta.

— Você é um Andy dez vezes melhor que o cara da minissérie — asseverou o homem, cutucando-o no peito. E a sua voz também é mais parecida.

— Anos de prática — disse Andy. Rosemary puxou a mão do filho.

— Feliz Natal — desejou o homem. Assentiu também para Rosemary, enquanto conduzia James até a árvore.

— Feliz Natal! — gritou Rosemary.

Andy acenou; James acenou em resposta.



Continuaram contornando os obstáculos de neve até a Sétima Avenida, que estava sendo limpa por uma falange de tratores, e seguiram para a lanchonete Stage Deli, quase vazia.

— Seu irmão está ali no canto — disse o garçom, parado diante da mesa com um bloco e lápis. Andy olhou; outro Andy acenou para ele, que acenou em resposta. Rosemary acenou também. E a companhia do outro Andy, Marilyn Monroe, acenou também.

— O que vai ser? — indagou o garçom.

Sanduíches de *pastrami*, cerveja.

Andy mastigou, óculos voltados para a janela.

— Quer conversar um pouco, Andy? — perguntou Rosemary, pegando seu sanduíche.

Andy permaneceu em silêncio por um momento. Suspirou, deu com os ombros.

— É apenas irônico, só isso — disse, voltando-se para a metade de sanduíche em seu prato. Pegou-a. — Quando finalmente encontro uma mulher

inteligente e sensual, ela sempre prefere a escuridão absoluta, e isso porque não tinha como manter o corpo inteiro bronzeado. Ela me disse que as mulheres indianas jamais deixam um homem ver *nada*. Quem sabe, talvez seja verdade.

— Duvido — disse Rosemary. — Elas são muito abertas... *acho*.

— Bom, isso aguça a imaginação.

Rosemary colocou os óculos e olhou em volta.

— Sabe? Não conseguirei comer tudo isso. Vou pedir que embrulhem para viagem.

A Central Park South fora limpa e já estava liberada para veículos; alguns carros e táxis arrastavam-se sobre uma camada grossa de neve suja. Rosemary caminhava em fila indiana atrás de Andy, tendo ao seu lado uma parede de neve brilhante.

— O que vai fazer hoje à noite?

— Há uma missa às oito e meia na Catedral de São Patrício — respondeu, caminhando atrás dele. — Joe conseguiu lugares para nós. O que você vai fazer?

— Dormir cedo. A viagem me deixou exausto. Mas valeu a pena.

Um carteiro estendeu a mão para Andy a fim de ajudá-lo a subir uma calçada coberta de neve, e ambos ajudaram Rosemary. Agradeceram-lhe.

— Você é bom mesmo — disse o carteiro.

— Obrigado, eu amo você.

— Fantástico!

Caminharam até a marquise da torre, cumprimentaram o porteiro que os recebeu com uma piscadela e — primeiro ele, depois ela — passaram por uma porta giratória, entrando no *hall* do hotel, que estava lotado. Havia decorações de Natal por toda parte, e o sistema de som tocava *Greensleeves* num arranjo de cordas em estilo medieval. Manobraram entre mensageiros com bagagens, passaram pela recepção, onde um xequê e seu séquito se registravam, atravessaram um grupo de estudantes francesas uniformizadas, e esbarraram com

um garçom, deixando uma trilha de laranjas em seu rasto. Finalmente, alcançaram o corredor dos elevadores.

— Preciso comprar algumas coisas na *drugstore* — disse Rosemary. Ofereceu-lhe o saquinho de viagem da lanchonete. — Tem certeza de que não quer?

— Claro — respondeu Andy, que vinha chutando uma laranja. — Amanhã por volta das onze?

— Combinado.

— Eu telefono.

Seus óculos se chocaram enquanto eles trocavam beijinhos.

— Feliz Natal — disseram um ao outro, lábios sorridentes.

Andy se dirigiu até a esquina depois dos elevadores.

Rosemary foi à *drugstore*. As estudantes francesas aglomeraram-se nas bancas de revistas, perfumes e bijuterias.

Pegou pasta de dentes e uma lanterna, mandou colocar na conta de sua suíte, e em seguida foi ao fundo da loja falar com o farmacêutico sorridente. Ele se retirou do balcão.

Rosemary olhou a loja por detrás de seus óculos escuros, tirou-os, sorriu para a balconista, que cobriu os ouvidos com as mãos, enquanto as estudantes saíam apressadas porta afora.

O farmacêutico retornou, inclinou-se sobre o balcão.

— Missa do Galo?

— Acertou em cheio, Al. Obrigada. Feliz Natal.

— Meio comprimido irá mantê-la acordada por três ou quatro horas. Feliz Natal, Rosemary.



— Oi, Rosemary. É Joe. Ligue para mim quando chegar, tá? Estou com um problema.

O problema, ele lhe disse quando ela ligou, envolvia Mary Elizabeth, sua filha de vinte e três anos, que acabara de se revelar lésbica e estava indo viver com a amante, uma mulher na casa dos quarenta.

— Ronnie, que tem muito espírito de Natal, teve o impulso repentino de convidá-las para jantar. As garotas aceitaram. Os trens estão funcionando, e tenho medo de que, se eu não for, Mary Elizabeth pense que eu estou...

— Oh, vá, Joe! — disse Rosemary. — Vá, não se preocupe! Estou feliz por vocês se reunirem.

— E eu quero conhecê-la. Quero dizer, se minha filha vai mesmo *viver* com ela, pelo menos quero saber...

— Joe, vou lhe dizer a verdade. Vai ser bom eu ir sozinha. Honestamente. Não vou à igreja há muito tempo, mesmo antes do coma, e talvez seja melhor se eu tiver mais... privacidade. Não se preocupe, vá. Eu quero que você vá.

— Obrigado, Rosie. Entre pela rua 51, perto do Madison. Alguém estará lá com uma lista. Apenas dê meu nome. Que horas amanhã?

— Por volta das onze — disse Rosemary.

— Nos vemos então às onze. Obrigado de novo.

Ela também estava duplamente agradecida, porque todos eles se reuniram e porque realmente queria ficar sozinha. Dar uma de Garbo por dentro também.

Ela não tinha pensado em ir à missa até a noite de terça, depois que decidira onde iria mais tarde, na véspera de Natal. Embora missas extras tivessem sido marcadas neste Natal de 1999, a catedral estaria repleta de gente, e como ela não gostasse da ideia de usar óculos escuros dentro de uma igreja, pedira a Joe para arranjar um lugar especial. Ela o convidara porque essa era a coisa certa a fazer; sentiu que ele aceitara pelo mesmo motivo. Não era mais devoto do que ela, ambos com seus divórcios.

E, de qualquer modo, ela teria de dar um jeito de se livrar de Joe mais tarde — outro ponto contra ele.

Pobre Joe. Pobres deles dois. O exame de Joe mostrara que ele não estava com nenhum problema, e ele tinha tão poucos motivos para adiar as coisas quanto ela, mas sempre que os dois planejavam uma noite apropriada ou um fim de semana juntos, alguma coisa acontecia. Primeiro fora aquela queda de energia em Dublin, depois o incêndio em Belfast e as dores de coluna de Joe. A tempestade de neve fora o último contratempo.

Parecia que, em algum lugar no universo, um poder espiritual malévolo tivesse como único objetivo impedir que os dois fossem para a cama antes da véspera do Ano-Novo.



Rosemary telefonou para seus irmãos e sua irmã. Deu o último presente de Natal dos funcionários.

Seus presentes para a cúpula da GC, possivelmente o círculo de feitiçaria de Andy — inocentes até prova em contrário — teria de esperar até amanhã ou nunca, dependendo do que ela descobrisse.

Quanto à estola de Judy em seu embrulho da Hermès... Rosemary não tinha certeza sobre o que fazer com ela. Provavelmente iria usá-la. Era em estilo indiano. Ah!

Comeu a outra metade do sanduíche de *pastrami* sentada à janela, planejando como faria suas orações de modo a não desperdiçar o tempo Dele, considerando... era, afinal de contas, uma das noites em que Ele ficava mais atarefado.

Os ossos de Hutch deviam estar agora rolando no “restaurante dos vermes”, como ele chamava a sepultura.

Judy/Alice também devia estar inquieta, com certeza, embora provavelmente teria aceito isso como uma espécie de “meditação”.

Depois que consegue uma prova positiva — obtida de uma forma bem

dolorosa — da existência de Satã, você tende a readquirir sua crença na existência de Deus. Na verdade, *Ele* podia não acreditar mais em você, e talvez até ficasse irritado se você pisasse na casa Dele ou ousasse comungar. Assim, você passa a achar melhor manter uma distância respeitosa...

Até que se torna realmente necessário esclarecer as coisas.

Ela deixou a torre às dezenove horas, Greta Garbo da cabeça aos pés. O porteiro disse que os táxis estavam passando, mas ela dispunha de muito tempo, o céu estava limpo, e ela era de Nebraska; assim, foi a pé.

A mesma rota que percorrera com Andy — agora com calçadas limpas, mas ainda com pequenos montes de neve acumulados em vários pontos.

Os bons velhinhos com barbas postiças sacolejando os sinos encabeçavam, junto com Chanel N° 5 e sanduíches de *pastrami* do Stage Deli, a lista de Novos Olhos das Coisas Boas Inalteradas, uma ideia para o quarto ou quinto programa, ou talvez para um quadro fixo semanal.

Passou pela entrada da Rockefeller Plaza dando apenas um olhar no cone de luzes brilhantes — nada mau à noite — e seguiu para a Quinta Avenida, onde os montes de neve tinham sido retirados e o tráfego, o pouco que havia, fluía com tranquilidade. A Catedral de São Patrício ficava no outro lado da avenida em toda sua majestade gótica, cada detalhe de sua fachada arqueada e de suas torres gêmeas cobertas de neve iluminado belissimamente. Nunca a vira tão esplêndida.

Outro ponto para a Nova York de 1999 — iluminação noturna de prédios importantes.

Estava mais de uma hora adiantada. A fila, por trás de uma barreira de policiais uniformizados, serpenteava até a rua 50, mas não era longa o bastante para encher os bancos da igreja. As condições das estradas provavelmente estavam impedindo muita gente de chegar de Long Island, Westchester, todos os subúrbios.

Desde o começo não gostara da ideia de orar sentada numa poltrona confortável, e quando cruzou a avenida e deu uma boa olhada em algumas pessoas na fila — motoqueiros com roupas de couro, uma garota com cabelo roxo, minha Nossa Senhora! —, decidiu ficar com o povo; ninguém ficaria

ofendido com suas roupas de Greta Garbo, e decerto não Ele.

O casal idoso na frente de Rosemary — tinham vindo de Westchester — sorriu para ela e virou para a frente.

A nevasca não recomeçou quando Rosemary passou pelo portal e adentrou a nave; nem trovões ecoaram quando ela se ajoelhou e fez o sinal-da-cruz. Ela encontrou espaço mais que suficiente num banco no fundo, à direita.

Respirou fundo, afrouxou o cinto, abriu os botões do casaco. Ficou recostada no velho banco de madeira, desfrutando as harmonias cascadeantes do órgão, maravilhando-se com a beleza e a vastidão do espaço à sua frente — as fileiras de pilares de pedra e arcos. Cada pilar estava decorado com uma grinalda de flores num laço vermelho, cada arco externo sustentava um vitral colorido reluzindo com a luz vinda de fora. Chamas alaranjadas tremeluziam nas fileiras de altares laterais em suas alcovas; decorados com poinsettias vermelhas, o altar branco e dourado e o santuário permaneciam vazios, aguardando.

Um ruído de garganta. Uma mulher esperando para se sentar ao seu lado no banco — gorda, grisalha e com *bottons* I Y ANDY e I Y ROSEMARY lado a lado num ombro. Rosemary sorriu para ela e escorregou na direção do homem à sua direita. A mulher hesitou, sorriu, espremeu-se no espaço entre os bancos. A madeira rangeu.

— Esses bancos estão muito velhos — sussurrou a mulher.

— Eu sei — sussurrou Rosemary.

— Feliz Natal — disse a mulher.

— Feliz Natal — retribuiu Rosemary.

As duas voltaram-se para a frente.

A mulher se mexeu. Dobrou o casaco sobre os joelhos, mexeu-se novamente. Vasculhou sua bolsa de mão. Mexeu-se. A coitadinha vem à missa e se vê lado a lado com uma mulher esquisita com óculos espaciais. Embaraçada ou polida demais para se levantar e sentar-se em outro lugar, se houver.

Rosemary inclinou-se na direção dela, deu um tapinha no aro dos óculos.

— Cirurgia de olhos — sussurrou.

— Ah! — sussurrou a mulher, assentindo. — Estou *vendo*, estou *vendo*. Imaginei que fosse algo assim. O que foi, querida? Sou enfermeira no Saint Clare's.

— Descolamento da retina — sussurrou Rosemary.

— Ahh — sussurrou a enfermeira, assentindo. Deu um tapinha na mão de Rosemary.

Sorriram uma para a outra, voltaram-se para a frente.

Mentindo numa igreja. Para uma enfermeira irlandesa. Que belo começo.

Rosemary endireitou as costas.

Tentou ficar com a cabeça reta também.

O órgão emitiu escalas descendentes por todas suas vozes. Quase todos agora estavam ajoelhados rezando — o velho à sua direita, e a enfermeira também, murmurando, costas curvadas. Quantas vozes elevando-se aos céus!

Rosemary pousou os joelhos sobre a joelheira encapada em couro vermelho, alojou os pés calçados com botas sob o assento do banco, dobrou as mãos no peitoril de carvalho do banco à frente, abaixou a cabeça.

Tirou os óculos escuros e enfiou-os num bolso, fechou os olhos, exalou. Esquecera do conforto que aquela posição proporcionava. Respirou novamente...

Pai, perdoe-me por ter pecado. O Senhor sabe. Mas estou aqui para falar sobre Andy, e sobre o que está acontecendo. Obrigada por me deixar entrar. Sei que isto é presunção da minha parte, acho que é porque todos vêm falando tanto sobre o quanto meu despertar e minha recuperação foram miraculosos, mas, nos últimos dias, tenho começado a pensar que talvez o Senhor tenha decretado a morte de Stan Shand para que eu acordasse e pudesse fazer algo que o Senhor deseja. O problema é que não estou certa do que o Senhor quer, e tenho medo que possa envolver Andy, talvez severamente.

O banco na qual estava apoiada tremeu, rangeu. Ela aguardou, cabeça baixa, enquanto as pessoas voltavam a se acomodar.

Estou tentando fazer uma coisa por vez. Se eu descobrir o que temo descobrir esta noite, Andy conduzindo uma Missa Negra, por favor, me ajude a dar o próximo passo certo. Algum tipo de sinal seria muito bem-vindo. Para ser sincera, preciso imensamente de um sinal. Tudo que peço em troca é que o Senhor lembre que Andy é meio-humano... mais que meio, espero — e que se as coisas correrem mal para ele, peço que o senhor demonstre pelo menos metade da sua misericórdia usual. Eu...

Como uma roda de aço arremessada através da catedral, um grito elevou-se ao teto, ricocheteou para os transceptos, quicou duplicado para a nave; outro grito soou depois dele, grito depois do grito roda de aço ricocheteando, ecoando, espargindo ecos. Em cada banco da nave cruciforme cabeças levantaram, olhos abriram, lábios premiram, rosários foram beijados, mãos desenharam sinais-da-cruz.

A enfermeira colocou seu casaco e sua bolsa entre elas duas, apoiou-se no banco da frente, levantou, espremeu-se pela brecha, caminhou apressada pelo corredor. Alguns bancos à frente, um homem levantou-se.

— Sou médico, com licença — disse ele.

Mais alguns gritinhos, cada vez menores, mais distantes. O silêncio espalhou-se, enchendo a catedral de parede a parede.

Um som de choro veio de onde a enfermeira e os outros aglomeravam-se. Um padre saiu apressado de trás do altar.

O órgão emitiu música; todos respiraram. Oraram, suspiraram.

Rosemary permaneceu quieta, sentada reta e imóvel, punho no peito, em cima da cruz.

Este sinal está bastante claro para você, Novos Olhos?

Ela engoliu em seco, respirou fundo.

Cobrindo-se o mais que pôde com o casaco, empurrou os pertences da enfermeira para o canto; saiu do banco e caminhou até o vestíbulo, abotoando o casaco, colocando os óculos escuros, abaixando o chapéu sobre o rosto enquanto passava pelas pessoas.

— Aquela era Rosemary! Juro que era!

— Ora, *vamos*. Vestida daquele jeito? Saindo agora? Sozinha? Sim, claro, era Rosemary.



Pura coincidência, disse a si mesma, caminhando de cabeça baixa, mãos nos bolsos, pelas calçadas limpas da Central Park South. Coincidências acontecem, mesmo na véspera de Natal na Catedral de São Patrício. Quanta estupidez da sua parte considerar o surto de alguma pobre alma como um sinal *Dele* para *ela*.

Não fora apenas estúpido, mas arrogante — ver-se como a agente de Deus na Terra. E pensar, mesmo por um breve instante, que dentre as centenas de milhões de preces levantadas até Ele naquela noite, o Senhor concedera atenção prioritária à sua, e a brindara com uma resposta imediata.

Rosemary passou por hotéis e prédios de apartamentos; pessoas saíam,

peessoas chegavam, carregando presentes e sorrisos natalinos. Saiu da área aquecida debaixo de uma marquise para se expor ao vento frio na Sexta Avenida.

A torre, aproximando-se, estava clara como de dia, o brilho noturno da cidade realçado pela neve no parque e nas ruas.

Rosemary esperara ver uma luz acesa, incriminadora, na janela de um dos pavimentos da GC, e deixara uma marcação na janela de seu quarto — um lenço azul pregado entre as cortinas, uma lâmpada suave acesa atrás dele — para identificar os números dos andares acima. Ela nem conseguia ver a janela azul na fachada dourada.

Quando atravessou a Central Park South no Columbus Circle, parou ao lado da trilha de neve e abaixou os óculos escuros para olhar atentamente cada andar. O arranha-céu, avultando-se à sua frente, mantinha suas sombras no lugar; em sua face de céu luminoso não havia sinal de que suas janelas estivessem escuras ou acesas — ou azuis ou vermelhas.

Contornou o Columbus Circle e caminhou até a trilha aberta no banco de neve em frente à marquise.



Mudou de roupa para calças pretas, blusa verde, suéter preta, sapatos baixos pretos. Desenganchou de seu cartão de plástico uma lanterna preta finíssima, alimentou-a com baterias, fechou-a, experimentou os botões de acender e apagar. Luz brilhante, bonito *design*. Boa Coisa Nova.

Colocou a lanterna no bolso esquerdo e o cartão no direito.

Não precisaria de mais nada. Ficaria lá em cima apenas por um ou dois minutos; eles ou estariam lá, preparando-se para seu sei-lá-que-diabos blasfemo, ou o andar estaria escuro. Não planejava ficar assistindo.

Pedira a pílula a Al — ele lhe dera duas, mas ela pedira apenas uma — apenas para o caso de ficar esgotada depois da caminhada. Não tinha ficado; estava completamente alerta, provavelmente cheia de adrenalina no sangue.

Ou talvez isso se devesse apenas à hora. Ainda eram nove e meia. O que

poderia ser cedo demais para haver mais de um ou dois deles no auditório, podendo alegar outro motivo.

Fez uma xícara de café instantâneo e ligou a TV. Um âncora tocou na orelha, ouvindo alguma coisa.

Recebemos a notícia de que foram confirmadas cinquenta e sete mortes — disse o âncora a Rosemary. Ele suspirou, balançou a cabeça. — Para recordarmos a vocês...

Outro Hamburgo. Menor. Desta vez, Quebec.

Na véspera de Natal...

Sentou-se triste, balançando a cabeça.

Metade dos canais falava no assunto.

— Ninguém assumiu responsabilidade — disse o âncora.

— Babaca — xingou Rosemary.

Trocou de canal, passando rápido por Jimmy Stewart dançando com Donna Reed — um filme adorável, mas duas vezes já era suficiente — assistiu à parte de *O especial da God's Children para todos os dias santos*. Quando Andy começou a falar, Rosemary mudou de canal; não gostaria de vê-lo trabalhando nesta noite. Voltou para o noticiário. As mortes tinham subido para sessenta e duas. Mudou de canal.

Ficou parada olhando pela janela para o manto de neve sobre o Central Park — formas arredondadas banhadas por luz, rodeadas por trilhas de pedestres — imaginando como as coisas estariam indo com Joe em Little Neck, à mesa de Ronnie com Mary Elizabeth e sua amante médica. O serviço errático dos trens iria obrigá-lo a dormir lá? Joe não se prontificara a contar os detalhes do casamento e do rompimento, mas Rosemary percebera que o problema não tinha sido o lado físico. Passaria ele a noite no quarto de Ronnie, sua ex-modelo de modas? O pensamento atormentou-a — com uma intensidade surpreendente. Um freio soou lá embaixo; lembrou-se dos gritos na Catedral de São Patrício. Estremeceu, abraçou o próprio corpo.

Mudou AMOURLESTS para LOSTMAUSER. Vagamente familiar.

Às quinze para as onze, retocou a maquiagem e prendeu o cabelo — mandara Ernie desfazer sua inspiração, Andy tinha razão — e tomou metade de uma das pílulas, apenas como medida de segurança.

Empurrou a porta do corredor e olhou a mesa da recepção; uma das mulheres, não podia ver qual, estava conversando com um casal vestido com sobretudo. Rosemary puxou a porta para fechá-la e aguardou, olhando para o quadro com o mapa do corredor com as saídas de emergência marcadas em vermelho. De algum modo, ela encontraria a sua — a três metros dali.

Empurrou novamente a porta e — ao ver algumas pessoas saírem no lado oposto — puxou-a. Desta vez manteve a porta entreaberta. Esperou até que o grupo de dois homens e uma mulher estivesse perto da mesa e saiu. Fechou a porta de seu apartamento com a placa NAO PERTURBE dependurada. Cruzou o *hall*, empurrou a porta de vidro com os dizeres SAÍDA DE EMERGÊNCIA, entrou no patamar da escadaria. Fechou a porta de vidro.

A escadaria era iluminada por lâmpadas fluorescentes. Segurando um corrimão de metal escuro, subiu em zigue-zague até o patamar do oitavo andar.

Encostou o rosto no vidro da porta.

Abriu a porta e adentrou um *hall* iluminado suavemente — assoalho de vinil verde-musgo e paredes azul-celeste — como o *hall* no décimo andar, mas com a metade de sua largura, e quase completamente desprovido de portas; havia apenas duas, muito grandes, diante dos elevadores e das salas de espera.

Caminhou até as portas duplas seladas com uma enorme logomarca da GC em bronze. Em sua superfície polida viu a si mesma, amedrontada, vestida de preto.

Agachou-se, uma das mãos no chão; encostou um olho na brecha sob o bronze.

Levantou, expirando, e tirou a lanterna e o cartão dos bolsos. Enfiou o cartão na ranhura e o deslizou; se permitia sua entrada no elevador privado de Andy, ele decerto abriria a porta da frente de seu filho para ela.

Antes que ela pudesse tocar a logomarca em bronze, esta se dividiu; as portas abriram para a escuridão.

A lanterna e a luz que vinha do corredor mostraram uma imensa sala de recepções — mobílias, estantes e portas por toda parte.

Entrou na sala e se virou na direção dos elevadores. Parada, deu palmadinhas na testa, tentando recordar a configuração do nono andar, no qual estivera no dia da gravação, há mais de duas semanas, e um ou dois dias depois, quando visitara as salas de reuniões.

As salas de reuniões tinham vista para o Central Park, o que significava que o anfiteatro ficava atrás dos elevadores. Sim, eles tinham caminhado ao longo de um corredor curvo; o fundo do palco corria em paralelo até o lado do prédio na Broadway. Isso significava que as escadas espirais na passagem entre os camarins e os banheiros — seria *ali* — em algum lugar depois da esquina noroeste da sala de recepção, quase a uma volta completa de onde estava.

Seguiu seu disco fluido de luz através de uma porta à sua direita, e ao longo do vinil verde-musgo entre paredes de portas de escritório numeradas a partir de 800. Numa bifurcação, dobrou à esquerda; percorreu mais assoalho de vinil verde ao longo de portas com números altos. Mais ou menos onde pensou que seria, Rosemary encontrou, numa alcova à sua direita, uma espiral de ferro preto até o pavimento superior.

Galgou lentamente os degraus, segurando com firmeza o corrimão, parando ocasionalmente para ouvir — silêncio — e mantendo a lanterna desligada. Chegou a uma passagem verde-musgo, com assoalho e paredes acarpetados. A direita, duas portas distanciadas por alguns metros, um telefone público na parede curva entre elas. A esquerda, duas portas lado a lado, portas de banheiro com símbolos, escuridão ao fundo. Lâmpadas ressaltavam as portas do camarim; a mais próxima, a porta do feminino, estava entreaberta, deixando escapar luz de seu interior. Saindo da escada em espiral, Rosemary parou na passagem acarpetada e respirou fundo.

Respirou novamente.

Alguém está usando *tannis*?



Examinou o camarim.

Nenhum movimento, nenhum som.

Abriu a porta mais um pouco. As cabines, de frente uma para a outra em grupos de três, estavam abertas, cortinas recolhidas nos lados. Na cabine à sua direita, o casaco de pele de visão de Diane pendia num cabide. Seus relógios e anéis de ouro jaziam numa prateleira, sua bolsa de couro preta num banco, suas botas pretas embaixo. Na outra extremidade da prateleira, meias-calças pretas emaranhadas...

A voz grave de Craig veio da coxia. Atrás das cadeiras vazias às mesas de maquiagem havia uma porta para a coxia, que estava apenas parcialmente fechada. A julgar por seu tom de voz, Craig estava fazendo perguntas. Rosemary se inclinou para o camarim, uma das mãos na maçaneta, a outra no portal, esforçando-se para ouvir. Não conseguiu distinguir o que estava sendo dito ou uma resposta, mas ouviu um clique vindo do corredor; entrou no camarim feminino, enquanto a porta do masculino era aberta.

Seguiu até a cabine de Diane, parou com o coração batendo.

Respirou fundo.

Na cabine oposta, paletó verde-água com babados, pele de castor, botas marrons, bolsa Gucci. Polly. Calcinhas com padrão de oncinha...

A coxia agora estava em silêncio.

Ela aguardou.

Respirou fundo. O cheiro de *tannis* parecia mais forte, sobressaindo em meio a um emaranhado de odores... ou talvez a pílula — independente do que fosse — tivesse aguçado seu olfato. As cores também pareciam mais vivas.

Inclinando-se para fora, examinou a cabine ao lado. Vanessa — casaco de lã azul-escuro, *jeans*, suéter vermelha, botas de escalada marrons, calcinhas pretas.

Inclinou-se ainda mais para fora; a cabine depois da de Polly pertencia a Sandy — pele de coio, botas de couro branco, vestido cor de pistache. Sem calcinhas.

Rosemary podia ter ido embora naquele momento. Faria alguma diferença saber se Andy estava presente? Elas não tinham se despido para discutir os programas de saúde pública da GC para o ano 2000 — e pelo menos dois dos homens estavam lá. E o cheiro era de *tannis*, definitivamente, sem a menor dúvida.

Deu uma boa respirada, só para ter certeza.

Definitivamente, *tannis*...

A coxia ainda estava silenciosa.

Saiu e examinou as duas últimas cabines: a do lado da de Sandy estava vazia, a outra, ao lado da de Vanessa, também, exceto por um longo robe cor de ferrugem pendurado na parede.

Rosemary parou, entrou na cabine, estudou o robe de cor vivida. Sentiu entre os dedos a seda de textura granulada. Puxou o robe e viu que trazia anexado nas costas um capuz e um cinto de corda.

Um robe de monge, muito leve, de tecido excelente, costurado com habilidade. Encontrou o selo na gola e forçou a vista para lê-lo: MME. DELPHINE — FANTASIAS TEATRAIS.

Encontrou um fio de cabelo na etiqueta, puxou-o.

Segurou-o, olhando com seus olhos novos e superaguçados o filamento preto e lustroso de trinta centímetros...

Pendurou o cabelo sobre o ombro do robe.

Caminhou entre as cadeiras e as mesas de maquiagem com seus espelhos ovais até a porta entreaberta; moveu-a, e segurando a maçaneta, olhou pela fresta.

A cerca de quatro metros e meio de distância, quase diretamente à sua frente, um pouco para a esquerda, Sandy estava sentada no meio de um sofá, num robe cor de ferrugem, estudando cartas dispostas sobre uma velha penteadeira — cartas de tarô, com toda certeza. Moveu uma, estudou o padrão, suspirou. Más notícias do além.

Um odor de *tannis* exalava pela fresta; provavelmente estavam queimando *tannis* como incenso, ali na coxia ou no palco. Outro robe cor de ferrugem passou perto dela, da esquerda para a direita.

— Já são mais de dez e meia! Pedi-lhe especificamente para começar na hora. — Polly. — *Odeio* ficar acordada até altas horas; meu relógio interno fica todo desregulado.

Sandy reuniu suas cartas, embaralhou-as com habilidade, começou a deitá-las novamente. Polly retornou, sentando no braço do sofá, mordiscando um *cookie*. Cruzou as pernas nuas por baixo do robe — bonitas para sua idade — meneou dedos pintados de vermelho. Abaixou as madeixas loiras sobre a penteadeira, mordeu o lábio. Fez um som de preocupação com a língua.

Sandy suspirou.

— Sempre o caos, o caos sem sentido...

Entra a terceira bruxa, pela esquerda.

— Alguém já viu Andy? Ele estava aqui, agora sumiu.

— Já são mais de dez e meia — disse Polly.

— Eu sei—replicou Diane, aproximando-se de Sandy pelo outro lado. — Os meninos estão ficando impacientes. — Seu robe era violeta, sem dúvida para combinar com os olhos. Observou Sandy mexer as cartas. — O que significa “lousetrasm”?

— Nada — respondeu Sandy. — Caos. E uma charada que Judy me deu.

— Alice, quer dizer — corrigiu Polly.

— Eu *ainda* não consigo acreditar — disse Sandy, mexendo suas cartas.

— Acho jogos de palavras um saco — disse Diane, afastando-se das duas. Foi para a direita.

Rosemary recuou da fresta, olhos arregalados. Sandy também estava nessa? Virou e se deparou com Andy.

— Psiu... — fez ele, um dedo diante dos lábios.

Ela engoliu em seco; ele cobriu a boca aberta de Rosemary com os dedos.

— Estava começando a achar que você *não* ia me pegar — sussurrou Andy. Sorrindo para ela, deu-lhe um beijo no nariz.



Andy tirou os dedos da boca de Rosemary, manteve a mão levantada num pedido de silêncio, piscou para ela enquanto a empurrava gentilmente. Puxou a porta e saiu pela fresta.

— Senhoras, se importam? Preciso de espaço para mim mesmo por alguns minutos.

— Para quê? — perguntou Diane.

— Meditação profunda, tá? Fora. Obrigado por tudo.

Estava usando um robe preto, o mesmo estilo que os outros, pelo menos por trás, com o capuz e o cinto de corda anexados. O robe que Rosemary comprara-lhe na Sulka, agora lá embaixo em embalagem para presente, teria sido um tanto redundante; mais um motivo para não dar nenhum presente de Natal a esse mentiroso filho de um... Satã.

— O que você está fazendo *aí*? — indagou Sandy, reunindo suas cartas.

— Experimentando botas. Polly...

— Você disse que começaríamos...

— Comece sem mim. Estou falando sério, prossigam. Diga ao Kevin para cuidar do som.

Andy estava fechando a porta para o palco quando Rosemary entrou na coxia — cabisbaixa, olhando para cima e vendo a si própria olhando para baixo.

Nos teatros e nas estações de TV, as coxias são chamadas também de “salas

verdes”, mas uma que seja realmente dessa cor é raridade. Uma que seja *inteiramente* verde, num teatro todo verde-musgo — é um oxímoro visual. Ou algo assim. O teto baixo e espelhado duplicava a atmosfera estranha da sala. O acesso ao palco fora rebaixado; a sala de controle dos sistemas de iluminação e áudio ficava logo acima — junto com o reflexo de todos de cabeça para baixo, caminhando, sentando, conversando, ou fazendo o que quer que fizessem na sala verde-musgo.

Rosemary escolheu uma cadeira ao lado do sofá. Sentou-se reta, cotovelos nos braços da cadeira, mãos dobradas à frente, dedos entrelaçados, pernas juntas dentro das calças pretas, pés juntos dentro dos sapatos baixos pretos sobre o assoalho acarpetado.

Andy caminhou pela sala — seu reflexo caminhando em cima dele, ajustando o robe preto, apertando o cinto de corda — até as garrafas de café, chá e a imensa máquina vermelha de coca-cola.

— Quer café?

Rosemary permaneceu em silêncio por um momento.

— Preto, por favor — disse finalmente.

Ele serviu café, apertou o botão na máquina; uma lata foi despejada.

Andy trouxe uma xícara da GC com café preto, com uma colherzinha e um envelope de adoçante; sentou-se na ponta do sofá ao seu lado, abriu a lata vermelha. Bebeu o refrigerante.

Rosemary mexeu o café sobre o tampo da penteadeira, olhando para as “cartas” de Sandy, folhas de um bloco de anotações debaixo de um peso de papéis prateado.

— Quer saber a resposta? — perguntou Andy.

Rosemary levantou os olhos para ele.

— Para “Roast Mules”? — perguntou.

Ele assentiu, sorrindo.

— Matei mais ou menos numa semana.

— *Não ouse me contar* — disse Rosemary. — Vou descobrir sozinha!

Ele riu.

— Quem diria, tenho uma vantagem sobre você — disse Andy. — Descubra logo, senão vou acabar contando.

Ela colocou a colherzinha sobre a mesa, sentou-se empertigada com a xícara em ambas as mãos; respirou fundo e bebericou, olhando para a frente.

Andy colocou a lata sobre o tapete, longe do pé descalço.

— Eu não deveria provocá-la — disse ele. — Sei que você está preocupada. Não fique. Só menti um *pouco*. Sinto muito. Não queria assustá-la de novo, depois de tudo que você passou. Mãe, olhe, para mim. Por favor.

Ela virou a cabeça, olhou para ele.

— O que está acontecendo aqui não é satanismo — disse Andy, os olhos perfeitamente castanho-claros. — Eu não sou um adorador dele, acredite. Conhecê-lo é odiá-lo; ele faz jus à sua reputação. Isto aqui é apenas... faz-de-conta, símbolos com que cresci e dos quais gosto. Só isso. Essas são as únicas festas que conheço. Isto não é bruxaria, não fazemos feitiços nem algo parecido. Não é a religião antiquada de Minnie e Roman. Pelo menos não mais do que... do que uma festa de Natal é a religião de Rob Patterson. Ouça isso... — Apontou com a cabeça para o outro lado da sala.

As cantilenas tinham começado... vindas de um alto-falante no tapete verde-musgo entre os topos das portas do camarim... uma cantilena ondulante misturada a sons estranhos, ululantes.

— Reconhece? — perguntou.

Ela virou o ouvido na direção do alto-falante.

— Você alguma vez... tomou parte em... — perguntou Andy.

Rosemary balançou a cabeça.

— Não. Eu ouvi de longe. Através das paredes e do armário. Você sabe disso.

Ele assentiu, sorriu.

— Isto é diferente...

— E um dos velhos cânticos — esclareceu Andy. — Mas Hank fez um arranjo eletrônico... esse é o *hobby* dele, música eletrônica. O que você está ouvindo são cantos gravados, aprimorados eletronicamente. — Ele sorriu. — Se você tocar de trás para a frente, ouvirá o pai-nosso.

Rosemary sorriu, bebericou da xícara. Olhou para ele enquanto pegava a caneca e bebia, seu pomo-de-adão se movendo. Rosemary pousou a xícara na penteadeira, recostou-se com as mãos sobre os braços da cadeira. Cruzou as pernas. Respirou fundo. Abanou uma das mãos na frente do rosto.

— Realmente é uma festa de Natal de escritório — disse ele, baixando a lata de refrigerante. — Uma festa de Natal do jeito que Andy gosta. Eles aceitaram como uma excentricidade interessante, mas não tão excepcional da parte de alguém que precisa apresentar uma imagem de bondade convencional vinte e quatro horas por dia... uma excentricidade sobre a qual, de algum modo, Andy teve a *intuição* de que cada um deles concordaria em adotar, por seus próprios motivos. Isso tem uma certa relação com aqueles tipos profissionais descendo da Dominique's Dungeon na noite de segunda. Pelo menos segundo Vanessa; ela escreveu uma tese sobre o assunto.

Andy se inclinou, aproximando-se mais de Rosemary.

— Essas são pessoas talentosas que fazem muitas coisas boas — disse Andy. — E eles extravasam as tensões com um pouco de comportamento anticonvencional. Não são mais satanistas do que você; metade deles frequenta a igreja com regularidade. Jay é oficial de sua sinagoga. — Andy pousou as mãos sobre as de Rosemary na cadeira de braços. — E eles *não são assassinos, mãe. E eu não mandei que eles matassem ninguém*. E com isso que você está mais preocupada, não é?

Olhando para ele, ela assentiu.

— Sim. É com isso.

Andy se recostou, balançou a cabeça, penteou com os dedos seus cabelos castanhos.

— Não entendo — disse ele. — Por quê? Suponho que você ache que *Judy planejava* me trair no verão passado, mas ela não fez isso. Não temos nenhuma ideia de quem ela era realmente.

— Ela veio para me dizer alguma coisa, não para uma partida de Jogo das Palavras.

Andy olhou em outra direção, balançou a cabeça, suspirou. Olhou de volta para ela.

— Provavelmente o que ia fazer era contar sobre o fim de nosso relacionamento — disse Andy. — Tudo desmoronou em Dublin. Você não imagina a noite que tivemos. — Ele pegou a lata, bebeu.

— Ela já havia me contado isso — disse Rosemary, observando-o. — Acho que ia me contar alguma coisa sobre isto aqui.

— Mãe, isto não é nada. Veja você mesma, veja por alguns minutos. O robe de Judy ainda está ali; vista-o, cubra o rosto todo com o capuz, ninguém saberá quem é você. Acharão que eu trouxe alguém; já fiz isso antes. E apenas uma festa com alguns cânticos druidas, velhas canções, danças e petiscos. Velas pretas em vez de vermelhas e verdes, *tannis* em vez de azevinho... grande coisa.

Ela olhou para ele e disse: — Obrigada, mas não; obrigada.

— Ninguém forçaria você a fazer nada — disse Andy.

— Eu disse não. Mesmo que isso seja inocente como você...

— Não disse que era inocente — sorriu. — Disse que não tinha nenhuma relação com satanismo. E que você não seria pressionada. Há boas chances de que William passe a mão em você, mas se você lhe der um tapa na mão ele não fará de novo. Muhammed é mais persistente.

— E se Judy tivesse procurado a imprensa para contar sobre isso? Imagine: “Festas druidas na GCNY.”

Andy ficou sentado por um momento. Depois levantou e caminhou até as

portas do camarim, bebendo da lata enquanto seu reflexo no teto fazia o mesmo.

Amassou a lata, jogou-a numa cesta, virou-se, olhou para Rosemary.

— Teria sido constrangedor, de fato. Mas acredite em mim, mamãe. Jamais teria machucado o dedo mindinho de Judy para detê-la. Eu realmente a amava... mesmo depois do Dia de Ação de Graças.

Rosemary virou o rosto. Uma batida de tambor juntara-se à cantilena, lenta e repetitiva...

— E não acredito que ela tivesse feito isso — disse, voltando até Rosemary. — Ela gostava das cerimônias tanto quanto os outros. Ela nos deu ideias de ioga que incorporamos aos nossos rituais. — Andy se agachou ao lado da cadeira de Rosemary. — Ora, *vamos* — disse, apertando a mão de Rosemary sobre o braço da cadeira. — Só uns minutinhos. *Por nós*, você e eu. Como vamos poder nos divertir juntos, como fizemos hoje, com você pensando que eu talvez ainda esteja mentindo e que eles estão agora lá embaixo cortando cabeças de galinhas?

Ela suspirou.

— Eu não estava pensando *nisso*.

— Em que estava pensando?

Ela olhou para ele, piscou, encolheu os ombros.

— Não sei. Uma “Missa Negra”, acho. Realmente não sei...

— Quem é você? — perguntou Andy, sorrindo para ela. — Um cardeal que condena filmes a que não assistiu? Livros que não leu?

— Oh, *Deus*, Andy—disse Rosemary. — *Certo*, você venceu.

Rosemary se levantou da cadeira, enquanto Andy se empertigava, sorrindo e segurando-a pelos ombros com as mãos.

— Estou feliz pelas coisas terem seguido este rumo — disse. — E como quando você me mostrou coisas na Irlanda. Estas são as *minhas* raízes, por assim dizer, algumas delas. Nunca achei que poderia mostrá-las a você. Beijou-a na face.

Rosemary beijou a bochecha de Andy, onde começava sua barba.

Vou ficar apenas dois minutos — alertou-o Rosemary. — Foi um dia longo, e estou exausta.

Ele a observou, sorrindo, arrumando o robe, apertando o cinto, enquanto Rosemary ia até o camarim feminino, seu reflexo sobre ela, caminhando de cabeça para baixo ao compasso dos tambores.



Rosemary estava parada diante da parede ao lado do palco, mãos dadas com Andy, olhos tentando enxergar em meio à escuridão, aproveitando ao máximo a claridade tênue proporcionada por chamas de velas, holofotes amarelos e sinais de saída de emergência. A quatro metros dela, figuras encapuzadas, mãos dadas, caminhavam de lado e se moviam ritmicamente para a frente e para trás, numa roda que girava contra o sentido do relógio. Vozes acompanhavam o cântico ululante saindo das caixas de som, a batida de tambores e o som de uma flauta comum ou transversa; tudo entrelaçado em ecos reverberantes. Robes cor de ferrugem, robes marrons e verde-escuros caminhando de lado. Rosemary só sabia com certeza quem estava usando o robe violeta.

E também quem era o encapuzado mais baixo: Jay. E o mais alto: Kevin. Epa.

Ela vislumbrou, por trás das mangas ligadas, o encosto de uma cadeira preta. Sussurrou, inclinando-se sobre Andy: — Hank sentará no centro?

— Não — sussurrou em resposta. — Eu sento ali. Hank está na roda.

Rosemary virou a cabeça, soltando a mão de Andy. Levantou ligeiramente o capuz para olhar o filho.

Andy assistiu, seu rosto barbado envolto em seda preta.

— É a única época que ele consegue ficar de pé sozinho por mais que alguns minutos... Eu converso com ele antes para estimulá-lo — sorriu para ela. — Fique até isto acabar, está certo? Dez minutos, no máximo. Não deixarão que você saia da roda.

Andy beijou a mãe, virou-se e se afastou, seu robe adejando sobre seus calcanhares nus, seus tendões de Aquiles.

Ela observou mangas escuras apartarem-se para dar passagem ao encapuzado de negro; as mangas deslizaram sobre peles pálidas, um bracelete de prata revelando-se no braço fino à esquerda. O capuz do robe virou-se em sua direção no lugar do rosto, escuridão —, enquanto os braços envoltos em seda juntavam-se novamente. O capuz voltou-se para outro capuz; esse inclinou seu rosto sombrio na direção de Rosemary enquanto a roda de dançarinos prosseguia girando contra o sentido do relógio.

Andy agora estava sentado, centro do palco, olhando para a frente, todo de preto, banhado pela tênue luz amarela dos holofotes, o rosto completamente oculto, exceto pela ponta da barba e da mão esquerda sobre o braço da cadeira. A figura encapuzada de violeta sentou-se numa cadeira à frente dele. Capuz de frente para capuz, ligaram suas mangas, enquanto os outros membros do círculo, entoando sua cantilena, aproximavam-se ao ritmo dos tambores. Os capuzes continuaram encarando-se, violeta e preto — então se encontraram, e se separaram. A figura de violeta se levantou, Andy ajudando-a com a mão. Ela prestou uma reverência a Andy. Uma figura de robe escuro, marrom, deu um passo para fora da roda; violeta e marrom trocaram de lugar. Os membros do círculo voltaram a caminhar de lado; o tambor prosseguiu seu ritmo.

Rosemary balançava ao som do tambor, braços afastados do corpo, permitindo a seda suave roçar-lhe a pele — que estava incrivelmente sensível. Talvez fosse a pílula — ou seria o *tannis*? Ou a combinação das duas coisas; ela torceu para que não fosse perigoso.

Mas se sentia fantástica, tão revigorada e solta como se estivesse em alguma discoteca com Guy, o desgraçado, nos bons tempos. Capuzes voltaram rostos sombrios em sua direção; ela sorriu para eles, sabendo que era um rosto tão desprovido de feições quanto os deles, se não mais, fora do alcance dos holofotes, com as velas mais próximas a metros de distância.

Será que tinham adivinhado quem ela era? Ou achavam que Andy já encontrara uma nova garota — uma pressa perfeitamente compreensível em alguém que precisava projetar tanta bondade convencional. Rosemary meneou o corpo mais livremente ao som da cantilena e dos tambores — uma estrangeira que Andy pegara no *hall* do hotel. Italiana. Não, grega. Melina Mercouri. Dançando levemente, seda roçando-lhe a pele...

Dedos pálidos acenaram para ela de duas ou três mangas na roda. Rosemary balançou a mão coberta, sorrindo, dançando. Nunca nos natais...

A dança era simples — dois passos para a frente e um para trás, com uma variação a cada quarta batida de tambor. Uma dança folclórica em câmera lenta, monótona, sem pressa. Dificilmente um desafio para Ginger Rogers. Ela imitou os passos, o tapete suave sob as solas de seus pés.

E se Joe visse aquela cena? Consideraria um caso para a Delegacia de Costumes? Talvez... mas talvez não. Podia imaginá-lo vestindo um daqueles robes. Joe tinha um espírito aventureiro que ela não tinha, mas do qual realmente gostava. O Alfa-Romeo, por exemplo, era um sinal disso.

Ora, mas que se dane.

Ajeitou o robe, apertou o cinto, fixou o capuz para camuflar-se ao máximo. Respirou fundo... e devagar, devagar, caminhou ao ritmo do tambor até o círculo de dançarinos encapuzados. Mangas apartaram-se, mãos seguraram as suas calorosamente.

Dançou com a roda, compartilhando seu ritmo, descobrindo seus passos, observando um Andy encapuzado de preto e uma mulher de robe cor de

ferrugem dando-se as mãos e conversando. Passou por trás do ombro de Andy, segurando a mão cor de chocolate de Vanessa, suas unhas normalmente brancas pintadas de preto ou quase preto. Quando seus braços se mexeram, um bracelete de corrente subiu e desceu sob a manga cor de ferrugem de Vanessa — eles prateados grandes e arredondados.

O encapuzado de marrom atrás de Rosemary era alto — William ou Craig. Ela segurava sua mão com firmeza, para o caso de ser William, o Mão-boba. Fechando os olhos, cantarolou o cântico, sem se dar ao trabalho de repetir as sílabas, dançando confortavelmente, respondendo a algum tipo de instinto, todos seus sentidos aguçados...

— Psiu! — A mão de Vanessa apertou a sua e a largou. — Andy quer você!

Ele fez um sinal com a cabeça. Rosemary estava quase na frente dele, um robe marrom se levantando.

Caminhou ao ritmo dos tambores até uma cadeira negra sem encosto; apertou o robe em torno do corpo, sentou.

Seu joelho envolto em seda encostou no dele. Estendeu-lhe a mão, olhou para Andy, que lhe sorria de dentro de seu capuz preto.

— Eu estava torcendo por isso — disse ele.

— Você sabia muito bem, seu filho da puta.

— Minha própria mãe? Que vergonha...

— O que você diz quando *eles* se sentam aqui?

Ele olhou para ela, seu sorriso esvanecendo.

— Eu agradeço por tudo que ele ou ela faz pela GC e por mim. E lhe digo o quanto todos estamos satisfeitos por ele ou ela fazer parte da cúpula. E a pessoa diz o que está sentindo. Reclama de alguma coisa, admite um erro ou diz simplesmente “Obrigado, eu também estou satisfeito”. No círculo, cada membro se ajoelhava diante de Roman e jurava lealdade imorredoura a Satã e a ele. Depois Roman perfurava o dedo com uma adaga e a pessoa bebia uma gota de seu sangue. Você pode entender por que isso não me conquistou.

Rosemary permaneceu sentada em silêncio, segurando suas mãos, olhando para Andy, enquanto ele sorria novamente.

— Neste momento beijamos um ao outro nos lábios. Castamente. Você dita às regras.

— Castamente é fácil — disse Rosemary.

Inclinou-se, deu uma beijoca em seus lábios e logo estava de pé, mãos livres, antes que Andy pudesse ajudá-la.



Os “petiscos” — servidos pelas pessoas com robes cor de ferrugem depois da dança — eram apenas razoáveis: petiscos requentados da cozinha do hotel e patês pouco atraentes. Contudo, uma gemada maravilhosa, com uma gota de álcool e um sabor bem leve de *tannis*, foi servida no centro do palco numa bela poncheira de prata — verdadeira, não do tipo vagabundo do hotel — sobre uma mesa com toalha verde-musgo, à qual Andy se sentara.

Diane, em seu robe violeta, ocupou-se de servir. Estava agora sem o capuz, e parecia fantástica, corada pela dança e claramente recuperada da ciática. Com uma concha de prata, serviu o creme para todos em canecas prateadas. Os membros da cúpula da GC estavam agora entretidos num bate-papo animado, todos sem os capuzes, Hank sentado com o rosto vermelho de tanto rir de algo que William estava dizendo, cada um com uma caneca prateada na mão.

Sentada em meio à escuridão absoluta do degrau superior do anfiteatro, no lado da coxa, Rosemary ainda usava o capuz, embora provavelmente não houvesse necessidade disso. Ninguém olhara mais para ela depois que Andy a chamara lá para cima no fim da dança. Os dois tinham comido lá, em pratos que ele pegara lá embaixo, e bebido canecas daquela gemada maravilhosa. Ambos estavam morrendo de fome porque tinham comido apenas os sanduíches de *pastrami* o dia todo.

Agora ele estava subindo os degraus com a agilidade de um cabrito montês, uma nova caneca de gemada em cada mão, todo de preto contra a luz do palco.

Os robes tinham uma tendência a deslizar e abrir — o que ficara aparente quando a dança acelerara um pouco depois que todos tinham sentado e conversado com Andy.

Andy deu-lhe uma caneca de prata, sentou no degrau a meio metro dela, mais perto do centro da curva, ajeitando o robe em torno do corpo.

— Pode tirar o capuz, se quiser — disse. — Está quase invisível aqui em cima. Além disso, eles sabem. Ninguém acha que eu traria uma namorada para cá tão cedo, e, além disso, quem mais poderia ser? Vanessa estava completamente convencida de que era você. — Ele bebericou de sua caneca prateada.

Rosemary levantou o capuz, arrumou o cabelo.

— Qual foi a reação deles?

— Ficaram felizes por você estar aqui. E entenderão se não quiser se misturar. Estão torcendo para que se junte a eles em outra dança, mas não ficarão magoados se você não quiser.

Rosemary tomou um gole da caneca de prata.

— Outra dança? Em outra festa ou ainda esta noite?

— Esta noite. Haverá mais duas ou três. Mais aceleradas, diferentes. — Ele bebericou de sua caneca de prata.

— Oh! — exprimiu Rosemary. Tomou outro gole de gemada.

— Se estiver cansada, posso lhe dar algumas pílulas.

— Não, não, estou bem.

— Inofensivas. Conseguirei com o Al, lá embaixo.

— Não, estou bem — garantiu Rosemary. — Segundo fôlego.

— Andy! — Sandy estava de pé na borda do palco, olhando para eles. — Posso falar com você um instante?

Parecia aborrecida.

Ele resmungou. Colocou a caneca no chão, levantou.

— Volto num minuto. *Espero*.

Desceu correndo os degraus, segurando o robe em torno do corpo.

Rosemary levantou também. Ajeitou a seda e se sentou de novo, acomodando-se numa posição mais confortável contra o tapete às suas costas e embaixo dela. Pegou a caneca de prata e bebericou, observando Andy no palco suavemente iluminado escutando as reclamações de algum desentendimento entre Sandy e Diane. Caminhou com elas, mãos em seus ombros, até o fundo do palco. Os três passaram pela porta para os escritórios e almoxarifados.

Rosemary saboreou a gemada cremosa, agridoce e com gosto de *tannis*; saboreou a música antiga-moderna flutuando por toda parte à sua volta, o ambiente druida do palco verde iluminado por velas — os holofotes enfraquecendo agora, enquanto figuras com robes escuros, Kevin e Craig, levantavam a mesa com a poncheira — a *bela* poncheira de prata, de Diane ou da GC — e a carregaram até o canto depois da porta da coxia. Estavam limpando o palco para a próxima dança...

Mais rápida, diferente...

Jimmy Durante expressara muito bem o que ela estava sentindo agora: *Já teve a sensação de ao mesmo tempo querer ir embora e ficar?*

Riu, lembrando dele.

Alta. *Você está muito alta*. Levemente alta, pelo menos. O rum, a vodca ou o que houvesse na gemada. Ou talvez *fosse o tannis* — na gemada e no ar. Ela mal reparava no cheiro agora, mas havia braseiros nos cantos do palco, a fumaça coleando em pilares pastéis. Belíssimos...

Como quando fumava maconha com Guy e a erva fazia efeito... era assim que Rosemary se sentia agora. A música extremamente nítida, a pele ultrasensível, percebendo a seda roçando nela, o tapete através da seda — mas neste caso com suas faculdades mentais imaculadas, agudas como um alfinete. Bebeu da caneca de prata. Será que havia alguma relação entre o *tannis* e o cânhamo? Um encapuzado escuro parou de subir a dois degraus de distância dela. Curvou-

se.

— Por favor, me desculpe, Rosemary — disse Yuriko. — Estou tão feliz em vê-la aqui! Posso falar com você um pouco enquanto Andy não está?

Sentando reta, colocando a caneca ao seu lado, Rosemary sorriu.

— Claro, Yuriko, por favor, sente! — Fechou mais o robe. — Estava esperando uma oportunidade para conversarmos de novo.

— Obrigado, eu também — disse Yuriko, sentando no degrau abaixo de Rosemary, alguns metros à sua esquerda, os planos angulados de sua face e maxilar reluzindo à luz do palco.

Extremamente bonito. Quarenta e nove anos, divorciado, dois filhos casados. Ela descobrira tudo isso com Judy um dia depois da festa improvisada no escritório de Andy.

Assistira a *Hiroshima meu amor* fazia pouco tempo, ou pelo menos era a impressão que tinha. O homem do filme também era arquiteto. Yuriko era o projetista do anfiteatro da GCNY; ele supervisionara o *design* de todos os projetos da GC pelo mundo, e dirigia também sua própria empresa. Uma das mais bem-conceituadas no ramo.

— Como vão as lições de informática? — perguntou Yuriko, sorrindo para ela.

— Estão entre minhas resoluções de Ano-Novo — garantiu. — No topo da lista.

— Só tenho uma resolução — disse. — Ir com mais calma. Faço cinquenta anos que vem. Isso faz um homem pensar. A GC não tem projetos para mim no futuro próximo, e tenho a sorte de estar cercado de associados capazes... assim, resolvi tirar algum tempo para mim mesmo e “cheirar as rosas”.

— Sou completamente a favor — disse Rosemary, sorrindo para ele, inclinando-se para a frente, as mãos dobradas sobre os joelhos.

— Assisti a parte do Especial para Todos os Dias Santos — disse Yuriko, olhando para ela. — A parte de Andy. Vi esta noite. Sempre faço isso, embora receba sempre uma fita antes da exibição... por algum motivo, nunca é a mesma

coisa, não é verdade? Depois de assistir a Andy hoje, concluí... Falo como se eu fosse o único... Bem, fiquei com a impressão renovada de que Andy é um ser realmente celestial, não importa o quanto tente fingir que é apenas humano. E, obviamente, estar com ele esta noite fortalece esse sentimento. Não há nada no mundo que eu não faria por ele — suspirou. — Tenho total convicção de que ele passará para a História como um dos imortais. Creio que a Iluminação vai ser um divisor de águas na História da humanidade, e ao mesmo tempo será uma obra de arte magnífica, ainda maior devido à sua natureza transitória.

— É exatamente o que acho, Yiriko — disse Rosemary, inclinando para mais perto dele. — Eu disse isso a Andy; fico feliz em saber que você concorda.

— Ver *you* aqui esta noite me deixa ainda mais convicto de que ele... e você também... são divindades autênticas — disse Yuriko a Rosemary. — Estou falando isso de coração. Que mortal comum poderia compartilhar isto com sua mãe? — Gesticulou em volta. — Que mãe comum poderia compartilhar isso? — Ele sorriu para ela, ofuscante. — Os mitos crescerão ao redor de vocês. O que estou dizendo faz algum sentido?

Ela retribuiu com um sorriso igualmente ofuscante.

— Não. Não faz.

— Acho que é o *tannis* falando — disse ele, ainda sorrindo.

O *tannis*? — perguntou Rosemary.

O incenso — respondeu ele, apontando. — É derivado das folhas de uma planta egípcia da família da planta indiana cânhamo, a fonte da maconha.

— Bem que achei que estava ficando um pouco alta.

— Todo mundo está, a esta altura, mas mesmo quando não estou, considero você um ser celestial. E aqui estou eu... sentado à sua frente. Aos seus pés. — Yuriko inclinou a cabeça de cabelos lustrosos.

Rosemary engoliu em seco. Ele a surpreendeu beijando-lhe os dedos do pé. Foi a primeira vez, e não achou ruim.

Yuriko levantou a cabeça e ofereceu uma das mãos para ela, sorrindo.

— Venha dançar novamente — disse. — A próxima será divertida.

As figuras de robe formavam um círculo na penumbra iluminada por velas e anuviada pela fumaça pastel. Robes violeta e preto entravam no palco. Andy olhava para Rosemary.

Ela olhou para os próprios pés, mantendo o robe fechado com um braço enquanto Yuriko a ajudava a descer os degraus do anfiteatro. A música ficou mais alta — uma melodia coleante, um ritmo de tambor mais acelerado que o anterior.

Alcançaram a ponta do palco e ficaram cara a cara, ele ligeiramente mais alto que ela.

— Estou muito tentada, Yuriko — disse Rosemary. — Mas estou muito, *muito* cansada. Tive um dia *inacreditavelmente* longo.

Ele fez uma medida para ela e beijou-lhe a mão, tocando as costas de seus dedos.

— Que pendente bonito — disse Rosemary, enquanto ele se empertigava.

— É mesmo, não é? — concordou Yuriko, puxando-o do V de seu robe: um círculo de prata. Uma lágrima dobrada sobre si mesma, pendurada num cordão preto.

Ela se inclinou sobre a jóia para vê-la melhor em meio à penumbra.

— Tem algum significado especial?

— Não sei qual foi o propósito do desenhista; para mim, sugere a continuidade da vida, a continuidade de todas as coisas. — Solto o pendente, deixando-o bater contra o peito.

— E adorável.

Ele sorriu.

— Chamou minha atenção. Tenho outra resolução agora: convidá-la para jantar no Ano-Novo.

— E minha resolução é aceitar — disse Rosemary, sorrindo.

Sorriram um para o outro, enquanto ele caminhava até o círculo, fazendo medidas para ela. Rosemary procurou pelo robe preto de Andy. Nesta dança, ninguém estava usando capuz, e agora todos seguravam uma corda verde-clara ou uma vinha.

Nada de Andy, nada de robe preto. Mas violeta sim, entre os escuros. O tambor soou mais alto. Os integrantes da roda — ligados uns aos outros pelas vinhas — começaram a dançar ao ritmo do tambor, girando no sentido do relógio.

Depois de observar por um momento, virou-se e caminhou até a coxia, fez uma careta para se proteger da luz enquanto fechava a porta às suas costas. O som da música diminuiu de volume no alto-falante à sua direita.

Andy estava olhando para ela, sentado no sofá em seu robe preto, um *cookie* na mão.

— Pensei que você e 'Yuriko...

Ela balançou a cabeça, piscando. Atravessou a sala até a mesa de petiscos.

— Por que você não está lá?

Ele deu de ombros.

— Essa dança pode ficar um pouco obscena, e Diane deve ter abusado do rum. Eu ia pegar você, mas então a vi descendo com ele e achei... — encolheu os ombros. — Achei que devia esperar.

Ela pegou um punhado de *cookies*, caminhou até o sofá.

Ele se moveu para abrir espaço.

Rosemary sentou, colocando os *cookies* sobre a penteadeira à frente deles. Começou a comer um.

— Sabia que a *tannis* é da mesma família que o cânhamo? — perguntou Rosemary.

— Está brincando. Estou chocado. *Chocado*.

Ela o fitou.

— Não é à toa que você ficou viciado nessa coisa toda. Eu nunca, nunca, devia ter deixado você ir naquela primeira vez à casa de Minnie e Roman.

— Não estou viciado em nada — disse, virando para ela. — E não comece a se culpar. Você não tinha escolha.

Observou-a por um momento enquanto ela respirava fundo.

— Muitas mulheres teriam fugido na primeira oportunidade e me deixado com eles, ponto-final.

Ela suspirou.

— Algumas, acho.

— Muitas — disse ele.

Andy beijou a testa da mãe. Ela pousou a mão no ombro dele. Sorriram um para o outro.

Ele se virou e pegou uma coca-cola. Bebeu.

Ela esticou a mão. Andy lhe deu sua lata; Rosemary colocou-a nos lábios, bebeu. Devolveu a lata para ele, que a colocou nos lábios e bebeu.

Ela ficou sentada olhando para o peso de papel de prata de Sandy. Brilhava sobre os filetes de papel. Rosemary balançou a cabeça como se para clarear os pensamentos.

— Então, está satisfeita agora? — perguntou, colocando a lata sobre a penteadeira, recostando-se e segurando a mão de Rosemary. — Encontrou algum satanismo lá? Alguma bruxaria? Alguém a pressionou a fazer uma coisa horrível?

— Não... — disse Rosemary, empertigando-se no sofá. O tambor estava mais rápido, mais alto, através da porta. — Essa música também é de Hank?

— Não. É de algum grupo francês, acho.

Recostaram-se novamente, escutando a música.

Ele mudou a mão de Rosemary para sua outra mão, colocou o braço em volta dos ombros dela. Rosemary apoiou-se nele, suspirando. Fechou os olhos. Ele beijou sua testa. Sua bochecha. O canto de sua boca.

— Andy...

— Um beijo casto...



Enlevada pelos tambores numa onda de êxtase, Rosemary abriu os olhos para ver a si mesma no sofá, braços enlaçando as costas do robe preto de Andy, uma das mãos em seu cabelo, enquanto ele lhe mordia o pescoço. Fechou os olhos... Abraçou-o firmemente contra si, pele contra pele, os joelhos de Andy pressionando-lhe as coxas. Na música, um pássaro grasnou; ela olhou para o alto-falante e ao fazer isso viu uma placa. Sentiu um arrepio.

Ela a viu no teto espelhado — a única extensão azul-celeste em meio a todo aquele verde-musgo, um retângulo com letras pretas no meio.

Abaixo dele, uma lata vermelha amassada.

Preso no interior de uma cesta de vime pendurada de cabeça para baixo entre portas igualmente invertidas.

As letras na placa eram pequenas e estavam a uns cinco metros de distância, mas Rosemary leu-as rapidamente — afinal, formavam uma palavra muito conhecida, e bastante popular nos jornais ultimamente —, e no mesmo instante percebeu tudo que lhe escapara por em meio à névoa de *tannis*: o pendente de Yuriko, os braceletes, a poncheira, a xícara que ela segurara e da qual bebera. A placa deixou tudo claro como cristal: TIFFANY & Co.

A cabeça de Andy se levantou, olhos de tigre, chifres à mostra.

— Pensei que estava pronta — disse ele, o tambor batendo, o pássaro

grasnando.

Ela balançou a cabeça.

Andy deslizou para mais perto dela, uma perna apoiada no chão. Rosemary empurrou a cabeça dele.

— Não — disse ela. — Andy, quero ficar sozinha, só por uns minutos.

Ele se levantou, apoiando-se num joelho, olhando para ela, seus olhos meio castanho-claros, os chifres afundando em sua testa.

— *Agora* — disse ele.

— Por favor.

Ele respirou fundo. Levantou do sofá, fechando o robe.

— Como quiser, Srta. Garbo. — Amarrou o cinto, apertou-o. Sorriu com os olhos meio castanho-claros fixos nela, fronte lisa. — Não vai fugir de mim, vai?

— Não. Eu só preciso... ajustar meus pensamentos. Alguns minutos. Por favor.

Ele assentiu, pegou um biscoito e caminhou até a porta para o palco. Abriu-a. Batendo palmas em sincronia com o tambor, saiu, deixando a porta fechar sozinha.

Ela se sentou, fechando o robe. Colocou os pés sobre o tapete, balançou a cabeça, segurou-a. Respirou fundo, expirou. Respirou fundo de novo. Balançou a cabeça.

Pegou a lata, balançou-a, bebeu.

Largou-a e pegou o peso de papéis, sopesando o bloco de prata e verificando seu fundo. Colocou-o no lugar.

Levantou e caminhou até a cesta de lixo, fechando o robe, amarrando o cinto.

Pegou o folheto preso no vime da cesta.

Um folheto triplo de papel lustroso com TIFFANY & Co. grafado em preto sobre sua face azul-celeste. Na parte interna — afastou o papel dos Olhos Cegos — foi parabenizada em itálico por sua compra de um isqueiro da Tiffany, e informada de que o departamento de reparos teria prazer em recebê-la caso fosse necessário qualquer serviço. O folheto também mostrava fotos de cigarreiras de ouro e prata no mesmo padrão.

William fumava cigarros, Craig fumava charutos.

Caminhou até o vestuário masculino.

William se vestira casualmente: *blazer* azul com *um button* dourado EU Y ANDY, camisa cinza. O isqueiro de ouro estava na prateleira, cigarreira combinando em um dos bolsos internos do *blazer*.

Outro isqueiro de ouro jazia na prateleira de Craig, juntamente com um charuteiro de prata. Ouro não combina com prata. Que vergonha.

Relógios de ouro com mostradores múltiplos da Tiffany jaziam em duas das prateleiras, um com o manual de instruções ao lado.

Ela retornou. O alto-falante estava emitindo o que poderia ser a trilha sonora de *King Kong*. Seguiu até o camarim feminino, segurando o folheto.

Despiu apressada o robe e vestiu as próprias roupas, tentando não tremer; enfiou o folheto no bolso e tirou a lanterna.

No caminho checkou o relógio de ouro cravejado de jóias de Diane. *Cartier*. Não se pode vencer todas.

Desceu correndo a espiral escura e seguiu o disco de luz ao longo do corredor de vinil verde-musgo.



Na manhã de Natal, Rosemary ligou para Joe e lhe disse que passara a noite inteira acordada e estava com uma puta dor de cabeça; será que podiam se encontrar um pouco mais tarde?

Joe ficou desapontado, mas se mostrou compreensivo. Também tivera uma noite ruim. O trem de volta ficara impedido durante horas; ele só conseguira chegar em casa depois das três da manhã.

— Ah, eu lamento — disse Rosemary. — Como foram as coisas?

Um suspiro.

— Não sei... Ela é muito gentil, mas me passou a impressão de que é uma pessoa manipuladora, a despeito de sua orientação sexual... E ainda acho que é velha demais. A missa foi boa?

— Sim. Conversamos mais tarde, tá?

Ligou para Andy. Ouviu a mensagem de sua secretária.

Discou o número, falou com o *chip*.

Bebericou café na mesinha, passando a vista na primeira página do *Times* — o desastre em Quebec, sessenta e seis mortos, ocupando a metade superior da folha; abaixo da dobra, em boxes, notas sobre os preparativos para as festas da Iluminação na Casa Branca e na Mansão Gracie.

O telefone tocou; ela atendeu.

— Antes que você diga qualquer coisa...

— Não. Antes que *você* diga qualquer coisa. Desça aqui. Tem dez minutos. E não se dê ao trabalho de trazer presentes de Natal. — Ela desligou.



Ele chegou em menos de nove. Trim. Mas só podia ser ele, por causa do aviso de “Não Perturbe” na maçaneta.

— *Entre!* — comandou Rosemary, parada diante da mesa do Jogo das Palavras e da janela com os braços dobrados, com o vestido azul cobalto que usara na noite que viera à sua suíte no Waldorf, mas sem o *button* EU **Y** ANDY. Uma diretora fora sua mentora na CBS.

Andy olhou para ela e balançou a cabeça, expirando, enquanto fechava a porta atrás de si. Atravessou o vestíbulo — e viu o folheto da Tiffany e a placa della Robbia na mesinha de café, seus tons de azul quase combinando, a placa sendo um pouco mais escura.

— Ei, espere um pouco — disse ele, caminhando até os objetos. Dava para acreditar no sujeito? O Sr. Limpeza em pessoa, numa calça *jeans* nova e um

suéter branco neve da GC, recém-saído do chuveiro, cabelo ainda úmido, sem tempo para usar secador.

— Não acha que está exagerando um pouco? — perguntou, virando-se para ela, os brancos de seus olhos castanho-claros no mesmo tom que o suéter. Grande força de vontade; tal pai, tal filho, não havia dúvida. — Deixe *disso* — disse ele. — Você parou a gente antes do grande momento, não foi? E éramos *nós dois*, não apenas *eu*, portanto, nada de joguinhos... — Ele respirou fundo, sorriu para ela. — Olhe, nós dois cheiramos a *tannis*, nós dois bebemos a gemada... — Expôs as palmas, deu com os ombros.

— De canecas da Tiffany — disse Rosemary.

Ele pareceu intrigado. Perfeitamente convincente.

Ela apontou para o folheto.

Continuou se fazendo de bobo, olhando para o folheto, olhando para ela... exatamente como faria um ator interpretando Jesus Cristo.

— Andy — disse Rosemary. — Há uma boutique inteira lá em cima. A poncheira, as canecas, mais braceletes, relógios, isqueiros, cigarreiras...

Ele pôs a mão na testa, fechou os olhos.

— Santa merda, Rosemary...

Persuasivo. Era quase possível acreditar que ele não sabia.

Caminhou até ele e segurou os ombros brancos como a neve com as mãos — o mais forte que pôde, o bastante para fazê-lo demonstrar surpresa sincera; ele segurou os ombros dela, fitou-a.

— Olhe bem nos meus olhos... com seus olhos verdadeiros, por favor... e me diga que seu círculo de feitiçaria, cúpula da GC ou quadrilha não matou a Judy.

Seguraram um ao outro, pulsos e ombros, com olhares penetrantes.

Ela fitou as pupilas verticais.

— Vamos — disse Rosemary. — Diga “não, mãe, não foram eles, foram cinco outras pessoas”. Vamos. Essa é a sua fala. Diga.

Fitou-a com seu olhos de tigre, lábios comprimidos.

— Vamos — repetiu Rosemary, apertando os ombros do filho com mais força, inclinando-se mais sobre ele. — Diga isso e vamos ter nosso grande momento neste exato minuto. — Apontou com a cabeça para o quarto.

Andy empurrou as mãos de Rosemary.

— *Sim, eles fizeram!* — deu-lhe as costas, se afastou. — Mas não foi ideia minha! Não sou um agente livre! — Ele se virou. — Eu tenho mecenas. Você sabe disso. Já parou para pensar quanto dinheiro eles puseram na Iluminação? Esqueça as fábricas, a distribuição. Pense nos comerciais, especiais e fazer com que sejam vistos por todo o mundo. *Todo o mundo!* — Aproximou-se dela, seus olhos ainda tigrinos. — Estamos falando de nativos da tribo bantu no Serengeti! Cidadãos da Mongólia! Lugares onde tivemos de abrir estradas para levar geradores para mostrar-lhes a primeira TV que eles viram na vida! *Bilhões de dólares! Bilhões!* — Respirou fundo. — Eles não queriam... arriscar a coisa toda.

— Andy, as coisas mudaram muito, mas desde quando os anjos ditam as ordens? *Você é o produto, você é a estrela, você...*

Ele soltou uma risada rouca.

— Meus anjos não são anjos, mãe! — fez uma pausa. — São homens de negócios, altruístas, mas implacáveis quando se precisa proteger um investimento. Veja, está *feito*. — Aproximou-se dela, seus olhos ainda tigrinos. Rosemary cruzou os braços. — O que você quer que eu faça? Realmente passei mal no carro, não estava fingindo aquilo. E *ninguém* lhes disse para fazer *daquele* jeito. Foi Diane! Ela é doida. Trinta e cinco anos na Theatre Guild, e o mundo inteiro é um palco! Ela é capaz de esmagar Craig com o dedinho. Ela late, e todo mundo obedece.

Mas foi você quem mandou que eles fizessem — disse Rosemary. — Foi você quem os tornou *capazes* de fazer isso, da mesma forma que tornou Hank capaz de caminhar.

Ele respirou fundo. Assentiu.

— Não é a mesma coisa, mas é parecido. Sim. Sou o responsável. Sim. Eu não tinha escolha. — Caminhou até a mesinha de café, respirou fundo e olhou para o folheto e para a placa. Enfiou as mãos nos bolsos.

Rosemary permaneceu parada com os braços cruzados, observando-o.

— Estou me mudando de volta para o Waldorf.

Andy se virou, seus olhos ainda tigrinos.

— Mas *mãe*...

— Não vou ficar aqui. Pedirei emprestado o que preciso de um banco até conseguir colocar o programa *Novos Olhos* no ar. Tenho certeza de que a minha previsão de audiência é fantástica.

— Então peça emprestado e permaneça aqui.

— Não. Eu não sei o que acontecerá quando a investigação começar. Nem quero *começar* a pensar no que direi quando me interrogarem, mas quero manter distância entre nós dois daqui em diante, Andy.

Ele respirou fundo, expirou, assentiu. Baixou a cabeça.

— Por outro lado, não quero colocar a Iluminação em risco, embora não seja tão fanática pela coisa quanto esses seus não-anjos. Acho melhor não lidarmos com um monte de perguntas embaraçosas nesta semana, não quando tudo correu tão bem na Irlanda e as pesquisas estão tão promissoras.

Andy levantou a cabeça, olhando para ela, seus olhos começando a se tornar castanho-claros de novo.

— Assim, vou esperar até o próximo sábado para me mudar — disse Rosemary. — Primeiro de janeiro. Mas eu realmente não quero vê-lo, Andy, não até... até as coisas entrarem nos eixos em algum momento.

Andy ficou parado olhando para ela com seus olhos castanho-claros; ela se virou para a mesinha de café e para a janela.

— Nós vamos... acender nossas velas juntos?

Rosemary permaneceu em silêncio por um momento.

— No parque?

— Não. Se formos lá, não iremos ao Madison Square Garden, à Igreja Batista Absínia e a todos os outros lugares. E não quero fazer nada político... Talvez o melhor que possamos fazer é ficarmos simplesmente lá em cima, na minha casa. E Joe também. Eu não esperaria que você viesse sem ele. Poderemos ver o espetáculo inteiro lá na Sheep Meadow, desfrutando de uma visão de passarinho. Além disso, tenho uma sala de mídia maravilhosa; você já deve ter visto as fotos. Lá poderemos assistir a tudo que estiver sendo colocado no ar em todas as emissoras. Será realmente a melhor forma de termos uma visão geral do acontecimento como um todo.

Rosemary se virou. Respirou fundo.

— Avisarei você.

Andy assentiu. Virou-se e caminhou até o vestibulo.

— Leve o della Robbia — disse Rosemary.

— Mas *mãe*... — Ele se virou.

— Leve, Andy. Foram eles que o compraram, não foi você. E eu realmente não quero ele... não importa qual de vocês tenha dado.

Andy caminhou até a mesinha de café, pegou a placa com uma das mãos, enfiou-a no bolso como se fosse um livrinho e caminhou de volta até o vestibulo. Saiu e fechou a porta.

Ela expirou, descruzou os braços.



Rosemary começou a pingar seu café — chegou a inclinar o bule de prata falsa sobre a xícara, derramando um pouco de leite —, mas acabou decidindo pegar uma xícara limpa na bandeja e enchê-la quase toda com café puro, sem adoçante.

Começou a caminhar para a frente e para trás entre o vestíbulo e a mesa com o Jogo das Palavras...

Lentamente, segurando a xícara com as mãos...

Olhou para o jogo, bebericando, testa franzida...

Engraçado, estranhamente engraçado, a forma como Andy rira ao dizer que eles não eram anjos. Decerto não eram, esses plutocratas que optaram pelo assassinato para defender uma causa nobre. Dificilmente algo que seria escrito nos livros de história.

Onde a GC encontrara altruístas suficientes para doar *bilhões*? Teriam milhares contribuído com milhões de dólares? Ou centenas teriam doado multimilhões? Rosemary nunca tentara estimar o custo total da produção da Iluminação, isso sem falar nos outros projetos da GC.

Andy falava sobre a Iluminação como se ela fosse seu primeiro e único projeto, o começo e o fim. Naturalmente ele a via dessa forma agora, faltando uma semana de sua realização...

Rosemary bebericou seu café, caminhando...

Por que ela não se encontrara com nenhum desses grandes mecenas? Ela conhecera pessoas que doavam milhares de dólares anualmente... em festas em Nova York e na Irlanda, e na casa de Mike Van Buren no Dia de Ação de Graças. O Christian Consortium de Rob Patterson, ela sabia, era um contribuinte significativo, mas multimilhões? Ela não tivera essa impressão. Talvez alguns milhões no total, durante os últimos três anos.

Será que pelo menos alguns dos maiores doadores não teriam querido encontrar-se com ela? Ou será que Andy não permitira isso?

Só aquele velho francês, René, no aeroporto, e talvez o homem que estivera com ele; seus apertos de mão e poucas palavras tinham sido todo o contato de Rosemary com os anjos não-angelicais da GC. Andy decerto comera o pão que o diabo amassou ao falar com René no telefone na manhã em que Rosemary chegara sorrateiramente ao seu escritório. Andy soara como se estivesse muito acostumado a acalmar, ou tentar acalmar, o velho...

Rosemary parou no centro da sala.

Ficou imóvel por um momento. Engoliu em seco.

Fechou os olhos, colocou uma das mãos na testa.

Respirou fundo e abriu os olhos. Virou-se para a mesinha de café. Caminhou até ela, inclinou-se, colocou a xícara sobre a mesa com uma mão trêmula, puxou o *Times* para sua frente.

Ficou parada, olhando para a primeira página.

Virou, esfregando a testa. Caminhou lentamente até a mesa com o Jogo das Palavras. Sinos de igreja começaram a tocar.

Ficou parada olhando para o jogo, a luz refletindo na toalha de mesa branquíssima ofuscando-lhe a vista. Olhou para as peças na mesa.

Não as dez.

O restante, as outras noventa e duas, quase todas postas de lado com as faces voltadas para baixo.

Tocou uma peça, arrastou-a através das outras sobre o tampo de madeira polida. Deixou-a lá — um B. Enquanto os sinos tocavam *nasceu em Belém...*

Tocou outra peça, arrastou-a também, colocando, ao lado do B, um I. E um O...

Me dê um Q...

Me dê um U...

Me dê um I, M, I...

Não viu o outro C. Não procurou.

Voltou até a mesinha de café, pegou o telefone, discou um número, — Oi, Joe. Um pouco melhor. Podemos nos encontrar agora? Em algum lugar onde possamos falar, mas não aqui, estou cheia desta torre. Vou até aí. Já vi pocilgas antes; não vou desmaiar.

Ela suspirou.

— Onde é aquele restaurante chinês? Vai estar vazio hoje.

Ela ouviu Joe.

— Não me importo. A comida é boa, não é? Onde fica?



— É uma pocilga — dissera Joe. — Na Nona Avenida, um restaurante decadente de vinte mesas com vitrais nas janelas e ventiladores de teto, decorado por Edward Hopper.

Numa cabine lateral, uma das duas mesas ocupadas, brindaram à data e trocaram presentes. O dele era um livro grande e belissimamente encadernado que ela encontrara na loja Rizzoli do hotel — fotografias e plantas de carros italianos clássicos, incluindo seu Alfa-Romeo.

Oh, isto é tão *bonito*! — disse, virando as páginas pesadas. — Eu nem sabia que existia um livro como esse! *Bello! Bellissimo!* — Inclinou-se sobre a mesa e a beijou.

O presente de Rosemary era um broche de ouro EU Y ANDY com um coração em rubi. Van Cleef & Arpeis.

Ela suspirou.

Não devia... — disse, inclinando-se sobre a mesa para beijá-lo. — Adorei. Obrigada, Joe. — Espetou o broche na suéter, enquanto ele e a garçonete recolhiam os embrulhos e ele fazia o pedido para os dois, sem usar o cardápio.

— Qual é o problema? — perguntou Joe depois que a garçonete tinha saído.

— Algo realmente pesado — disse Rosemary. — E não quero preocupar Andy com isso.

— Uma ameaça?

— Pode dizer que sim. — Ela fitou seus olhos. — Judy fez alguns comentários que me fizeram pensar... agora que eu sei quem ela era, e agora que

essas coisas aconteceram em Hamburgo e no Quebec... concluí que o grupo de Judy pode ter sabotado as velas. Ou um grupo no Extremo Oriente com o qual eles tenham conexões.

Ele se recostou na cadeira. Piscou algumas vezes, olhou para ela.

Sabotagem nas velas da Iluminação — disse Joe.

Ela assentiu.

Os acidentes podem ter sido casos em que alguém acendeu uma vela mais cedo, ou talvez uma loja ou casa tenha incendiado com velas dentro.

Joe continuou olhando para ela.

— Está dizendo que foram as primeiras duas vezes? — Elas estão espalhadas pelo mundo há meses e essas foram as primeiras duas vezes que alguém as acendeu ou elas queimaram?

— Talvez tenha algum tipo de temporizador embutido nas velas. Não entendo nada de bioquímicos, mas tenho certeza de que isso tem alguma coisa a ver com eles. Cada vela é dividida em duas partes, certo? A azul e a amarela? Talvez elas sejam mais complicadas que isso. Talvez algum tipo de elemento químico as mantém seguras ou inofensivas até um certo momento, e em algumas das velas o temporizador disparou prematuramente. E algumas dessas poucas estivessem em Hamburgo e Quebec...

Olharam um para o outro. Beberam suas cervejas.

Joe sorriu de lado para Rosemary.

Tem certeza de que isso não é um caso crônico de ansiedade? Você é a mãe de Andy, você quer que tudo corra com perfeição absoluta...

— Pode ser. Espero que sim. Mas talvez seja mais; *precisamos* checar isso, Joe. Conhece alguém que possa? Não no Laboratório da Polícia ou no FBI. Alguém particular, um químico forense que faça trabalho de consultoria. Alguém assim. Com acesso a equipamentos modernos...

— Judy disse mesmo alguma coisa? — perguntou Joe. — Ou isso foi uma visão?

Ela olhou em outra direção, permaneceu em silêncio, olhou de volta para ele.

— Um pouco das duas coisas.

Ficaram mudos, enquanto a garçonete dispunha pratos à mesa e um par de pauzinhos, e servia bolinhos de carne.

Os dois comeram, ele com os pauzinhos, ela com um garfo.

— Não estão ótimos? — perguntou Joe.

— Humm... — respondeu Rosemary, comendo.

— Esta é a pior época do ano para fazer *qualquer coisa* — disse Joe. — Ainda mais quando se trata de algo tão complicado; todo mundo está de férias. A Faculdade de Medicina de Nova "York está fechada, e é lá que trabalha a primeira pessoa que me vem à mente, um colecionador de carros clássicos. Se ele mesmo não puder fazer isso, deve conhecer alguém que possa. Só que provavelmente está esquiando em Aspen ou em algum outro lugar, com a mulher e os filhos. Olhe, se você está falando mesmo sério, devíamos ir ao FBI. Conheço gente no escritório daqui, e eles têm os equipamentos necessários em Arlington para fazer o trabalho direito e rápido.

Rosemary balançou a cabeça.

— Não quero envolver Andy numa... investigação. — Cobriu a boca com a mão, os olhos lacrimejando.

— Ei, ei, o que é isso... — Joe esticou a mão sobre a mesa, deu-lhe um tapinha no ombro, nas faces. — Andy não estaria envolvido. Não se for coisa ruim. Tenho certeza de que ele seria o primeiro a...

— *Eu não quero ir ao FBI* — disse Rosemary. — Talvez você esteja certo. Talvez eu esteja... ficando alucinada, e não quero abrir uma lata cheia de vermes. Por favor, Joe!

Permaneceu sentado, expressão preocupada no rosto, vendo Rosemary passar um lenço de papel nos olhos.

— Certo — disse ele. — Entrarei em contato com esse meu amigo hoje à

tarde. Ele está envolvido em *algo* que tem a ver com bioquímica. Chama-se Dr. George Stamos. Uma de suas assistentes de laboratório estava fazendo planejamento de medicamentos lá no laboratório, até ser morta pelo namorado. Em 1994. George tem dois Alfas, mas eles nem chegam aos pés do meu.



Joe ligou para ela por volta das cinco da tarde. A família Stamos viajara, mas sua mensagem na secretária eletrônica dizia que voltariam segunda de manhã.

— Eu não disse por que estava ligando. Ele vai pensar que estou pronto para vender o carro, e serei a primeira pessoa para quem irá ligar. De qualquer modo, você não tem como esperar realisticamente conseguir alguma coisa antes de segunda-feira. Mas Rosie, quanto mais eu penso no assunto... Se Hamburgo foi uma amostra então você está falando de alguma coisa que talvez pudesse varrer toda a raça humana. *Ninguém* é tão louco a esse ponto.

Ela respirou fundo.

— Espero que você esteja certo, Joe. Obrigada por me ajudar.

— Não tem de quê. Espero que você se sinta melhor logo.

Ela voltou a ler um livro de bolso que comprara à tarde na Doubleday da Quinta Avenida: *Bioquímica: A faca de dois gumes*. Está no capítulo sobre gases nervosos e vírus comedores de carne.

A família Stamos voltou de viagem na segunda de manhã — todos, exceto George, que estava num hospital em Zurique, na tração. Joe conseguiu seu telefone com Helen Stamos depois de explicar que o assunto envolveria um favor para Rosemary, e não carros. Contudo, só conseguiu telefonar na manhã de terça devido à variação do fuso horário.

Essas foram as más novas que ele deu por telefone a Rosemary na tarde de terça-feira. As boas foram que George pensara na hora no homem certo para o trabalho, um colega seu do laboratório em Syosset, Long Island, que trabalhava como *free-lance* em investigações de crimes. Joe falara com o homem, dizendo-

lhe que ele mesmo, como funcionário da GC, ouvira um rumor sobre sabotagem de velas que queria checar apenas para manter sua paz de espírito; era quase certo que não fosse nada, mas, ainda assim...

— Ele vai verificar algumas velas. Amanhã de manhã ele saberá se são normais ou não.

Você falou sobre “bioquímicos” com ele? — perguntou Rosemary.

— Sim. Ele diz que não é impossível, mas que se um bando de AP conseguisse isso, seria uma façanha e tanto.

Rosemary viu TV, trocando de um canal para outro — sendo recordada o tempo inteiro, pelo próprio Andy, em comerciais de dez e trinta segundos, o quanto a Iluminação seria comovente e inspiradora, e como era fabuloso que toda a raça humana participasse desse acontecimento glorioso, simbólico e artístico, e que a hora de abrir as velas e acendê-las aqui nesta área seria *sete da noite da próxima sexta-feira*, simplesmente faça isso junto com a TV, qualquer canal, e não perca os preparativos começando às seis, e não se esqueça, mantenha fora do alcance das crianças.

Andy piscou para ela.

— Já não aguenta mais ouvir isso, certo? — Ele riu. Ela não. — Certo, mas é *muito* importante. Eu lhe peço o *favor* de providenciar para que todos que você conhece acendam as velas ao mesmo tempo; você fará isso por mim? Obrigado. Eu amo você.

Rosemary se perguntou se havia alguma coisa que ele dissesse, alguma coisa que ele projetasse, à qual ela era imune devido ao seu parentesco. Não parecia menos impossível que gases que podiam transformar uma pessoa em geléia em quinze minutos.

Joe conseguira lugares privilegiados na matinê de quarta-feira para o primeiro grande sucesso da temporada na Broadway, um *remake* de um musical fracassado de 1965 para o qual, ironicamente, Guy fizera testes nos dias felizes antes de se mudarem para o Bram, quando ainda viviam em seu apartamento de um quarto na Terceira Avenida. O espetáculo era encantador, como ela considerara na época, mas ela teve muita dificuldade em se concentrar no primeiro ato; Joe ainda não recebera notícias do laboratório em Syosset.

Ele foi telefonar para sua secretária eletrônica durante o intervalo. Rosemary sorriu e assinou alguns autógrafos para pessoas sentadas à sua volta, e em seguida começou a ler sua revista *Playbill*.

Joe só voltou depois que as luzes do teatro estavam apagadas e a *overture* tinha começado.

— Normais — sussurrou ele, sentando na poltrona ao lado.

Rosemary fitou-o com olhos arregalados. Ele assentiu.

— Completamente normais. Sem bioquímicos. Nem mesmo perfume.

— Psiu! — exprimiram atrás deles.

Rosemary também teve dificuldade em se concentrar no segundo ato, mas aplaudiu fervorosamente no final e se juntou a Joe na salva de palmas em pé.

Correram até um bar ao lado e encontraram uma mesa num canto escuro.

— Ele analisou tudo — disse Joe. — A cera, o pavio, o vidro. Quatro velas... duas daqui, uma de fora do estado, uma de fora do país. Cem por cento normais.

— Você falou com ele? — perguntou Rosemary.

— A mensagem estava na secretária eletrônica. Ele vai mandar depois o relatório por escrito.

— Ufa! — desabafou Rosemary. — Isso que é alívio!

— Só tem uma coisa — disse Joe. — Odeio mencionar isso, mas não é conclusivo. Não esqueça que há quatorze fábricas fazendo essas velas. Pode ter havido sabotagem numa delas, ou em algumas, e as velas analisadas pertencerem a outra fábrica.

— Não... a minha impressão era de que *todas* tivessem sido afetadas.

— Todas? Em todas as quatorze fábricas? Realmente pensou isso?

Ela sorriu, encolheu os ombros.

— Um caso crônico de ansiedade — disse Rosemary.

O garçom trouxe-lhes o Gibson de Rosemary e o Glenlivet de Joe.

— Saúde — disseram. Fizeram tim-tim e beberam.

— Muito obrigada, Joe. Estou tão grata a você! — Beijou-o.

— Onde vamos acender nossas velas?

— Na casa de Andy. Acho. Nós três. Você se importa?

— Por que me importaria? Não há lugar melhor—sorriu para ela. — Perguntei onde vamos acender as *nossas* velas.

— Certo — disse ela, sorrindo de volta para ele.

— Que tal pegá-la às seis e subirmos juntos?

— Justo o que eu tinha em mente.

— Feliz Ano-Novo — desejou Joe. Trocaram um beijinho nos lábios. — Chame-me de romântico, mas estou feliz por ter esperado. Vai ser uma véspera de Ano-Novo maravilhosa.



Mas o que lhe dera na cabeça? Andy pode ter deixado os mecenas obcecados da GC obrigá-lo a ordenar o assassinato de Judy — pelo qual jamais poderia haver qualquer perdão ou esquecimento, definitivamente, não —, mas pelo menos eles eram isso, mecenas obcecados cujo objetivo era fazer o bem, não seu velho “pai”, usando-o para gerar um Apocalipse instantâneo.

Ela tomou um banho longo e quente. Finalmente teria uma boa noite de sono. Fazia semanas desde a última, com a viagem e depois o problema com Judy...

Pedi chocolate e *petits fours* pelo serviço de quarto; bebeu e comeu entre travesseiros de seda, observando os preparativos para a Iluminação numa sala de

aula na Argentina, na Academia da Força Aérea, numa torre de petróleo no mar do Norte.

A única coisa que a incomodava, enquanto trocava de canal e se espreguiçava em seu casulo de seda, era um sentimento de que Andy estava chamando por ela — como da vez que a cabeça dele ficara presa entre as barras do berço e chamara por ela sem poder gritar.

Esticou um braço e pegou o telefone — vivo e zumbindo; colocou-o de volta no gancho. Espreguiçou-se na seda.

Sabia muitíssimo bem que era ela mesma chamando por ele.

Devia ter tomado um banho frio, não quente.

Mãe! A voz dele, em dor, acordou-a. A luz do dia insinuava-se pelas bordas da cortina.

Ela se concentrou para escutar.

Sentiu-o, com menos força, mas decerto não o *ouviu* novamente.

Recusou-se a se deixar convencer a telefonar para ele. Depois do desjejum, foi ao *spa* e exercitou-se na bicicleta ergométrica, pulou corda e nadou — a água batendo nas paredes espelhadas abafando todos os outros sons.

O sentimento incômodo esvaneceu enquanto ela comia um sanduíche na sala de estar, assistindo à Iluminação finalmente tornar-se real — e muito mais portentosa do que ela previra.

Toda a programação regular fora suspensa. Cada canal emitia a música da Iluminação, a logomarca da Iluminação, a contagem regressiva da Iluminação num dos cantos da tela: 30:44:27, segundos escoando, minutos derretendo. Cada canal mostrava velas da Iluminação, embrulhadas em plástico dourado e azul-celeste, sendo colocadas em mesas e balcões, e bandeiras da Iluminação sendo içadas.

No *campus* de Princeton. Numa prisão feminina em Hong Kong. Num cassino em Connecticut, num hospital em Chad, a bordo do QEZ. Numa loja de departamentos em Oslo, numa creche em Salt Lake.

Comentaristas conversavam entre si sobre a beleza e o significado da Iluminação, e sobre toda a discórdia, dor e sofrimento que estaria escurecendo o planeta neste marco cósmico se não fosse, graças a Deus, por Andy, Filho de Rosemary, guiando-nos para o ano 2000 como Uma Humanidade, Revigorada e Renovada.

Repórteres enfiavam microfones nas bocas das pessoas e faziam perguntas — numa fábrica de sapatos boliviana, numa comunidade hassídica em Nova York, num corpo de bombeiros em Queensland, Austrália. Na praça de São Pedro, numa estação do metrô de Pequim, na Disneylândia, com Mickey e Minnie balançando velas embrulhadas em plástico.

Andy provavelmente estava assistindo lá em cima. Rosemary suspirou. Deviam estar juntos, apesar de tudo. A noite do dia seguinte, quando assistisse ao evento com ele, seria o momento mais importante de sua vida.

Surfou pelos canais, bebeu um gole de coca-cola, folheou o livro sobre bioquímicos, enquanto as notícias prosseguiam na TV. Mombasa, Iraque, Tibete, Yucatán...

Cada pessoa no mundo acenderia velas comuns e seguras da GC!

Os Amish *gostaram* da TV, declararam ao falar no microfone a respeito de Andy, Rosemary e a Iluminação.

Mesmo os malucos esperando ser abduzidos por extraterrestres em OVNI's acenderiam suas velas antes de deixar o planeta Terra. Haveria tempo suficiente, explicou uma mulher liderando um contingente californiano de trezentas pessoas; Nostradamus previra que eles seriam abduzidos no *segundo* minuto do ano 2000, não no primeiro. Dois combina com dois, não percebe?

$$6 + 6 + 6$$



Ligar para ele na manhã de sexta-feira era razoável; precisava combinar o encontro porque não lhe dera um sim definitivo. E não tinha mais a impressão de que Andy estava chamando por *ela*; Rosemary finalmente desfrutara de uma boa noite de sono. E um desjejum bem gostoso, com melão, café e *croissants*, ali em seu casulo de seda. Maria, que trouxera a bandeja, estava mais empolgada que ela.

— Tenho a sensação de que vou casar com *todo mundo* esta noite! — dissera Maria, rindo, abrindo as cortinas para revelar um céu limpo.

Rosemary discou o número normal de Andy e esperou durante sua mensagem, assistindo aos bastidores dos preparativos da Iluminação no Metropolitan Opera House: -9:37:17.

— Andy? — disse Rosemary. — Quero conversar com você sobre esta noite.

Aguardou, assistindo à cena no Yankee Stadium.

Bip, tom de discagem.

Digitou o número, falou com o *chip*.

Sentiu-se bem por fazer isso. Deu uma olhada nas palavras cruzadas e se sentiu ainda melhor; lá estava ela — vertical, *mãe famosa*, oito letras. A Iluminação era o tema do dia, naturalmente, e o resto do quebra-cabeça — exceto horizontal, *filho famoso*, quatro letras — era bastante difícil, o desafio usual de sexta-feira. Levou quarenta minutos para terminar.

Ele não tinha ligado.

Ela discou o número novamente, falou com o *chip*, ouviu as opções de números diferentes.

Se você quiser apenas passar uma mensagem para Andy, pressione dois.

Ela pressionou dois.

— Por favor, grave agora sua mensagem para Andy. — Bip.

— Oi — disse Rosemary. — Quero conversar sobre esta noite. Joe vai me pegar às seis horas. E o que você estava imaginando? Ligue logo, viu? Tenho hora marcada com o cabeleireiro às onze e meia da manhã.

Ela aguardou.

— Obrigada, Rosemary. Andy receberá logo sua mensagem. Desligue agora.

Andy ainda não tinha ligado quando Rosemary saiu.

Quando ela voltou à suíte, havia dezenas de mensagens na linha regular e uma na linha particular.

— Oi. Você sabe onde aquele seu filho se meteu? — Diane. — Não tenho notícias dele desde terça-feira e não paro de receber telefonemas. Ele *precisa* retribuir alguns telefonemas... como os do papa e do presidente. Eu nem sei onde vocês acenderão suas velas. Presumo que estarão no parque com o resto de nós. Peça a Andy para ligar para mim, ou me telefonar caso saiba o que está acontecendo? E adivinha quem está escrevendo poesia *haiku* sobre você! Tchau.

Ela apagou a mensagem.

Ligou a TV. Comentaristas. Contagem em -4:14:51.

A arrumadeira deixara uma bolsa de plástico pendurada na maçaneta da porta. Rosemary rasgou a bolsa, libertando a saia de crepe azul-celeste, e estendeu-a sobre a cama. Sua blusa de seda dourada e as sandálias douradas também estavam empacotadas. Rosemary fez o mesmo com elas. Embolou as bolsas de plástico e jogou-as na cesta de lixo.

Ficou parada, testa franzida. Procurou seu cartão no bolso das calças.

Colocou os óculos escuros e o lenço.

Caminhou até o *hall* — cheio e barulhento — e, mantendo a cabeça baixa, contornou a esquina dos elevadores até a porta com a placa SOMENTE PARA PESSOAS AUTORIZADAS; correu seu cartão pela fechadura e abriu a porta.

Passou o cartão no elevador também; as portas abriram-se, a cabine já ali — sugerindo que Andy havia descido. Talvez ele não tivesse sofrido um ataque cardíaco e morrido depois que ela ignorara seus pedidos de ajuda, afinal.

Entrou na cabine, virou-se, segurou firme, pressionou o botão 52. O elevador subiu zunindo, os andares 8-9-10 passando velozmente. Tirou os óculos e o lenço, soltou o cabelo, mexeu a mandíbula até os ouvidos pipocarem.

Recordou a última vez que estivera ali, encarando seu queixo barbado, subindo com ele rápido como num foguete, mais rápido do que era do seu agrado.

O número 52 brilhou em vermelho, enquanto a cabine reduzia sua

velocidade; as portas abriram.

O céu ao fundo da varanda decorada em preto e bronze estava cinzento, escurecendo prematuramente às três da tarde, as nuvens ficando cada vez mais pesadas sobre o distante bairro de Queens. Mais neve a caminho?

— Andy? — chamou, enquanto o cilindro de bronze fechava-se atrás dela.

Uma mulher falou, uma voz familiar e fluente, no fundo, à esquerda: —... com nossa cobertura contínua da Iluminação. Faltam apenas quatro horas agora, e em toda parte, em todas zonas de tempo, as pessoas estão sentindo uma atmosfera de solenidade...

— Andy? — chamou, seguindo a voz até uma porta entreaberta. Imagens de TV brilhavam e mudavam na parede lateral do aposento. Podia ver quatro telas de TV grandes, partes de duas telas mais próximas, e três ao fundo. — Andy? — chamou, juntamente com algumas crianças numa sala de aula na tela. Empurrou a porta completamente, olhando para a outra extremidade do quarto.

Andy estava pregado na parede. Palmas ensanguentadas, trespassadas por pregos, braços estendidos, a cabeça pendendo. Usava um suéter branco da GC e calças *jeans*, imprensado de pé entre a madeira escura da parede e as costas de um sofá de couro preto empurrado contra seu corpo.

Rosemary fechou os olhos, cambaleou, segurou a maçaneta da porta.

Olhou novamente em meio à luz tremeluzente para — não era uma visão — Andy crucificado, pequenos cifres pálidos saltando de seu cabelo ensanguentado. Morto?

Soltou a maçaneta, correu até o sofá e ajoelhou-se nele, uma das mãos no peito de Andy, a outra na lateral de seu pescoço.

Quente.

E com pulsação.

Lenta.

Sentindo a pulsação no lado do pescoço de Andy, Rosemary respirou fundo e olhou para sua mão direita — para as unhas dos dedos crescidas até garras, e

para os dez centímetros de metal com cabeça chata, grosso como um lápis, saindo da palma ensanguentada. Que lunático fizera aquilo? Uma trilha de sangue seco descia pela parede de madeira escura.

Os tornozelos também estavam pregados? Abaixou a cabeça mas não conseguiu enxergar na escuridão atrás do sofá. Seus pés pareciam estar no chão, a julgar por sua altura e pelo esforço moderado nos braços. Rosemary sentiu o peito de Andy mexer.

— Andy? — disse Rosemary. Atrás dela, do outro lado da sala, ele falava sobre a Iluminação.

A cabeça de Andy se moveu, virando-se na direção dela, os chifres, do tamanho de dedões, projetando-se da linha do cabelo. Trêmula, acariciou a face do filho. Seu olhos abriram. Ela sorriu para ele.

— Estou aqui. Ouvi você. Achei que era minha imaginação! Sinto muito, querido!

Ele abriu a boca, tossindo; os olhos de tigre imploraram.

Rosemary virou para uma mesinha baixa, colocou um pé no chão e levantou uma garrafa de champanhe de um balde de gelo. Colocou a garrafa de lado e puxou o balde de gelo para perto de si. Ajoelhou novamente no sofá, mergulhou uma das mãos na água, molhou os lábios de Andy.

Pingou água na língua de Andy; ele sugou água de seus dedos, engoliu.

— Vou descer você — disse Rosemary. — Vou descer você...

Andy sugou água dos dedos de Rosemary, engoliu, fitando-a com olhos de tigre.

— Oh, meu anjo. *Quem* fez isso com você? Que animal poderia fazer isso?

Seu lábio superior tremeu sobre os dentes.

— P-pai... — disse ele.

Rosemary fitou profundamente seus olhos.

— O seu pai? — Enxugou as lágrimas com as costas das mãos, balançou a cabeça. — *Ele* esteve aqui? *Ele* fez isso com você?

— *Está* aqui... — disse Andy. — Ele *está* aqui...

Fechou os olhos; a cabeça tombou para a frente, os cornos apontando para o chão.



Talvez ele estivesse sofrendo alucinações, mas quem mais teria cometido tamanha atrocidade? Vingança contra Andy por ter traído seu plano? Pelas velas serem inofensivas?

Satã não estava na cozinha quando Rosemary a encontrou, nem saltou sobre ela quando abriu a geladeira.

Tirou a gaveta inteira de cubos de gelo e caminhou com ela até o banheiro; encontrou-o ao lado de um quarto com outra janela de céu invernal, ambos os aposentos revirados. No banheiro achou algumas toalhas limpas, um par de tesouras de barbeiro e uma garrafa de álcool; pegou duas gravatas no armário do quarto.

Ajoelhando no sofá, segurou uma toalha cheia de cubos de gelo perto da mão com unhas grandes como garras e do prego grosso. O prego estava firme no lugar; não havia como saber o quão profundamente atravessava o painel de madeira e o que quer que houvesse por trás. Rosemary torceu para o gelo contrair o metal — e anestesiar a mão de Andy contra a dor que decerto já estava excruciante; aliás, o adjetivo não era derivado dessa tortura?

Obrigou-se a esperar, observando o rosto tenso de Andy dormindo. Seus chifres não haviam afundado um pouco? Ou estava ficando acostumada com eles?

Mudou a mão que segurava a toalha — seus dedos estavam frios —, tentando mantê-la junto ao prego e à palma. Rosemary meneou a cabeça, pensando na crueldade de um ser que poderia fazer isso a *qualquer um*, quanto mais ao próprio filho. *Ele faz jus à sua reputação*, dissera Andy. Na verdade, ele

a superava; a pior definição que ela lembrava da Bíblia era “o pai das mentiras”. E que tal o pai da selvageria bestial?

Estremeceu ao recordar — pela primeira vez em muito tempo — os olhos amarelos flamejantes que fitara por um instante naquela noite, quando ele montara nela, à vista de todo o círculo de feitiçaria. Os olhos de tigre de Andy — Rosemary decidira quando ele ainda estava em seu berço — eram um meio-termo entre aqueles olhos infernais e seus olhos humanos. Nesse instante ocorreu-lhe que as características e talentos menos atraentes de Andy, como sua tendência a mentir e o poder para aliciar pessoas, também podiam ser apenas em parte herdados do pai. Belo pensamento.

Abaixou a toalha de gelo derretendo, colocou-a sobre a mesinha e levantou do sofá, limpando as mãos nas calças.

Arrastou a ponta do sofá para longe da parede em seu lado direito. Não havia pregos em seus tornozelos. Ela passou a mão para certificar-se — meias e tênis, nada de pregos.

Posicionou-se com as costas apoiando o quadril de Andy, o ombro sob seu braço. Com uma ponta seca da toalha, envolveu os vários centímetros de ferro que saíam de sua mão e segurou firme o prego.

— Fora — disse para o prego, puxando-o e empurrando-o, lentamente, não com tanta força. Andy gemeu, enquanto a trilha de sangue a partir de sua mão era renovada. — Preciso conseguir—disse Rosemary O prego se moveu na base. Com o máximo de delicadeza possível, começou a puxar e contorcer o prego através da mão perfurada, mantendo-a firme contra a parede. A maldita coisa tinha dezessete, vinte, vinte e dois centímetros de comprimento. Rosemary jogou-o longe; ele caiu no tapete.

Embrulhou outra toalha em torno da mão de Andy, amarrou-a firme com uma gravata e se virou na direção dele. Puxou o braço de Andy sobre seu ombro, tentando descobrir uma forma de mantê-lo firme de pé, enquanto passava por trás do sofá até a outra mão; mas Andy levantou o braço. Ela se abaixou, apoiando-o contra a parede, enquanto ele se virava e esticava o braço até o prego fincado na outra palma.

— Primeiro o gelo — disse Rosemary, mas ele já tinha segurado o prego com a mão envolta na toalha. Puxou o prego, os olhos cerrados de dor.

Madeira e alvenaria rangeram, e Andy caiu. Rosemary pegou-o, quase tombando sob o peso do filho, mas conseguiu equilibrá-lo enquanto o prego batia na mesinha. Curvou-se e ajudou-o a se deitar no sofá.

Rosemary puxou-o mais para a ponta do sofá, de modo a fazer seus tornozelos ficarem apoiados num braço e a cabeça no outro. Envolheu a mão esquerda ensanguentada num pedaço de toalha, amarrou-a e colocou-a ao seu lado, fixou o outro braço. Ficou parada por um instante, observando seu peito subir e descer debaixo do suéter da GC.

Rosemary também deu uma boa respirada, empurrando seus cabelos para trás.

Desamarrou os tênis de Andy e tirou-os, esfregou os pés dentro das meias.

Checou a contagem regressiva da Iluminação enquanto saía da sala: -3:16:04.

Pegou sabão no banheiro e uma bacia de água quente na cozinha e voltou até ele; desenrolou uma das mãos e em seguida a outra, retirou o sangue seco nos dois lados dos ferimentos. Lavou os ferimentos, passou álcool neles; amarrou-os com força com pedaços limpos de toalha.

Cobriu Andy com um tapete persa, lembrando, tinha certeza absoluta, de que ele pertencera à sala dos Castevet.

Andy precisava de uma vacina antitetânica, cuidados cirúrgicos e hospitalares; como ela poderia conseguir isso com seus cifres, garras e olhos à mostra?

Precisava confiar a verdade a Joe, não havia outra forma. Talvez, apenas talvez, ele conhecesse um médico de confiança ou que pudesse ser subornado para permanecer em silêncio.

Lavou o rosto de Andy e o sangue de seu cabelo; separou o cabelo e se deparou com uma linha de três centímetros de comprimento de sangue seco; deixou como estava.

Levou as coisas de volta para a cozinha, lavou as mãos na pia e removeu o sangue de sua suéter; colocou a gaveta de gelo de volta no congelador e encheu um copo de água gelada. Bebeu um pouco, encheu-o novamente.

Colocou o copo na mesinha e sentou-se no chão ao lado do sofá. Sentiu a testa de Andy. Fria, mas não muito. Tocou a ponta de um dos chifres, que pareciam de marfim.

Sentou-se no chão, encostando num dos lados do sofá, e repousou a cabeça contra o braço, perto de onde a cabeça de Andy descansava. Suspirou, fechou os olhos. Ouviu um chamado muçulmano à oração, mesclado com uma canção católica na voz de um tenor de ópera.

Abriu os olhos e observou quatro cenas diferentes em seis telas — duas igrejas, um estádio com painéis com motivos egípcios, a grande escadaria do QE2, imagens gêmeas do Sheep Meadow lá embaixo no Central Park — todos os mostradores em -1:32:54 e correndo. Dígitos vermelhos num relógio de mesa conferiam uma tradução: 17:29.

Estivera tão ocupada cortando toalhas, limpando ferimentos, que não percebera o quanto estava tarde. Joe já devia estar a caminho, ou quase. Não havia por que ligar para ele. Quando ela não atendesse à porta, Joe presumiria que ela subira mais cedo e viria para cá.

Observou as telas, ouviu os comentaristas, os âncoras, o coral mórmon.

Andy virou a cabeça. Rosemary virou a dela; os olhos de tigre de seu filho fitavam as telas.

— Olá — disse ela. — É bom ter você conosco. — Ele permaneceu em silêncio, vendo. — Com sede?

Ele fez um som com a garganta.

Rosemary se ajoelhou, aninhando no colo as costas de sua cabeça, segurando o copo enquanto ele bebia.

— Joe vai chegar logo — disse Rosemary. — Ele talvez conheça algum lugar para onde possamos levar você. Você ficará bem. — Rosemary abaixou a cabeça, pousou o copo.

Andy observou as telas.

— Está tudo correndo às mil maravilhas — disse Rosemary, movendo-se e pousando a cabeça de Andy no braço do sofá novamente.

Cabeças próximas, mãe e filho viram, ouviram.

— Ah, ouça... — disse ela, sorrindo.

Andy limpou a garganta e disse: — Três minutos depois que forem acesas, as velas começarão a libertar um vírus transportado por gás. Ele se espalha...

Rosemary se virou para ele.

— Um laboratório disse que não havia nada nas velas...

— Porque o laboratório não sabia o que estava procurando. Foi por causa disso que me pregaram aqui, para me impedir de dizer a você que ainda havia tempo de alertar o mundo. Eu ia fazer isso. — Engoliu em seco, olhou para ela. — Me sinto tão mal... Não consigo parar de pensar naquele menino, James...

Rosemary o fitou, enquanto o coro entoava o tema da Iluminação.

— Rosie? Você está aí?

— Joe! — gritou Rosemary. — Espere um segundo! — Ela começou a se levantar; a mão de Andy segurou-a pelo braço.

— Me sinto tão *culpado*, mãe — disse ele, os olhos de tigre lacrimejando. — Por ter mentido para você... sobre as velas, sobre ele... queria estar morto!

Ela se virou dele para Joe passando pela porta, alto e elegante — *terrivelmente* elegante — de cartola, gravata branca e *smoking*, um pacote de seda azul-celeste e dourada na mão enluvada, uma bengala na outra.

— Engraçado... — disse ele, deixando o pacote de seda cair numa cadeira. — Sempre achei que esta seria uma ocasião festiva, mas agora, quando finalmente chegou, percebo que “solene” é a palavra certa. Hum. — Ele colocou a bengala sobre a mesinha. Tirou a cartola, colocou-a ao lado da bengala. Apontou um dedo para Andy. — Sorte sua por ter uma mãe tão maravilhosa, porque, por mim, passaria o resto da eternidade pregado naquela parede.

Rosemary, de joelhos, segurando na ponta da mesa, levantou os olhos para ele.

— Joe — disse Rosemary.

— Oi, querida — disse ele, sorrindo para ela. — Hoje é a noite. — Piscou um olho amarelo flamejante.



Sorriu para Rosemary enquanto ela se colocava de pé olhando para ele, e Andy murmurava.

Deixou cair a primeira luva na cartola, puxou os dedos da outra luva.

— Eu *precisava* vir com ele — disse Joe, sorrindo para ela. Não podia confiar nele para conduzir o espetáculo sozinho, podia? Afinal, ele é meio-humano, e, portanto, sujeito a fraquezas. Não podia confiar nele com tanta coisa em jogo, de forma alguma. E eu estava certo ou errado, lhe pergunto? — Deixou a segunda luva cair na cartola.

Ela o fitou.

— Eu sabia que o dentista ia ser atropelado por um táxi ou algo assim — disse ele, ajeitando a gravata branca. — Eu sei a forma como aquela mente lá em cima trabalha. Isto é um grande jogo de xadrez, um jogo sem fim. Ele joga com as peças brancas, eu com as pretas. Ele fez o primeiro movimento, mas esta noite tomei todos os seus peões. — Joe sorriu para ela. — Tomei também seus cavalos, bispos e o rei. A rainha eu conservei. — Curvou-se para ela, piscou. — Aconteceu exatamente como previ. Você era a escolha lógica para amolecer o jovem comedor-de-boceta aqui. Assim, deixei Joe Maffia pronto para meu contra-ataque.

Ela o fitou.

— Que dama em apuros não recorreria a um ex-policia! que talvez, apenas talvez, possua as conexões certas na máfia? Alguém poderia ser mais útil caso ela precisasse de, digamos, um químico forense? Ou poltronas especiais para um espetáculo de sucesso ou uma missa? Ah, sim, lembranças de Mary Elizabeth e sua amante lésbica! — Sorriu para ela. — Quando *eu* entro numa catedral, querida, *todos* têm um ataque. Mas basta sobre minhas maquinações diabólicas. Orgulho! Esse é um sentimento do qual não consigo me livrar. — Balançou a cabeça, pegou o pacote de seda azul-celeste e dourado, desdobrou a saia e a

blusa de Rosemary, que envolviam as sandálias. Ofereceu-as.

Rosemary olhou para as roupas, depois para ele.

— Vá se trocar—ordenou. — E fique bem bonita; Andy tem a linha completa de Elizabeth Arden no banheiro de hóspedes. Ao lado do elevador.

Permaneceu imóvel, olhando para ele.

— Vamos — disse com um sorriso. — Anime-se, como ele diz nos comerciais. Vamos dançar um pouco. É um aquecimento melhor que este papo-furado. Tem uma pista fabulosa lá fora; é onde eu o ensinei. A dança é uma das poucas coisas que a sua espécie faz que mereça uma olhada.

Ela respirou fundo.

— Prefiro morrer. Honestamente.

— E? — Ele levantou as mãos com as roupas e os sapatos, balançou a cabeça. — Posso entender por que você se sente assim. É a sua espécie, afinal. Mais a criação católica. — Ele olhou para um dos pregos no tapete.

O prego de ferro ensanguentado levantou-se no ar, flutuou para o lado, elevou-se mais e ficou parado com a cabeça voltada para o teto, cerca de três metros acima do rosto de Andy.

Escolha um olho — mandou Joe/Satã, olhando para Rosemary, apontando com a cabeça para o prego flutuante.

Rosemary estendeu as mãos, rendendo-se.



— Apenas relaxe. Lembra? Eu faço o trabalho todo. Dançaram no assoalho escuro e lustroso diante do diorama reluzente—o East Side, a Ponte Whitestone, o bairro de Queens — sob nuvens em movimento.

Ele cantava junto com Fred Astaire: — Antes dos violinistas irem embora, antes que nos peçam para pagar a conta, e enquanto ainda temos a chance...

Apertou-a forte, seu pulso, sua mão.

Ei, ouça — disse Joe/Satã. — Sinto por ter sido tão rude ali dentro. E uma noite muito especial para mim, você deve entender isso, e estou um pouco empolgado. E não estou acostumado a ser contrariado, embora nosso filho venha fazendo muito isso ultimamente.

— E por causa disso você o pregou numa parede — disse Rosemary, sem olhar para ele.

Dançaram, um piano e uma orquestra a conduzi-los.

— Entenda, eu poderia ter mandado o círculo fazer o que era mais sensato quando você estava com eles, mas não fiz. Induzi seu coma, providenciei para que você ficasse num lugar bom e que as contas fossem pagas. — Ele a girou, enquanto Rosemary olhava em outra direção. — Olhamos nos olhos um do outro naquela noite, e não me diga que você não se lembra. Pode ter sido um momento assustador para você, um momento terrível, mas eu lhe garanto, para mim, foi empolgante e bonito. Um daqueles que acontecem uma vez na vida... na minha, mão na sua, se é que me entende... — Ele a deitou, levantou-a. — Talvez eu seja até mais esperto do que penso. Talvez eu soubesse, ou apenas torcesse, que, se você estivesse viva quando Andy começasse seu trabalho, nós teríamos a chance de nos olhar de novo nos olhos um do outro, numa situação mais agradável, mais civilizada... e que isso significaria, por assim dizer, a chance de uma continuação para nós.

Rosemary olhou para ele; ele sorriu para ela.

— Veja, estamos nos olhando — disse ele. — Você gosta dos olhos *dele*? Posso ficar com olhos de tigre. — Seus olhos ficaram tigrinos. — Gosta de Clark Gable? — perguntou-lhe Clark Gable, girando-a. — Posso interpretar Rhett Butler a noite inteira, Scarlett. — Gable abriu seu sorriso matreiro, deitando-a. — Podemos subir as escadas e garanto que a tela não escurecerá. — Joe/Satã a levantou. — Meus efeitos são muito especiais. — Ele piscou.

Ela olhou para outro lado; ele a fez girar e a puxou de volta. Astaire cantou: Haverá lágrimas para derramar...

Agora estamos chegando à parte boa. Para o caso de ainda não ter percebido para onde nossa conversa está indo... Estou falando sobre Juventude

Eterna, Rosie. Escolha sua idade: vinte e três, vinte e quatro, a que você quiser será sua para sempre. Sem dores, dormências ou aqueles pontinhos marrons... seu corpo funcionando como o motor de um Rolls-Royce. — Ela olhou para ele enquanto dançavam. — O que eu sempre prometo e raramente cumpro. Você é velha o bastante para gostar do que estou oferecendo, não é? Posso lhe dar não apenas os anos que você perdeu mas também os por vir, todos eles, num ambiente adorável totalmente diferente das cavernas flamejantes que você imaginou toda sua vida. Um serviço de quarto que deixa o daqui comendo poeira!

Virando com ele, Rosemary disse: — Você pararia a Iluminação se eu...

— Oh, por favor, não comece com *isso*. Não, eu não pararia. Nem posso, é tarde demais. Portanto, você tem duas opções: Juventude Eterna ou morte quando você descer. O gás se espalha, porém é mais pesado que o ar. É por causa disso que estamos aqui em cima.

— E quanto a Andy? — perguntou Rosemary.

Ele balançou a cabeça.

— Andy fica. Não preciso mais dele e não posso mais confiar nele, especialmente no que diz respeito a você. Podemos ter outros filhos, quantos você quiser; jovem para sempre, lembra? Pense nisso, Rosemary. Sei que é uma decisão difícil de se tomar, considerando todas as circunstâncias, a sua formação e tudo o mais, mas você é uma pessoa inteligente, capaz de deduções incríveis. Você me surpreendeu quando descobriu tudo aquilo sobre Judy. Tenho certeza de que você verá que essa é a única decisão que faz sentido.

Dançaram diante do diorama reluzente e das nuvens. Ele a virou, segurou-a, encostou a face na dela.

— Céu, estou no céu, e meu coração bate tanto, que mal posso falar...



A luz tremeluzente das telas, Rosemary sentou-se numa cadeira, braços cruzados, cabeça baixa.

Andy estava recostado com um cotovelo apoiado no braço do sofá, coberto pelo tapete persa, vendo TV com olhos de tigre. Abaixou a cabeça até o canudinho na lata de coca-cola que segurava entre o dedão e o indicador da mão protegida pela toalha.

Joe/Satã estava reclinado numa cadeira, os pés em meias de seda preta sobre uma mesinha, vendo com seus olhos amarelos flamejantes que se transformaram em olhos de tigre, comendo caviar da lata com uma colher. Olhou seu relógio com mostradores múltiplos, tomando cuidado para não virar a lata.

— Patifes, três minutos e vinte segundos e lá vão eles. Vejam o sujeito nos degraus. Estão vendo? E lá atrás, aquela mulher. Oh-oh, veja onde a vela caiu. — Ele balançou a cabeça, enfiou a colher direto no caviar. — Incrível a forma como eles conseguem cronometrar coisas assim! — Pegou sua taça de champanhe. Bebericou. — Esses sujeitos eram realmente bons — disse ele. — Para onde você está indo?

Rosemary deixou a sala.

Caminhou até a janela.

Ficou parada ali, testa colada no vidro.

Poeira dourada pairava sobre o parque, cinquenta e dois andares abaixo, poeira dourada nos campos de esportes, poeira dourada em Sheep Meadow, poeira dourada reluzindo até onde podia se ver, pouca em alguns lugares, mais intensa em outros.

Metade da cidade — a cúpula da GC entre eles — devia ter-se reunido para acender suas velas lá embaixo sob as árvores desnudas do meio do inverno. Atraídos por memórias druidas?

Chamas brilhavam em duas janelas na Quinta Avenida. No bairro de Queens, um fulgor vermelho enrubescia as nuvens.

Lá em cima, um ponto de luz em câmera lenta cruzava uma falha de nuvens onde o céu estava estrelado — um dos poucos vôos internacionais cujo horário não pudera ser remarcado. Mas o piloto acendera uma vela simbólica por todos os passageiros e membros da tripulação, que planejavam acender suas próprias velas quando o avião pousasse.

Lá embaixo, um pequeno cavalo trotava pelo lado do parque da Central Park South, puxando a carruagem. Outros cavalos e carruagens acompanhavam-no enfileirados. Carros e ônibus estavam parados, pontos dourados a rodeá-los.

Rosemary chorou.

Se ela tivesse subido na noite de quarta, quando ouvira pela primeira vez o chamado de Andy... Se não tivesse sua culpa para confundi-la...

Estremeceu.

Respirou fundo. Enxugou as bochechas com pulsos. Contou seis janelas com chamas no aclive da Quinta Avenida. Chamas agora em Queens.

Rosemary ouviu-o atrás dela. *Livrai-me do mal.*

— Vou ficar com Andy — disse ela.

E eu pensando que você era inteligente — disse Andy, de pé atrás dela.

Ela se virou para ele. Entreolharam-se.

— Vá com ele.

Como posso fazer isso? — perguntou Rosemary. — Não mereço nem velhice eterna. Nem mereço um dia a mais de vida.

Vá — disse ele. — Acredite em mim, é o que você deve fazer. Você ficará bem.

— Bem? — perguntou ela, os olhos lacrimejando. — Eu vou ficar *bem*? Com *cada pessoa do mundo morta, com você morto*, e eu *com ele*? Sua ânsia enlouqueceu você! Está louco!

— Olhe para mim — disse Andy.

Ela olhou para ele. Para seus olhos de tigre.

— Confie em mim desta vez — pediu Andy.

Ela o fitou.

— Mesmo?

Ele sorriu.

— E eu mentiria para você?

Sorriram um para o outro.

Inclinou-se sobre ele, acariciou-lhe a face. Ela ficou na ponta dos pés; ele se inclinou. Beijaram-se, castamente.

Sorriram um para o outro.

Andy caminhou para o lado, levantando a mão na direção de Joe/Satã, que esperava ao lado do cilindro de bronze com seu *smoking* e sua gravata branca, segurando a cartola.

Rosemary ficou parada um momento e então caminhou — crepe farfalhando, sapatos altos fazendo barulho — na direção dele.

Joe/Satã conduziu-a até a cabine vermelha e bronze. Ela se virou. Olhou para Andy parado diante do diorama reluzente e das nuvens, a mão levantada; então Joe/Satã entrou na cabine e a porta se fechou às suas costas.

Desceram vertiginosamente.

Ele colocou a cartola na cabeça de Rosemary, inclinou-a para trás, puxou um pouco de seu cabelo para fora.

— Você está linda — disse, sorrindo para ela.

Rosemary olhou para sua gravata branca. Realmente amarrada, nada de presilhas.

— Como vamos passar pelo gás? — perguntou.

— Não se preocupe com isso.

Olhou para ele sorrindo para ela, os números vermelhos 10-9-8 piscando acima de sua cabeça... L-B-G1-G2...

A cabine desceu ainda mais rápido.

Ficou mais quente.

Rosemary começou a suar. Fitou a gravata branca de Joe/Satã.

— Mal posso esperar para me livrar desta fantasia de macaco. *A de dentro*, quero dizer. Faz três malditos anos que estou com ela.

Suas mãos esticaram-se em garras — garras — e seguraram a gravata e o colarinho. Puxou-os, rasgando com eles partes de seu pescoço, revelando escamas verdes e pretas.

Ela fitou seus olhos amarelos flamejantes, cifres brancos arqueando na testa.

— Você disse que não haveria fogo no inferno!

— Rosemary, meu amor, entenda uma coisa... — grasnou ele, arrancando jaqueta, blusa, carne e revelando mais escamas verdes e pretas — *EU MINTO! Ainda não sabe disso?*

Coleou uma língua gigantesca na direção do rosto de Rosemary. Ela cerrou os olhos e gritou, enquanto era envolvida em seus braços.

— Rô! Rô! — gritou, abraçando-a e apertando-a, beijando-lhe a cabeça.

— Você está bem, você está bem!

Ela abriu os olhos, tossindo, chorando.

— Você está bem, você está bem...

Segurou a camisa de seu pijama de flanela, apertou um punhado de seu cabelo castanho e, tossindo, olhou em volta: um quarto, a luz do sol da manhã entrando pela janela.

Olhou para os quadros de Paris e Verona, para o anúncio de página inteira de *Lutero* com o círculo vermelho na parte inferior.

Desabou contra o peito dele, tossindo, chorando, recuperando a respiração.

— Oh, Guy! — disse Rosemary. — Foi *horrível*! E continuou, continuou.

Então eu dormi. Então começou novamente e continuou, continuou...

— Minha pobre querida... — disse Guy, abraçando-a, beijando-lhe a cabeça.

— Foi tão real!

— É isso que dá ler *Drácula* antes de dormir...

Ela se afastou de seus braços e olhou para o livro de bolso caído no chão.

Bram *Stoker*! — gritou. — Claro! — Recuperou o fôlego, enquanto ele se sentava ao seu lado. — Alugamos um apartamento numa velha casa chamada o *Bram* — disse Rosemary. — O Bramford! Primeiro ficava no centro da cidade, depois na Central Park West; primeiro era preto, depois rosa; primeiro tinha gárgulas, depois *não* tinha gárgulas... basicamente era o Dakota, só que seus apartamentos eram para alugar.

— Isso não seria maravilhoso? — comentou ele, voltando a se deitar na cama, bocejando, coçando-se por baixo da calça do pijama de flanela.

Virou-se e deu um soquinho no ombro dele.

— E você, seu rato! Você me emprestou para um bando de bruxos!

— Nunca, nunca! — disse Guy, rindo, segurando o pulso de Rosemary.

— E eu tive um bebê de Satã!

— Epa! — disse ele, empurrando-a para trás, ficando por cima dela. — Se isto vai virar uma daquelas conversas sobre bebês, tenho mais o que fazer.

Guy se levantou da cama e caminhou até o banheiro, deixando a porta entreaberta, enquanto ela se movia de gatinhas até o espelho de moldura dourada na parede ao lado da cama.

— Oh, *Deus*! — disse Rosemary, batendo no peito, inclinando-se sobre o vidro. Beliscou as bochechas, puxou o cabelo, beijou-o, olhou-se nos olhos, tateou a pele em torno deles, acariciou as faces, as mãos. — Eu estava *com cinquenta e oito*! Eu não *aparentava* ter cinquenta e oito, mas era a idade com que eu estava! Era *horrível*! Eu parecia a minha tia Peg!

— Ela não é a bonitinha?

— Sim, mas ainda vai ser... com cinquenta e oito? — Ela assobiou. — Uau, que alívio ser jovem outra vez! Foi tão real! A coisa toda foi tão real! — Sentou-se sobre os calcanhares, franziu a testa. — Era 1999. Era estranho. Meu filho e eu, éramos como... como Jesus e Maria... mas *muito* diferentes... — Balançou a cabeça, estudou novamente suas faces. Olhou com bastante atenção para elas. Percebeu uma mancha. — Preciso tomar mais cuidado com a minha pele.

— Foi bom eu ter acordado mais cedo. Vou até aquele teste aberto de *Drat! The Cat!*

— Era um sucesso em 1999 — disse Rosemary, checando em volta do olho esquerdo. Um *remake*.

— Vou dizer a eles. Tenho certeza que ficarão empolgados. Estou falando sério, é uma ótima frase de abertura. “Cavalheiros, tenho a satisfação de anunciar que vocês têm um sucesso nas mãos! Minha esposa é vidente e sonhou na noite passada que em 1999 haverá um *remake* desta peça!”

— Desde quando sou vidente? — perguntou ela, olhando no espelho, mexendo no seu cabelo para baixo e para cima.

— Ei, isto é *show biz*, lembra?

— Os patins tinham as quatro rodas alinhadas no centro.

— Não vou contar isso a eles.

Ela deu um risinho.

— Haverá uma enorme torre dourada em Columbus Circle — disse, olhando para si mesma segurando o cabelo atrás para parecer curto. — Era lá que eu vivia nessa parte que eu era velha.

— Onde *eu* estava na época?

— Ou morto ou não era famoso.

— Não sei o que é pior.

Ela sorriu com a piadinha.

— Acho que vou deixar Ernie cortar meu cabelo...

O telefone tocou. Ela se virou, encontrou o aparelho preto no segundo toque, atendeu-o.

— Alô? — disse ela.

Olá, meu anjo! Desculpe se a acordei!

— Hutch! — gritou Rosemary, rolando na cama, esticando o fio. — Você não pode *imaginar* o quanto estou feliz em ouvir sua voz! Acabo de ter um sonho horrroso! Um bando de bruxos tinha lançado um *feitiço* em você!

— Foi profético, porque é exatamente assim que me sinto. Estive numa bebedeira ontem à noite e estou agora no Racquet Club tentando curar a ressaca. Gerald Reynolds está aqui. Me diga, você e Guy já encontraram outro lugar?

— Não — respondeu, sentando. — E estamos desesperados. Precisamos sair até o fim do mês, quando o nosso contrato acaba.

— Você vai me abençoar, criança. Lembra que lhe falei sobre o apartamento de Gerald? Com aquela selva e os papagaios? No Dakota?

— Estávamos *falando* sobre ele agora mesmo! — disse Rosemary. — Sobre o Dakota, quero dizer! Não... o apartamento... — Segurou um tufo de cabelo com a mão livre, olhou para a frente.

— Ele precisa de alguém para ficar lá pelo menos um ano, talvez mais. Ele vai para casa trabalhar num filme de David Lean. Está desesperado à procura de alguém responsável para cuidar da flora e da fauna. Está de viagem marcada para depois de amanhã; uma prima dele estava preparada para se mudar, mas ontem foi atropelada por um táxi e ficará hospitalizada por uns seis meses, pelo menos.

Guy passou a cabeça pela brecha da porta do banheiro, metade do rosto coberta de espuma de barbear.

— Um apartamento?—perguntou.

Ela assentiu.

— Está aí?

— Sim — disse ela, trocando o telefone de mão, enquanto Guy se sentava ao seu lado; ele se inclinou para escutar com ela, segurando a navalha.

— O aluguel é de *graça*, meu anjo! Quatro quartos no Dakota, de frente para o parque! Você estará entre celebridades: Leonard Bernstein! Lauren Bacall! Um dos Beatles está interessado no apartamento em frente ao seu!

Rosemary e Guy olharam um para o outro.

Ela olhou para a frente, segurando uma mecha de cabelo.

Não quer conversar sobre isso com Guy? Embora eu não consiga imaginar o que haja para discutir. E melhor decidirem logo. Tem um amigo nosso aqui que está esperando para ligar para uma pessoa que também pode estar interessada. Posso aguardar um pouco, tenho mais uma moeda, mas ele está me olhando feio. Oh, antes que eu esqueça... Roast Mules? Tem exatamente três minutos e vinte segundos contados no relógio.

— Rosemary abaixou o telefone alguns centímetros.

Olharam um para o outro.

— Rosemary, você não pode deixar um *sonho* atrapalhar sua vida — disse Guy. — Ninguém deixaria! Aluguel grátis? No Dakota?

Ela olhou para a frente.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Alan Ladd Jr. e a Andrew Wald, por me tirarem do sofá para o computador, e também às seguintes pessoas, pelos conselhos, paciência e amizade (pelo menos dois em três em cada caso): Adam e Tara Levin-Delson, Jed e Suzanne Levin, Nicholas Levin, Phyllis Westberg, Michaela Hamilton, Howard Rosenstone, Wendy Schmalz, Patricia Powell, Herbert E. Kaplan, Peter L. Felcher, Julius Medwin e Ellie e Joe Busman.

A charada *Roast Mules* me foi apresentada num casamento há sete anos por um homem que conheço apenas como o pai da atriz Bebe Neuwirth. Eu o xinguei por muito tempo — com delicadeza, por causa de sua filha, mas agora sou grato a ele também. A solução para a charada é honesta e agradável. Não gastem selos comigo.

I.L.

Nova York 1997

IRA LEVIN nasceu em Nova York em 1929. Todos seus seis romances anteriores tornaram-se best-sellers internacionais e estão traduzidos para as principais línguas do mundo. Ele ganhou dois Edgar Allan Poe Awards.

Dramaturgo, letrista de canções e romancista, Levin escreveu *Deathtrap*, a peça de suspense que permaneceu mais tempo em cartaz na história da Broadway, e as letras da canção *He Touched Me*, um clássico de Barbra Streisand.

Este livro foi composto na tipologia Caslon Old Face em corpo 12/15 e impresso em papel Offset 75g/m² no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

